

IDENTIDADE CULTURAL E O VALOR DO LUGAR NO CONTEXTO CHILENO

O CASO DE PINOBUACHO



JOANA DE ALARCÃO E SILVA COIMBRA MARTINS

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
sob orientação do Professor Catedrático José António Bandeirinha
e co-orientação da Arquitecta Carolina Coelho

Departamento de Arquitectura, FCTUC, Setembro de 2017

IDENTIDADE CULTURAL E O VALOR DO LUGAR NO CONTEXTO CHILENO

O CASO DE PINOBUACHO

JOANA DE ALARCÃO E SILVA COIMBRA MARTINS

O presente documento não segue o acordo ortográfico de 1990.
São utilizadas normas APA para citações e referência.
As citações não foram traduzidas, encontram-se na língua original das edições consultadas.

Agradeço

à Professora Carolina Coelho, que de forma atenta, dedicada e comprometida acompanhou este trabalho desde o primeiro dia,
ao Professor José António Bandeirinha pela pertinente orientação do tema,

aos arquitectos do Grupo Talca, Rodrigo Sheward e Martín del Solar,
pelo entusiasmo e disponibilidade que sempre demonstraram,

a todos os meus amigos e família que partilharam comigo esta jornada.

O Chile é um país com uma grande extensão territorial. De desertos a glaciares, montanhas a costa, este país apresenta uma variedade de características geográficas difíceis de igualar. Povoador por indígenas locais e colonos que chegavam de todas as partes do mundo, não possuía uma tradição cultural homogênea, o que permitiu às características territoriais ganhar posição de destaque na definição da identidade cultural do país. Deste modo, o património chileno assenta no seu território e na forma como as várias comunidades dele se apropriaram e construíram a sua forma de habitar. Neste sentido, o lugar assume um valor importante neste contexto e a forma como é caracterizado, uma especificidade relevante de analisar e considerar nas obras de arquitectura.

Tomando como ponto de partida a intervenção realizada pelo Grupo Talca em Pinohuacho, no ano de 2006, são explorados os valores de identidade e cultura associados não apenas à comunidade com a qual estes arquitectos trabalharam mas também ao lugar que a motivou e que esta passou depois a caracterizar. Concordante com a cultura chilena, em que os habitantes participam no processo de construção do seu espaço de habitar, trata-se de uma obra que procura responder a preocupações sociais e territoriais. Pinohuacho era uma comunidade de lenhadores que, por motivos de sustento, ponderava procurar soluções noutras lugares. Neste sentido, corria o risco de desaparecer e, com ela, o lugar que habitavam. A intervenção do Grupo Talca passou portanto por criar uma dinâmica no local que permitisse a sua manutenção. Para isso, os arquitectos partiram do reconhecimento do lugar, numa procura por perceber os problemas e as valências que apresentava, para o qual o contributo dos habitantes se revelava fundamental no sentido de informar o desenho da proposta a realizar.

Apesar de se apresentar como uma intervenção simples e de pequena escala, o impacto e os resultados que obtém revelam a pertinência em conhecer valores, cultura e necessidades locais, permitindo assim conferir um sentido estratégico à intervenção. Esta abordagem, que deriva da posição da escola de Talca, onde os

arquitectos do grupo, Rodrigo Sheward e Martín del Solar, realizaram o seu percurso académico, surge como resposta à especificidade do contexto cultural chileno. Neste sentido, é também importante estudar de que forma a realidade do país motiva estas intervenções e como é que outros arquitectos a interpretam e incluem nos seus projectos.

Edward Rojas, arquitecto cujo trabalho se centra em Chilóe, arquipélago que se localiza na região Sul do Chile, revela a forma como a identidade local pode ser materializada e como a reinterpretação dos seus elementos tradicionais pode ter um papel fundamental na sua preservação. A sua posição parte de um reconhecimento local, para o qual o contacto directo com os habitantes das povoações da região se revela crucial. Também, o trabalho desenvolvido pelo arquitecto Alejandro Aravena no complexo habitacional *Quinta Monroy*, no centro da cidade de Iquique, localizada a Norte do país, revela preocupações semelhantes. Neste projecto, o arquitecto toma a vertente participativa, que caracteriza a cultura chilena, como elemento chave no desenho do mesmo. Ao incluir os habitantes na caracterização dos seus espaços de habitar, conseguia a sua adequação às necessidades individuais dos residentes bem como a criação de uma relação de proximidade e pertença, tão importante para a comunidade que ali vivia.

Em suma, pretende-se uma reflexão sobre as potencialidades da arquitectura nas possíveis abordagens ao território, tanto no sentido de construção de significado, como no de preservação do legado cultural e local existente. Neste sentido, torna-se pertinente estudar de que forma o lugar, o Homem e a obra arquitectónica interagem, como é tida e mantida a relação entre estes três elementos e que resultados permitem. A forma como a arquitectura chilena incorpora esta problemática revela-se um exemplo e contributo importante à prática arquitectónica contemporânea e, por isso, pertinente de ser abordada.

Palavras-chave: identidade cultural, comunidade, projecto participado, memória, legado cultural.

Chile is a country with a great territorial extent. From deserts to glaciers, mountains to shore, this country presents an unparalleled variety of geographic characteristics. Populated by local indigenous and settlers that arrived from all parts of the world, it didn't have an homogeneous cultural tradition, which allowed for the territorial characteristics to be featured as the country's cultural identity. Thus, Chilean heritage lies on its territory and in the way communities have appropriated it and built their way of dwelling. In this sense, the value of place is of great importance in this context and the way it is characterized, a specificity relevant to be analyzed and considered in works of architecture.

Taking as stand point the intervention Grupo Talca performed in Pinohuacho, in 2006, the values of identity and culture are here explored not only in relation to the community with whom these architects worked with but also to the place that lead to it and that it later on characterized. In accordance to the Chilean culture, where the inhabitants participate on the construction process of the places they inhabit, this work addresses social and territorial concerns. Pinohuacho was a woodcutters community that, by lack of provisions, was considering to find solutions elsewhere. In this sense, it faced the risk of disappearing and, with it, the place it inhabited. Grupo Talca's intervention intended the creation of a dynamics in the place that would allow for its maintenance. For it, the architects started off by performing local recognition, in search for its problems and virtues, for which the contribution of the inhabitants was found as fundamental so as to inform the design of the proposal.

Even though it was a small scale simple intervention, the scope and results it accomplished reveal the pertinence in getting to know local values, culture and necessities, allowing for a strategic input to the intervention. This approach, that derives from Talca school's stand point, where the architects of the group, Rodrigo Sheward and Martín del Solar, studied, emerges as a response to the specificity of the Chilean cultural context. In this sense it is also important to study the way in which the reality of the country influences such interventions and how other architects interpret it and include it in their projects.

Edward Rojas, architect whose work is centered in Chiloé, an archipelago placed in the southern region of Chile, reveals how the local identity can be materialized and how the reinterpretation of its traditional elements can play a fundamental role in its preservation. His stand point derives from local recognition, for which the direct contact with the inhabitants of the settlements of the region is taken as crucial. Also, the work the architect Alejandro Aravena develops in the housing complex *Quinta Monroy*, in the center of the city of Iquique, located in the North of the country, reveals similar concerns. In this project, the architect takes the participative approach, that characterizes the Chilean culture, as key element to its design. By including the inhabitants in the characterization of their inhabiting spaces, he accomplished its suitability to the resident's individual needs as well as the creation of a proximity and sense of belonging, so important for the community that lived there.

In conclusion, it is intended a reflection on the potentialities of architecture in its possible approaches to the territory, either with the purpose of constructing meaning, or of preserving the existing cultural and local legacy. In this sense, it becomes pertinent to study the way in which the place, Man and the work of architecture interact, how the relationship between the three is taken and maintained and what results it allows for. How the Chilean architecture takes on this issue reveals itself as an example and important contribute for contemporary architectural practice and, hence, pertinent to be addressed.

Keywords: cultural identity, community, participatory design, memory, cultural legacy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	I
PARTE I. PINOBUACHO:	
CASO PARTICULAR DA INTERPRETAÇÃO DO LUGAR NO CONTEXTO CHILENO	13
1.1 A INTERVENÇÃO EM PINOBUACHO, GRUPOTALCA, CHILE, 2006	17
1.2 INTERPRETAÇÕES DA ESPECIFICIDADE DA OBRA E DO GRUPOTALCA: ENTREVISTA E CONSIDERAÇÕES	45
1.3 A ESCOLA DE TALCA A CULTURA CHILENA	71
PARTE II. IDENTIDADE E LUGAR NO CONTEXTO CHILENO: DO CASO PRINCIPAL AO CONTEXTO TERRITORIAL	113
2.1 IDENTIDADE LOCAL MATERIALIZADA: EDWARD ROJAS E O <i>TECHO FERIA DE DALCAHUE</i> , CHILOÉ, 1978	123
2.2 CULTURA PARTICIPATIVA CHILENA: ALEJANDRO ARAVENA E A <i>QUINTA MONROY</i> , IQUIQUE, 2004	149
PARTE III. REFLEXÃO FINAL: HOMEM, LUGAR E ARQUITECTURA NO CONTEXTO CHILENO	177
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	193
SUMÁRIO DE IMAGENS	205
ANEXOS. ENTREVISTA AO GRUPOTALCA	215

Como resultado da oportunidade de residir e estudar no Chile durante um ano, foi possível o contacto com o estilo de vida dos seus habitantes e a participação em situações que mostraram de forma muito clara a relação que a população chilena estabelece com os seus lugares de habitar. Enquanto aluna da *Escuela de Arquitectura de la Pontificia Universidad Católica de Valparaíso*, durante o ano lectivo 2015-2016, pude tomar contacto com processos construtivos e a forma de pensar destas pessoas que, em articulação com os seus valores culturais, permitem explorar conceitos de grande relevância no campo da arquitectura. Foi sem dúvida uma experiência marcante e que, apesar do contacto próximo e directo que estabeleci com esta nova forma de estar, o meu distanciamento cultural, derivado da minha origem portuguesa, permitiu apontar de forma clara e concreta estes aspectos e a pertinência em estudá-los de forma mais aprofundada.

Ainda que, pela experiência pessoal, as diferenças culturais fossem relativamente fáceis de indicar, a perspectiva sob o qual foram interpretadas e que gerou o tema que esta dissertação se propõe abordar, ganhou apenas forma quando a este percurso se juntaram duas referências bibliográficas importantes: o livro *Architecture Without Architects* escrito por Bernard Rudofsky em 1964, e o capítulo “Os sentidos do debate internacional” do livro *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974* escrito pelo Professor José António Bandeirinha, inicialmente publicado na sua dissertação de doutoramento apresentada em Dezembro de 2001. O primeiro, no sentido em que permitiu apontar a forma como o espaço construído pode indicar valores, tradições e vivências, que ganham maior expressão quando em comunidades específicas. O carácter que o espaço físico revela indicia características e aspectos culturais das pessoas na sua relação com o lugar em causa, conferindo-lhe identidade. Foi a partir desta leitura que as atitudes que pontuavam o território chileno se tornaram claras e pertinentes de serem estudadas. O segundo pela forma como estes dados podiam ser usados para informar o trabalho do arquitecto na sua abordagem ao território e no trabalho com comunidades específicas.

Recordando a conversa informal com Rodrigo Sheward, onde tomei conhecimento da intervenção realizada pelo Grupo Talca, do qual faz parte, em Pinohuacho no ano de 2006, em articulação com os temas que os livros acima mencionados levantam, permitiu apontar uma característica própria do contexto chileno. Nesta obra verificava-se que a relação dos habitantes com o lugar era evidente e a manutenção do mesmo assentava na preservação desta relação, para o qual o contributo dos habitantes e a inclusão dos elementos que lhe conferiam significado se tornavam fundamentais. Sendo o Chile um

país onde a relação do Homem com o ambiente circundante é tida como factor de grande importância, o interesse surge em estudar de que forma se pode dar esta relação e qual o papel da arquitectura e do arquitecto em potenciá-la.

Apontada a problemática, a presente dissertação procura responder à seguinte questão de investigação: Apoiando-se na relação entre a comunidade e o território, de que forma pode a obra arquitectónica preservar e potenciar valores culturais e locais? E de que forma é que esta relação é interpretada e valorizada no contexto chileno?

Assim, esta dissertação pretende ser uma reflexão sobre as potencialidades da arquitectura em preservar e potenciar valores específicos de uma comunidade e de um lugar. Para isso, é necessário explorar o valor de identidade que permite a distinção entre várias comunidades dentro da mesma cultura, para o qual se toma o projecto de Pinohuacho como caso de estudo e protagonista do trabalho, pela forma como responde às questões colocadas.

No sentido de contextualizar esta proposta, é importante analisar as premissas sobre as quais assenta o trabalho dos arquitectos que conduziram este projecto, confrontando-as com a realidade que os acompanhou no seu período de estudos e aquelas sobre as quais actualmente trabalham. No entanto, apesar de ser a obra que, até ao momento, melhores resultados apresenta, relativamente à escala da intervenção, ao processo desenvolvido e aos resultados obtidos, não é a única no Chile a revelar preocupações relativas à presença de identidade cultural associada ao território. Assim sendo e no sentido de comprovar que é uma atitude que se estende ao país, torna-se relevante tratar outras situações e abordagens, focadas também nesta preocupação, com o objectivo de clarificar e reforçar a particularidade da intervenção que esta dissertação toma como ponto de partida.

Com o intuito de reflectir sobre os aspectos relativos à identidade em arquitectura, que o caso em estudo levanta, revela-se pertinente abordar temas e conceitos específicos da relação entre o lugar e os seus habitantes, o papel da comunidade na construção do seu espaço de habitar e o valor do legado e da memória no ambiente construído. Em suma, parte-se de um caso de estudo singular que serve de mote para explorar estas questões, derivadas da relação que existe entre o Homem, a obra e o lugar, ciente do contexto em que surgem, para sobre elas tecer uma reflexão crítica.

No sentido de responder aos objectivos estabelecidos procura-se, através de uma entrevista realizada ao Grupo Talca, compreender as motivações que levam o grupo a desenvolver projectos que contam com a participação dos habitantes, tanto na

fase de concepção como na construção das suas propostas, para assim apontar aquilo que os distingue no panorama dos projectos participados. Atendendo ao caso em estudo seleccionado, a intervenção em Pinohuacho, obra mais singular e representativa da forma de pensar destes arquitectos chilenos, até ao momento, são consultados e analisados documentos, apresentações e entrevistas que abordam pormenorizadamente a obra em questão.

Depois deste apontamento detalhado, tenta-se compreender melhor o contexto social, cultural e económico de onde surge, alargando a investigação para o país. Neste sentido, são analisadas outras propostas chilenas que partem da premissa de inclusão dos habitantes no seu desenvolvimento, acompanhadas de uma análise crítica e comparativa que incide tanto nos processos que tomam como nos resultados obtidos, confrontando sempre o contexto em que surgem. Para isso foi necessário avaliar de que forma o pensamento dos arquitectos responsáveis foi materializado, assim como o testemunho de profissionais, habitantes e eventualmente outros intervenientes, registados em livros, documentários e entrevistas.

Em concordância com o tom reflexivo que a presente dissertação pretende tomar, é ainda importante analisar os trabalhos escritos de filósofos e antropólogos que se revelam pertinentes por estabelecerem um cruzamento com o campo da arquitectura e incidir em questões relativas à produção e interpretação do espaço.

Com o intuito de reproduzir o encontro que levou à intenção de abordar este tema e, deste modo, introduzir o leitor na realidade que caracteriza o contexto chileno, começa-se por apresentar o caso que motivou o interesse em abordá-lo na presente dissertação. Considerada relevante pela forma como expõe os aspectos característicos da cultura deste país, procura-se apontar na intervenção em Pinohuacho os aspectos que lhe conferem essa especificidade para depois sobre eles tecer considerações relativamente ao papel da arquitectura e à abordagem do arquitecto neste projecto. Neste sentido a primeira parte do documento foca-se no caso em estudo seleccionado, o *Casetón-mirador* realizado pelo Grupo Talca, constituído pelos arquitectos Rodrigo Sheward e Martín del Solar, em conjunto com a comunidade de Pinohuacho, no ano de 2006. A análise feita é relativa ao contexto em que surge, a abordagem que toma e os resultados que apresenta. Motivados por questões maioritariamente económicas, os habitantes ponderavam sair da localidade para irem viver para as cidades onde as oportunidades de trabalho, aparentemente, se multiplicam. No entanto, deixando de ser habitado, o lugar deixa de existir como tal,

perdendo-se no território. Esta leitura foi feita pelos arquitectos, então estudantes, que intervêm junto da comunidade, de modo a impedir este acontecimento, propondo-se ajudar na sua reestruturação. Para isso, procuraram compreender os motivos pelos quais se tornava insustentável subsistir no lugar e perceber o valor que ele tinha para os seus habitantes. Foi portanto uma intervenção que surgiu da necessidade de preservar o lugar para o qual era necessário preservar a cultura local existente. Apesar de ter resultado numa obra simples e que usou apenas recursos locais, conseguiu responder de forma satisfatória ao problema que era colocado, enquanto permitiu também a valorização do lugar. O papel do arquitecto foi de intermediário nesta relação entre os habitantes e o lugar que, pela sua posição exterior à comunidade, conseguiu apontar as suas valências e potenciá-las da forma indicada, para o qual o contributo das pessoas em todas as fases do processo era fundamental.

Na segunda parte, procura-se mostrar que a preocupação e os valores que o caso em estudo evoca podem ser também apontados noutras intervenções realizadas no Chile. No sentido de comprovar esta transversalidade, é importante analisar outras propostas identificadas como pertinentes relativamente à forma como abordam os temas que o caso principal levanta, para os quais se apontam dois projectos. O primeiro é o trabalho de Edward Rojas e a forma como a interpretação que este arquitecto faz do território se reflecte nas obras que constrói, das quais a obra *Techo Feria de Dalcahue*, realizada no ano de 1978 se revela mais representativa. Arquitecto chileno, tomou apenas contacto com Chiloé, região onde se centra o seu trabalho, quando terminava o curso de Arquitectura. Encantado com a especificidade das construções e a forma como espelhavam a apropriação que havia sido feita àquele território, procurou incorporar nas obras que produzia os elementos que apontava serem característicos do lugar, e por isso, conferentes de significado. No entanto, através do contacto com os habitantes, percebeu que havia motivos por trás daquela forma de fazer que iam além da sua condição física em específico, mas para os quais esta estava adequada. Neste sentido, procurou tomar conhecimento destes aspectos específicos e que caracterizavam a cultura por forma a incorporá-los nas propostas que produzia, agora com um olhar crítico e informado das condicionantes culturais do lugar. Neste processo encontrou o que chamou de “*arquitectura del lugar*” que, para que pudesse ser preservada, tinha de responder às necessidades que a mudança dos tempos tinha imposto. Tal como o Grupo Talca, produz uma arquitectura que assenta em valores que conferem identidade ao lugar onde se insere, de uma forma crítica que procura promover a sua preservação.

Em ambos os casos os arquitectos envolvidos recorrem ao diálogo com os habitantes, no sentido de apontar estes elementos que compõem a identidade cultural da comunidade e que, por isso, valorizam o lugar. Neste sentido, a comparação que é feita neste capítulo é relativa aos arquitectos, a posição de Edward Rojas em relação com a do Grupo Talca na forma como encaram os lugares com os quais trabalham.

Com o segundo projecto que surge em análise comparativa com o caso principal, o *Quinta Monroy*, realizado no ano de 2004 em Iquique e liderado pelo arquitecto chileno Alejandro Aravena, pretende-se mostrar o modo como o valor do lugar pode ser mantido quando a intervenção no local supõe uma demolição total do edificado existente. Percebendo a pertinência em preservar o sentimento dos habitantes associado ao lugar onde residiam, o arquitecto, procura manter presentes os elementos que lhe conferiam identidade. Neste sentido, o contributo das pessoas que ali habitavam foi fundamental para definir o desenho do projecto e por forma a garantir o sucesso que veio depois a revelar. Apesar do arquitecto ter elaborado outros trabalhos que retratam situações e abordagens semelhantes, esta foi a primeira vez em que pôde colocar em prática as suas ideias, relativas à forma de lidar com o problema da habitação nas cidades, e a que melhores resultados demonstrou tanto no sucesso da abordagem como da conquista em conseguir preservar o sentimento associado e um lugar que já existia, sendo por isso a mais pertinente de abordar neste documento. Tal como no caso principal apresentado, a questão da produção de uma obra que gerasse um retorno económico foi fundamental no sentido de permitir às pessoas cuidar dos espaços e de lhes garantir a possibilidade de os preservar, revelando-se por isso propostas sustentáveis. Neste sentido, a comparação que é feita neste capítulo é relativa às obras, o projecto de Pinohuacho em relação ao da *Quinta Monroy*. Apesar de assumirem escalas de intervenção muito distintas, ambas as obras tomam como factor principal a participação activa dos habitantes por forma a assegurar a manutenção do significado que o lugar tinha e assim preservar o seu legado cultural.

O aspecto comum a todos estes casos, e o tema sobre o qual incide esta dissertação, é o valor que está associado ao lugar que adquiriu o carácter que tem pelas pessoas que o habitam. No sentido de agir em concordância com este aspecto, fundamental de preservar, os arquitectos procuram então o contacto directo com os habitantes dos lugares onde intervêm como forma mais próxima de compreender a realidade subjacente aos mesmos e também de garantir que o sentimento de pertença que lhes está associado não é colocado em causa com uma intervenção que não se adequa à vivência que o caracteriza. O caso principal em estudo apresentado introduz

a importância em considerar estes aspectos nas abordagens dos arquitectos e os outros dois projectos confirmam que é uma preocupação que caracteriza o contexto chileno. Neste sentido, a última parte pretende apresentar uma reflexão sobre as potencialidades da relação entre o Homem, a obra e o lugar, e o papel do arquitecto na sua interpretação, para os quais os livros escritos por Martin Heidegger (2001, primeira edição: 1971), Christian Norberg-Schulz (1979), Christopher Alexander (1979) e Gaston Bachelard (2014, primeira edição: 1958), servem de suporte teórico.

Pretende-se concluir com a transposição destas reflexões para os casos apontados e assim voltar o foco novamente para a especificidade do contexto chileno relativamente à forma como aborda a identidade cultural e o valor que confere ao lugar. Sendo que o contexto chileno foi ao longo do documento apontado como específico nesta relação e o caso principal como singular na abordagem que tomou e nos resultados que obteve, o título da dissertação reflecte essa especificidade: “o caso de Pinohuacho”.

PARTE I - PINOHUACHO

CASO PARTICULAR DA INTERPRETAÇÃO DO LUGAR NO CONTEXTO CHILENO

CASO PARTICULAR DA INTERPRETAÇÃO DO LUGAR NO CONTEXTO CHILENO

A obra em destaque na presente dissertação, realizada no ano de 2006, é resultado de um trabalho conjunto dos arquitectos que constituem o Grupo Talca, Rodrigo Sheward e Martín del Solar, e a comunidade rural de Pinohuacho. Motivados pelo pedido habitual da escola de Talca aos seus alunos finalistas, a construção de uma obra que sirva um lugar ou uma comunidade, os agora arquitectos, propuseram-se resolver o problema da eminente desertificação de uma localidade rural.

Na análise ao local, procuraram perceber qual a razão que levava os habitantes a abandonar o lugar que os alojava há décadas, no sentido de compreender o problema na sua totalidade e o poderem abordar na sua raiz. Junto destas pessoas, trabalharam na definição de uma estratégia de intervenção adequada aos recursos disponíveis e com vista aos objectivos estabelecidos. Contaram com a participação activa dos habitantes do lugar em todas as fases do processo, o que tornou a proposta e o futuro do lugar sustentáveis.

Apesar da sua simplicidade, esta obra cumpriu a sua função e resultou numa nova economia local capaz de responder às necessidades da comunidade, permitindo não só a permanência no lugar mas também a manutenção da identidade ali criada. Hoje, tornam-se necessárias novas e mais construções de apoio que respondam às condicionantes que moldam agora a comunidade e, reconhecendo o valor do arquitecto, estas pessoas procuram agora o seu contributo, o que antes não acontecia. As alterações e o impacto do trabalho destes profissionais em Pinohuacho não tomou apenas a forma física, mas também a atitude e forma de pensar destas pessoas.

É um caso que se revela pertinente na forma como foi abordado, no processo conduzido e nos resultados obtidos e por isso importante de ser analisado de forma detalhada. Neste sentido, começa-se pela descrição e caracterização da obra e do processo levado a cabo, procurando assim justificar o sucesso dos resultados obtidos. A esta parte segue-se uma análise do contexto quer dos arquitectos envolvidos na intervenção quer do próprio lugar, situado na *Region del Maule* chilena, procurando assim clarificar os motivos do interesse neste tipo de abordagens.

Por sua vez, a últimas partes deste capítulo, referem-se aos temas que este caso evoca, relativos à necessidade apontada, ao modo como se procedeu a intervenção e as valências que apresenta para a comunidade arquitectónica. O papel do arquitecto e a forma como actua sobre o território é aqui colocado em condição de destaque.

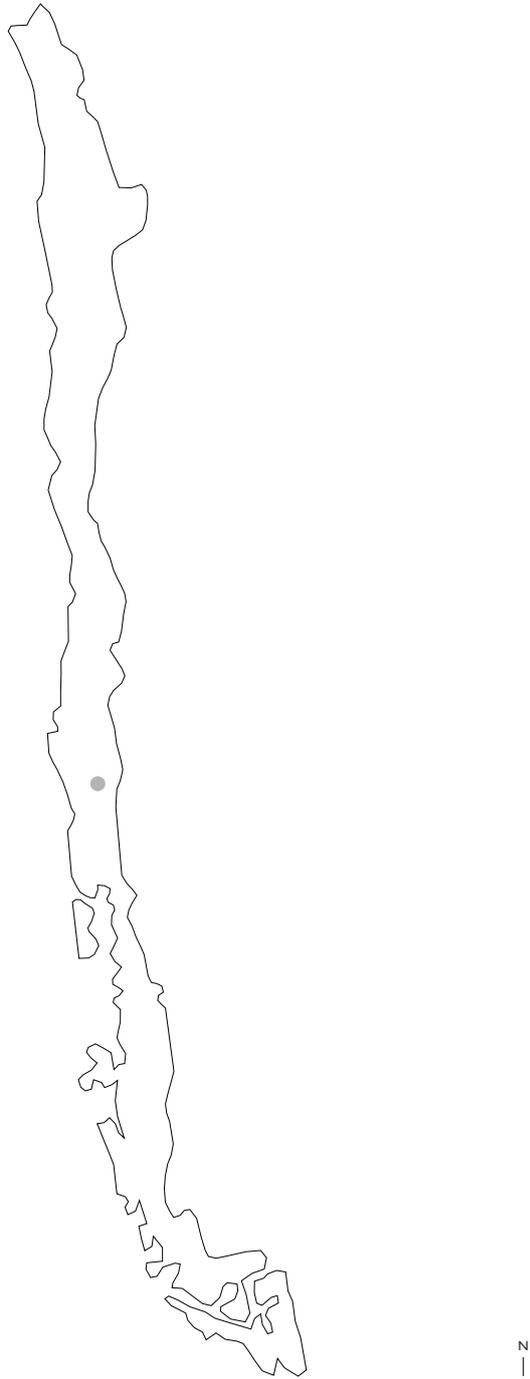


Figura 1.1 Mapa do Chile com referência à cidade de Villarrica. [Fonte: Desenho realizado pela autora da dissertação]

I.1 A INTERVENÇÃO EM PINOHUACHO, CHILE, 2006

Pinohuacho, uma povoação localizada na IX Região chilena, dista 40km da cidade mais próxima, Villarrica [ver figura 1.1]. Como é característico da Região Sul do país, encontra-se rodeada por um intenso bosque composto por árvores antigas, altas e densas, que no caso deste lugar eram das espécies *coigüe*, *mañio* e *tepa*¹. No entanto, o manto verde desta região é interrompido por lagos e vulcões que conferem às localidades e povoações um carácter único. A partir de Pinohuacho avista-se, por um lado, o Vulcão e Lago Villarrica e, por outro, os Lagos Calafquén e Panguipulli, que conferem a este lugar paisagens singulares [ver figura 1.2].

Rendidos à sua beleza, os habitantes faziam o que podiam para ali continuar a viver. Uma vez que o lugar providenciava os recursos necessários à sobrevivência dos seus habitantes, foi persistindo de forma autónoma e isolada das restantes localidades da região. No entanto, estes tornavam-se escassos e os habitantes viviam com dificuldades. A procura por algum conforto fazia-os colocar em questão a sua permanência naquela povoação, ponderando juntar-se aos seus filhos que já se tinham mudado para cidades. Acessível apenas por uma estrada de terra e sem constar nos mapas referentes às localidades do país, ao tornar-se desabitado, o lugar desapareceria na imensidão do território chileno, diluindo-se entre os vales, lagos e vulcões que caracterizam a região.

Esta comunidade surgiu em 1940 com a chegada de um casal àquelas terras que, junto com os seus filhos, se dedicaram à pequena agricultura e ao trabalho da madeira, aproveitando os restos deixados pelas empresas florestais que até ao ano de 1945 devastaram aquele bosque nativo (Grupo Talca, 2016). Com a chegada de outras pessoas e famílias, forma-se a comunidade de Pinohuacho. Dotada de lenhadores, carpinteiros e “*mueblistas*”², a povoação era auto-sustentável. No entanto, uma vez que os tipos de árvores que compunham o bosque se encontravam em vias de extinção, optaram por usar apenas aquelas que já tinham sido cortadas e deixadas no solo. Usavam estes troços para lenha e construção de móveis para venda, mas como já o faziam há vários anos era um recurso que estava a terminar.

A proximidade desta localidade ao agitado Vulcão Villarrica contribuiu para

1 Madeiras típicas da região.

2 Carpinteiro que se dedica à construção de móveis.

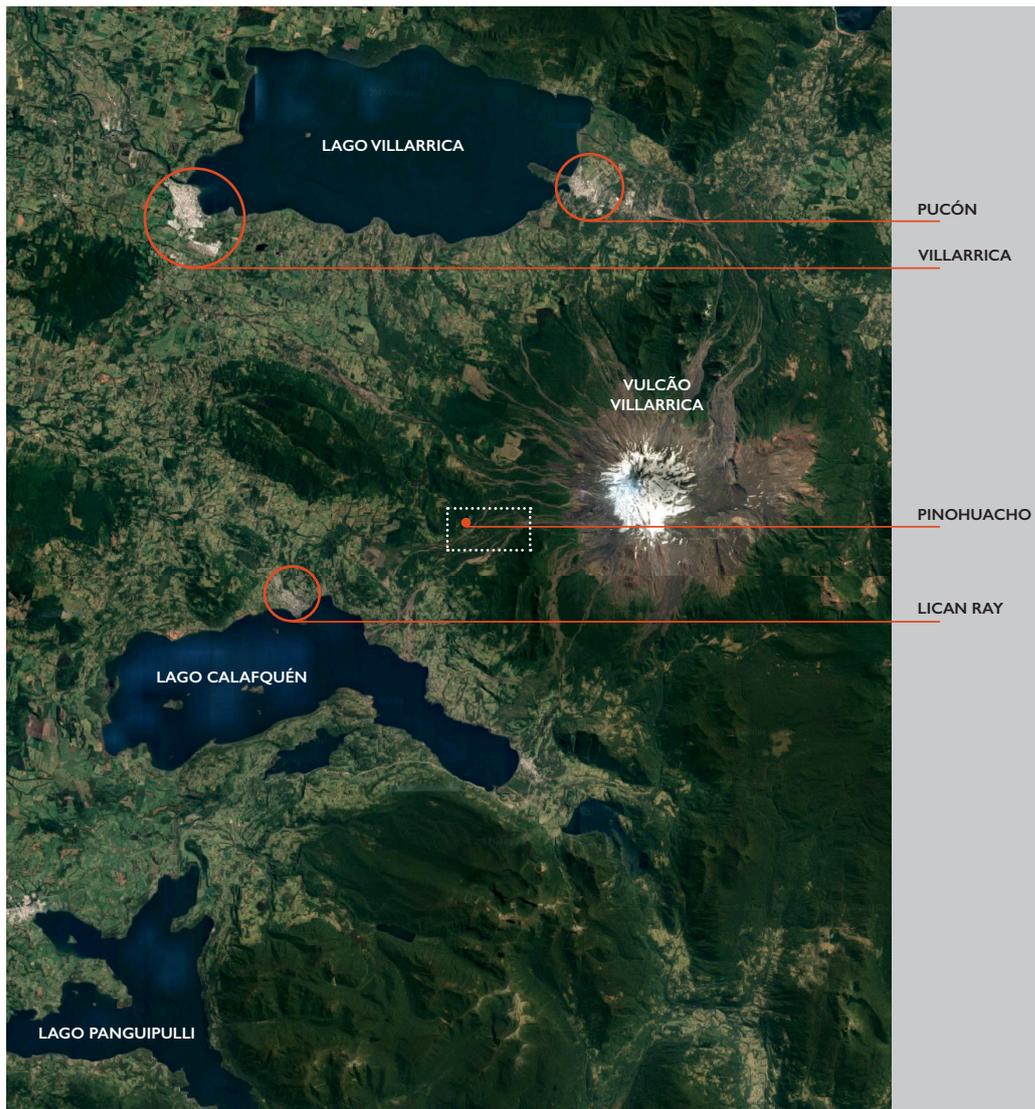


Figura 1.2 Imagem aérea da região de Pinhuacho com indicação dos elementos circundantes.
Figura 1.3 Imagem aérea de Pinhuacho e indicação da localização e disposição dos miradouros.

[Fontes: Desenho realizado pela autora da dissertação com base em imagens aéreas retiradas de <https://www.google.pt/maps/>]

acelerar este processo. A lava resultante da erupção deste vulcão em 1971, cobriu uma boa parte dos terrenos de produção dos quais se sustentava a comunidade, tornando este solo inerte e por isso incapaz de produzir novas colheitas, ao qual se seguiu uma avalanche que destruiu casas, campos de cultivo, gado e mesmo vidas humanas. No sentido de prevenir desastres semelhantes, os habitantes mudaram o local de cultivo dos seus produtos para cotas mais elevadas (Sheward, 2007). Ainda assim, em 1984, viram o mesmo vulcão destruir mais 57 hectares de território (Sheward, 2010 [a]). A diminuição drástica do seu recurso principal de sustento e a impossibilidade de extrair desses terrenos mais produtos para uso ou venda, aos quais se previa uma espera de ainda 40 anos até que estes campos pudessem ser de novo rentáveis, fez com que, em 2005, pais e filhos decidissem que era necessário tomar alguma atitude (Sheward, 2007):

“Cuando una comunidad cuestiona su que hacer en un territorio devastado por su misma acción, solo queda salir de ahí o dar un giro a su rubro.” (Sheward, 2010 [a])

As gerações mais jovens que, na altura de prosseguirem com a actividade escolar já se tinham mudado para as cidades, consideravam lá permanecer e construir as suas vidas, uma vez que o panorama de escassez que se vivia nesta localidade da *Comuna*³ de *Villarrica* impedia o seu desejo de retorno. Opção que começava agora a ser considerada também pelos restantes habitantes, que queriam estar perto dos seus filhos. Habitados a viver sob um regime de subsistência, estas pessoas procuravam agora melhorar a sua qualidade de vida.

A primeira vez que Rodrigo Sheward, estudante de arquitectura, estabelecera contacto com esta comunidade foi em 1992 com o propósito de se abastecer de lenha para o inverno. Em 2005, soube que havia a possibilidade de estes habitantes venderem as suas terras para irem viver junto dos seus filhos que estudavam e trabalhavam na cidade de *Villarrica*, verificando-se uma desertificação eminente que colocava em questão o valor e futura existência do lugar (Sheward, 2007). Enquanto aluno finalista da Universidade de Talca, que no culminar do curso de Arquitectura exige aos seus alunos identificar uma dificuldade ou carência específica de um local, para o qual devem apresentar e construir uma proposta arquitectónica que se proponha resolver, pondera tomar o problema desta comunidade como tema do seu trabalho (GrupoTalca, 2016).

3 No Chile a palavra *Comuna* refere-se a Município.

Com este exercício, no *Taller de Titulación*⁴, a escola de Talca, leva os seus alunos a estudar e trabalhar com pequenas comunidades, incutindo-lhes a responsabilidade social da profissão do arquitecto e permitindo-lhes entrar no mercado de trabalho já com uma obra construída. Permite ainda preservar e potenciar os valores e tradições específicos daqueles lugares, para os quais o conhecimento que deriva da experiência e contacto directo com os seus habitantes é fundamental. Rodrigo Sheward aponta em Pinohuacho um problema que alteraria as características que até então definiam aquele lugar, conferindo-lhe a pertinência de ser um caso a abordar na disciplina em questão (GrupoTalca, 2016). E sendo que permanecer nele era do interesse dos habitantes, era um projecto que se revelava importante.

Elaborada em conjunto com Martín del Solar, também aluno desta escola e com quem Rodrigo Sheward depois funda o GrupoTalca, a intervenção realizada nesta localidade é tida como sendo da autoria do grupo⁵, apesar de ser a *Obra de Título*⁶ de Sheward⁷.

Junto dos habitantes procuraram as respostas relativas não só aos motivos que conduziam a este acontecimento mas também aos que os faziam querer continuar a viver e trabalhar naquele território. O contacto directo com os elementos da comunidade foi também no sentido de determinar quais eram os recursos locais, quer ao nível de conhecimentos e capacidades artesanais, quer ao nível de ferramentas e materiais de construção disponíveis. Com este diálogo pretendeu-se ainda a elaboração conjunta de uma proposta de intervenção que, através do uso destes recursos conseguisse não só o menor custo possível da obra mas também que lhe conferisse um valor identitário, uma vez resultante da incorporação e conjugação de elementos exclusivos daquele lugar e pela mão e vontade daqueles que o habitam. Trata-se, por isso, de compreender aquilo a que o arquitecto se refere com “*manera de hacer local*”⁸ (GrupoTalca, 2015 [b]), que caracteriza aquele lugar. Pedro Vázquez, um dos filhos do casal que chegou àquele

4 Disciplina do sexto ano do curso de arquitectura da Universidade de Talca. Tema a ser abordado de forma detalhada no próximo ponto: 1.3 A escola de Talca e a cultura chilena.

5 Informação obtida através de troca de e-mails com o GrupoTalca, no sentido de clarificar a autoria da obra realizada em Pinohuacho, já que em algumas apresentações do projecto surge como sendo da autoria de Rodrigo (Sheward, 2007) e noutras como sendo do Grupo (GrupoTalca, 2016).

6 Projecto com o qual conclui o curso de Arquitectura na universidade anteriormente mencionada.

7 Da mesma forma que Rodrigo contribui para a *Obra de Título* de Martín del Solar, do qual resultou o projecto *Plaza Nacional* realizado em Talca no ano de 2007. A autoria de ambas as obras é assumida pelo GrupoTalca.

8 Expressão que usam para referir a forma como os habitantes agem, habitam e constroem naquele lugar, de acordo com os recursos e condicionantes que têm. É, na verdade, uma expressão relativa à forma como aquele lugar foi apropriado (GrupoTalca, 2015 [b]).

local em 1940, é lenhador e assume o papel de representante da comunidade neste processo. Ainda que todos os habitantes de uma forma geral estivessem envolvidos e tenham contribuído, é Pedro que aparece referenciado nos diálogos que os arquitectos reproduzem quando explicam o desenvolvimento da obra (Grupo Talca, 2016).

Derivado da falta de recursos que o lugar dispunha, os arquitectos deparavam-se aqui com um problema comum a muitos outros países, a desertificação de zonas rurais que deriva da migração dos seus habitantes para as cidades à procura de sustento e conforto. No entanto, desta migração surgem duas consequências: primeiro ao deixar de ser habitado, o lugar deixa de existir como tal, e depois está-se a contribuir para o crescimento descontrolado das cidades, levando à formação de cada vez mais áreas de subúrbios. Apesar do problema da migração não se poder resolver com um só projecto ou um só plano de acção, as situações que se vão verificando contribuem certamente para o agravamento dos problemas listados anteriormente. Conscientes disto, os arquitectos percebem que abordar o problema da migração passava pela permanência no lugar o que, por sua vez, passava por resolver a carência de recursos necessários ao sustento da comunidade em questão.

O projecto trata-se portanto da “*Reconversión de un territorio devastado*” (Sheward, 2007), devastado pelo vulcão e pela impossibilidade de permitir alojar os seus habitantes, quem lhe conferiu o significado de lugar. Inserida num território de enorme qualidade em termos de composição paisagística, a comunidade de Pinohuacho tinha a capacidade de se assumir como um ponto importante no mapa de turismo rural chileno, uma vez que a partir deste lugar se obtinha uma vista privilegiada para os lagos e vulcão já mencionados (Sheward, 2007) [ver figura 1.3]. Situada próximo de pontos turísticos já conhecidos na tão visitada Região dos Lagos chilena, a comunidade começa a ponderar alterar a sua actividade para o agro-turismo e assim conseguir a dinâmica económica necessária à sua permanência naquele lugar⁹:

“Con él [proyecto de agro-turismo] esperan relacionarse con la naturaleza de una manera sustentable, trabajar mejorando la calidad de vida, y legar a las generaciones más jóvenes una labor atractiva sin tener que verlas

9 Ideia que decorreu de viagens de Miguel Vázquez, filho do lenhador de Pedro Vázquez, residentes de Pinohuacho, a Santiago onde se cruzou com folhetos alusivos ao turismo rural e actividades associadas ao território. Opção que considerou pertinente dado o interesse que a comunidade demonstrava em enveredar por outras formas de sustento (Sheward, 2007).

emigrar de sus tierras.” (Sheward, 2007)

A sua localização, que inicialmente era tomada como prejudicial devido à sua proximidade a um vulcão activo, o já mencionado Vulcão Villarrica, passa agora a considerar-se uma oportunidade, pelas vistas que se obtêm do seu ponto mais alto e que lhe conferem um carácter único: “[...] *ese es parte del problema y cuando uno viene de afuera le dice: Pedro, ese puede ser parte de la solución*” (Grupo Talca, 2016). A visão externa do Grupo Talca, permitiu apontar as valências do lugar e ajudar os habitantes a concretizar de forma mais eficaz as suas intenções.

Perante o reconhecimento das capacidades e diferentes escalas da actividade artesanal dos habitantes locais, os arquitectos perceberam ainda que seria possível responder às necessidades construtivas que surgissem com a decisão de redireccionar o foco da comunidade para o sector turístico, sem que fosse necessário solicitar recursos ou mão de obra exterior (Grupo Talca, 2016), algo fundamental à sustentabilidade do lugar. É no contexto e nos seus habitantes que reside o valor e significado que o lugar adquiriu, e é isso que os arquitectos procuram manter com esta recuperação.

Depois de apontar as causas do problema e perceber de que forma podia ser solucionado, foi necessário tornar operativos os elementos que valorizavam o lugar. A paisagem que encantou aquela família e os convenceu a permanecer naquele lugar teria agora de encantar turistas e gerar a dinâmica necessária ao sustento dos seus residentes, o que, naturalmente, se reflectiria na capacidade de manutenção do próprio lugar. Para isso, e em conjunto com as onze famílias que residiam em Pinohuacho, começa-se por definir um plano territorial para se proceder à estruturação de um parque de agro-turismo, caracterizado por provas de gastronomia local, percursos de cavalgadas e *trekking*, circuitos de *canopy*, subidas ao vulcão, caça e pesca (Sheward, 2007), procurando sempre cumprir com os regulamentos e mecanismos de segurança que as actividades mais radicais exigiam. Aos residentes juntam-se os seus filhos e em conjunto procuram participar na construção desta nova imagem da comunidade. É um projecto que os une na vontade comum de preservar um espaço que os viu crescer e o qualificar no sentido de poder continuar a alojar a família completa.

Para responder às novas necessidades que a localidade assumia com esta mudança, os filhos procuraram formar-se como guias das actividades propostas, já que com a reestruturação do lugar em vista, o desejo de lá permanecer parecia agora possível de se concretizar. Para os percursos de caminhadas aproveitaram o já existente

passadiço de madeira que atravessava o bosque, redireccionando-o e fazendo os ajustes necessários para que pudesse ser de novo utilizado (GrupoTalca, 2016). No ponto mais alto de Pinohuacho, de onde se obtém as melhores vistas para o vulcão e os lagos, Pedro queria construir cinco cabanas onde pudessem receber os turistas. No entanto, os arquitectos sabiam que primeiro era necessário caracterizar um lugar que pudesse servir de imagem da comunidade, de modo a criar um postal cativante que atraísse visitas, para os quais este sítio era perfeito. Sendo que o Vulcão Villarrica foi o motor e a razão da mudança do foco desta comunidade, tanto pelos aspectos positivos como pelos negativos, faria sentido torná-lo agora o representante da mesma, dado que era o elemento da paisagem com maior impacto para os habitantes. Definindo-se a paisagem como um elemento capaz de reestruturar e impulsionar a dinâmica de que aquela comunidade necessitava, esta passa a ser tida como um recurso, levando à decisão de se construir dois miradouros que a enfatizam e lhe conferem a importância que tem: um voltado para o vulcão e outro para os lagos (GrupoTalca, 2016) [ver figura 1.3]:

“[...] un parador-mirador en Pinohuacho como lugar común del nuevo que hacer de esta localidad.” (Sheward, 2007)

A partir do momento em que este lugar “estivesse no mapa” conseguiriam o retorno económico necessário para proceder com a construção das restantes infra-estruturas que cumprem com o novo programa que a comunidade assumia: “ [...] hay que hacer una postal que llegue a Australia, a Russia, a Alemania, para que la gente llegue, y hasta cuando llegue vendrán las otras necesidades.” (GrupoTalca, 2016).

Preparando-se para definir o projecto dos miradouros, havia primeiro que fazer um cadastro do material disponível, com a pergunta que marca o processo do GrupoTalca: “*que es lo que hay?*” (GrupoTalca, 2016). Procuraram no bosque, entre os troncos de madeira que ainda restavam, quais os que se encontravam em condições de ser usados na construção da obra. É um processo no qual os lenhadores eram já experientes e que consistia em cortar o tronco, com uma motosserra, do qual sai uma resina que indica se a árvore está saudável e se pode ser usada para este fim (GrupoTalca, 2016). Este trabalho que o lenhador e o carpinteiro já conhecem bem foi essencial à execução da obra e serviu de aprendizagem aos arquitectos, ainda estudantes, mostrando que fora da escola, e junto destas comunidades, se aprende métodos construtivos locais de grande relevância: “*[...] ha sido una escuela para nosotros trabajar con ellos*” (GrupoTalca, 2016).



Figura 1.4 a 1.6 Habitantes a participar no processo construtivo da obra.

[Fontes: 1.4 - <http://www.cttmadera.cl> | 1.5 e 1.6 - <http://www.grupotalca.cl>]

Nesta fase, a escala das dimensões construtivas que os habitantes, que participavam no processo construtivo, dominavam teve grande impacto, no sentido em que informaram de forma decisiva o desenho do projecto a executar. A escala do lenhador, que conseguia trabalhar e movimentar peças de grande tamanho e peso de forma segura, a escala do carpinteiro que podia dimensioná-las e a do “*mueblista*” que, habituado a trabalhar com escalas menores, dominava o detalhe e precisão necessários à união de todas as peças (Grupo Talca, 2016).

De acordo com as peças que se conseguia extrair do local, as ferramentas disponíveis e passíveis de ser usadas, dadas as condicionantes topográficas do local de implantação da obra, e os conhecimentos artesanais dos habitantes que iam participar na sua construção, o projecto é definido e, com a aprovação de todos, começa o seu processo de construção¹⁰ (Grupo Talca, 2016).

Reuniu-se um total de 2050 polegadas de madeira, o equivalente a 50,07 m, distribuído por 221 peças, dimensionadas no local de acordo com as medidas previstas para o projecto. São peças de madeira *coigüe pellen* reciclada com 10 x 10 polegadas (25 por 25 cm) e 3,60 m de comprimento, ou placas com menos espessura cuja soma cumprisse com estas medidas (Sheward, 2007). Sendo que se tinha decidido localizar a obra na cota mais alta de Pinohuacho (Sheward, 2010 [a]), havia que superar a dificuldade que construir aqui significava, uma vez que não havia rede de electricidade nem caminhos de acesso a este local construídos (Grupo Talca, 2016). Foi então necessário adaptar as opções e processos construtivos às circunstâncias e usar a tecnologia local: foram utilizadas apenas ferramentas portáteis e o transporte das peças de madeira reunidas até ao local de implantação foi em carrinhas, que as levaram até ao ponto mais próximo que a estrada permitia ir. Restavam ainda 2 km de caminho de terra¹¹ até ao local de implantação, apenas percorríveis a pé (Sheward, 2007). Uma vez que cada peça pesava cerca de 400 kg (Grupo Talca, 2016), o seu transporte foi feito com a ajuda de bois (Sheward, 2007). O domínio artesanal destas pessoas permitiu a construção de uma obra difícil em termos de manipulação do material e ferramentas disponíveis, bem como a sua concretização num espaço de tempo muito curto [ver figuras 1.4 a 1.6]:

10 Em (Sheward, 2007) podem ser consultados pequenos vídeos que revelam partes do processo construtivo da obra e o envolvimento da comunidade.

11 Pinohuacho dista 40 km da cidade de Villarrica e 16 km da população mais próxima, Lican Ray, dos quais 12 km têm de ser feitos por um caminho de terra. Do local de estabelecimento da comunidade até ao local de implantação dos miradouros restam ainda 2 km. (Sheward, 2007)



Figura 1.7 Fotografia que captura o carácter contemplativo do *Casetón-mirador*. [Fonte: <http://estudiopalma.cl>]

Figura 1.8 O *Placa Mirador* em relação com o seu contexto. [Fonte: <http://estudiopalma.cl>]

“*Tal maestría aprendida en sus oficios, permitió un montaje seguro y con alta precisión y por sobre todo con ahorro de tiempo, pues el volumen demoró seis días en montarse por completo, y la placa mirador, solo dos días.*” (Sheward, 2007)

São então construídos dois miradouros de tipologia diferente, um em forma de caixa que enquadra a vista para o vulcão [ver figura 1.7], o intitulado *Casetón-mirador*, e outro como um pátio voltado para o lago [ver figura 1.8], o *Placa Mirador* (Grupo Talca, 2016). O primeiro, que é a obra que inaugura este “nuevo rubro” (Sheward, 2010 [a]), é uma estrutura de 25 m² que conta com 1.200 polegadas (cerca de 30,48 m) da madeira reunida e pesa 40 toneladas. A união das placas que a compõem é assegurada por 8 tubos metálicos de uma polegada (quase 2,5 cm) de diâmetro que acompanham o comprimento da estrutura. Composta por peças dispostas de forma intercalada que exercem força de compressão umas sobre as outras, este paralelepípedo de 3,6 m de largura, 3 m de altura e 7 m de comprimento é atravessado por estes tubos metálicos nos seus quatro vértices e pontos médios entre eles. As perfurações nas peças de madeira para a passagem destes elementos estruturais foram feitas por Carlos, “*muebilista*” e irmão de Pedro. São 445 perfurações que resolvem o encontro entre todas as peças e para os quais usou apenas instrumentos manuais (Andes Workshop, 2017 [c]).

Numa das suas paredes laterais, a obra apresenta pequenas aberturas dispersas e, no lado contrário a este, uma escada [ver figuras 1.9 a 1.11]. Este elemento é composto por sete placas de madeira suportadas apenas pelas várias peças que compõem a parede e permite aos visitantes subir para a estrutura e aproveitar a vista sem a condicionante do enquadramento paisagístico que o seu interior impõe. Seguindo a mesma opção estrutural da escada, é introduzido um banco [ver figuras 1.12 e 1.13], agora no interior da estrutura, tornando o carácter de repouso e contemplação deste objecto evidente (Sheward, 2007).

O *Placa Mirador*, voltado para os lagos, tem também um banco, ainda que aqui siga uma estrutura mais ou menos convencional de um troço de madeira sobre dois apoios. Esta obra de 26 m², área delimitada por um passadiço, segue a mesma lógica de peças de madeira comprimidas entre si, cuja estrutura é assegurada por um tubo metálico que as atravessa ao centro e nas extremidades [ver figuras 1.14 e 1.15]. A delimitação da área de cultivo, que une os dois miradouros [ver figura 1.16], dá lugar a uma guarda neste último que direcciona a vista do visitante para os lagos *Calafquén* e *Panguipulli*, seguindo o mesmo modelo estrutural do *Casetón*. São duas obras cuja

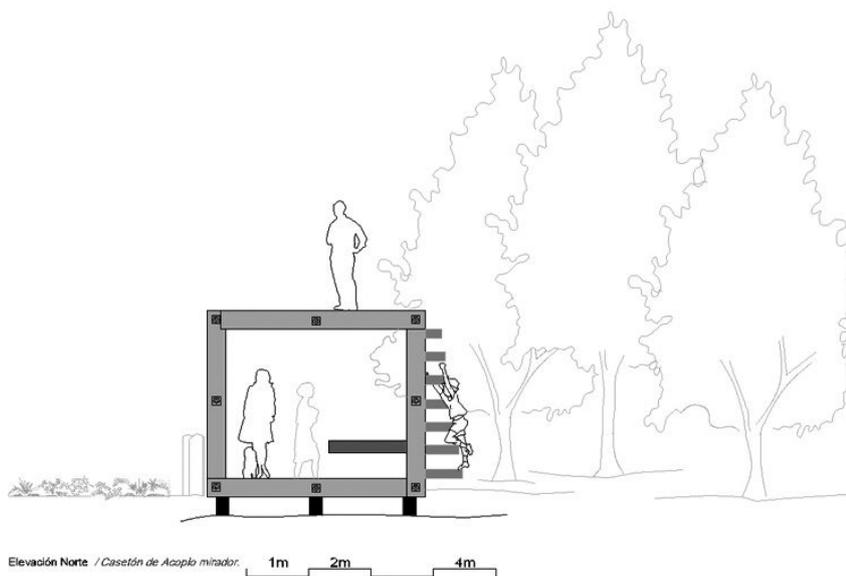
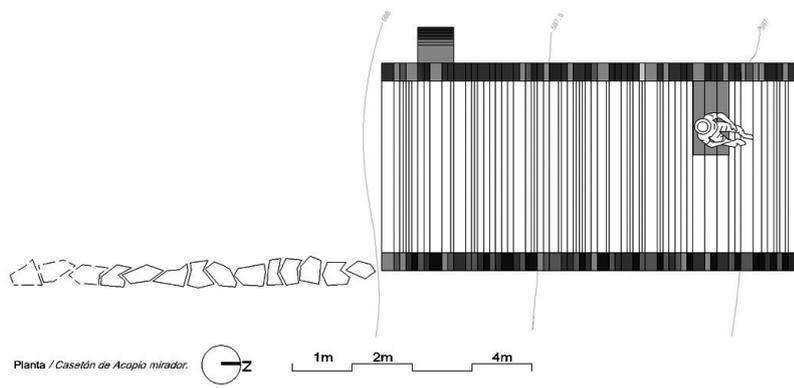
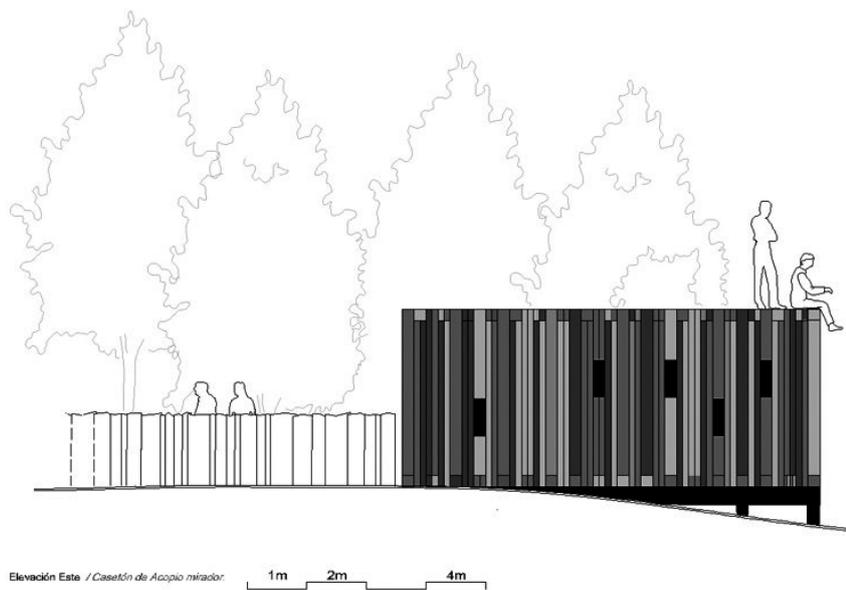


Figura 1.9 a 1.II (respectivamente) Alçado Este, Planta e Alçado Norte do Casetón-mirador.

[Fontes: <http://www.archdaily.com>]

forma arquitectónica depende, quase exclusivamente, do seu contexto, no sentido em que condicionam o olhar do visitante para lhe proporcionar as melhores vistas nos locais mais indicados [ver figuras 1.17 e 1.18].

O *Casetón-mirador* tem ainda a dupla função de no inverno ser usado como *acópio* (Sheward, 2010 [a]), termo chileno que se refere ao local onde se guardam as colheitas e mantimentos recolhidos na época alta de produção agrícola¹², tendo capacidade para 100 sacos de batatas. Assim, durante o verão cumpre a função de miradouro e no inverno a de refúgio das chuvas que caracterizam o clima da Região Sul chilena, servindo ainda de suporte à caça de javali que se pratica na zona (Sheward, 2010 [a]).

O processo de desenho estendeu-se de Março a Setembro de 2006, dando lugar ao de construção que se prolongou até Dezembro do mesmo ano. Inaugurada no dia 19 (Sheward, 2007), esta intervenção permitiu recolher imagens que revelam o encanto deste local e, tal como se previa, Pinohuacho começou a receber turistas e a precisar de dar resposta a serviços complementares que este novo fluxo requeria. No entanto, Pedro, o lenhador, defendia que Pinohuacho tinha uma escala própria, que deveria prevalecer, e que para o assegurar poderiam receber no máximo vinte ou trinta turistas por dia. Com o intuito de preservar o ambiente familiar que caracteriza o lugar e permitir aos visitantes conhecer a história do mesmo, procura-se promover o contacto directo com os seus habitantes, algo que apenas uma escala reduzida permitiria. Associando sentimento ao lugar, conseguia-se ainda a sua manutenção e cuidada utilização do mesmo por parte dos visitantes e a possibilidade de um dia mais tarde voltarem a visitar aquelas terras (Grupo Talca, 2016). Em conversa com o grupo, Pedro dizia: “*Lo principal es que yo quiero que ellos conozcan mi historia porque establecen una relación casi familiar que los hace volver y los hace cuidar del lugar.*” (Grupo Talca, 2016).

Apesar de os arquitectos terem assumido um papel essencial na reestruturação deste sítio, os resultados obtidos não teriam sido possíveis sem a adesão e vontade em contribuir destes habitantes, provando-se sem dúvida uma experiência enriquecedora para ambos. Os arquitectos puderam aprender os métodos construtivos locais junto de quem conhecia essa arte e ver testada uma proposta arquitectónica da sua autoria que conseguiu cumprir com os objectivos estabelecidos. Já os habitantes, puderam usufruir de uma reestruturação que lhes permitiu continuar a vida que tinham e que tanto valorizavam, sem que isso representasse um esforço económico avassalador. As ferramentas usadas

12 E por isso muitas vezes designado “*Casetón de Acópio y Mirador*” (Sheward, 2007).

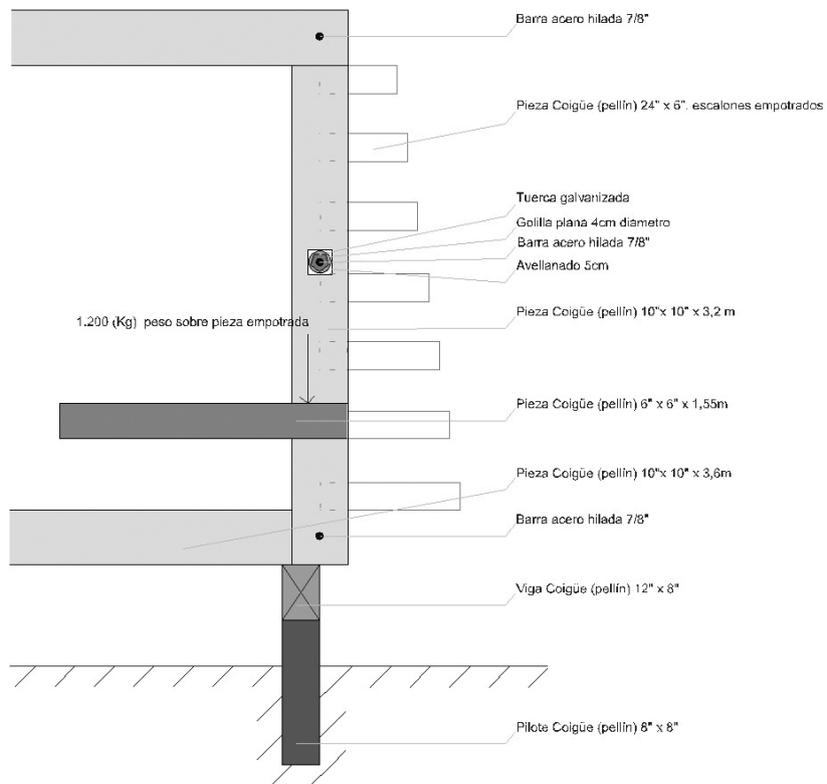
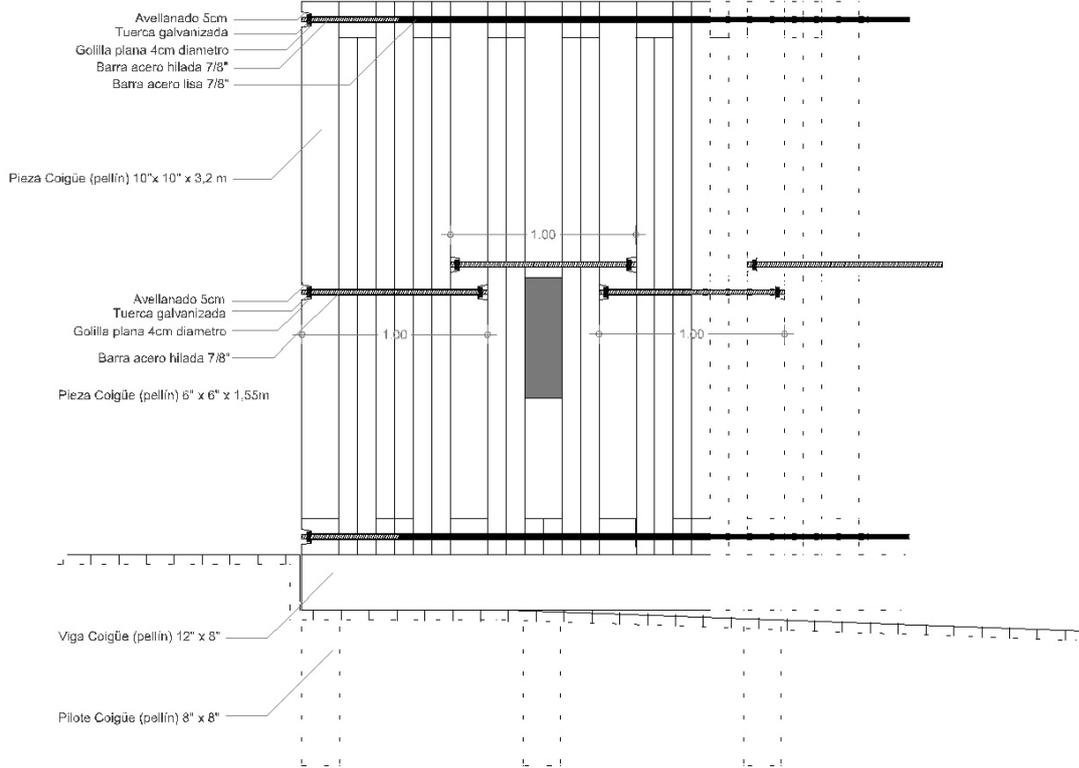


Figura 1.12 Pormenor construtivo da composição das paredes do *Casetón-mirador*.

Figura 1.13 Escantilhão que coloca em evidência o suporte do banco.

[Fontes: <http://pinohuacho.blogspot.pt>]

eram deles, os materiais de construção já existiam no sítio e a mão de obra assumiram-na eles próprios: “[...] *los detalles constructivos son con herramientas que ellos tienen, con la mano de obra de ellos y el proyecto queda para ellos*” (Grupo Talca, 2016). Foi, na verdade, uma construção feita pelos habitantes e para eles, com a ajuda de profissionais informados e com vontade de ajudar. O arquitecto, assumiu aqui um papel importante de mediador entre especialidades e escalas de intervenção, procurando articular as necessidades dos habitantes e as valências do lugar tendo em conta a relação de complementaridade que já partilhavam. Deste modo, a participação dos habitantes foi desde a definição do problema, ao desenho da proposta de solução e materialização da mesma.

Da mesma forma que a preservação do lugar permitia conservar aquela vista, a vista era o que ia permitir os meios para que se pudesse conservar o lugar. Foram as questões geográficas que convenceram aquelas pessoas a permanecer naquele sítio e foi esta permanência humana que lhe conferiu o carácter de lugar. Era com esta vista que se ia agora conquistar o coração de tantos outros, incentivando visitas ao local o que, naturalmente, se reflectiria no retorno económico necessário à subsistência daquela população e por isso essencial à manutenção do mesmo, como explicado anteriormente. Sendo que a questão económica era o principal motivo que levava ao abandono deste lugar, era necessário resolvê-lo para que se pudesse impedir este fluxo e assim preservar a sua identidade. Foi nesta procura por novos recursos que arquitectos e habitantes se propuseram “olhar em volta” (mas dentro daquele território) no sentido de apontar que aspectos os diferenciavam das outras comunidades, levando-os a analisar o que os caracterizava e lhes conferia a sua especificidade:

“La respuesta arquitectónica ha dado forma a una dilatada discusión académica, a una extensa conversación con los lugareños y a largas caminatas.” (Sheward, 2010 [b], p. 25)

É necessário agora explicar alguns conceitos para que se possa compreender as razões por trás do processo levado a cabo neste projecto que resultou na preservação da identidade do lugar.

É com a presença e estabelecimento de pessoas no território que se define o lugar, são criadas infra-estruturas de habitação, serviços e acessos ao mesmo, sendo-lhe atribuído um nome e passando a constar nos mapas. No entanto, é apenas nesta

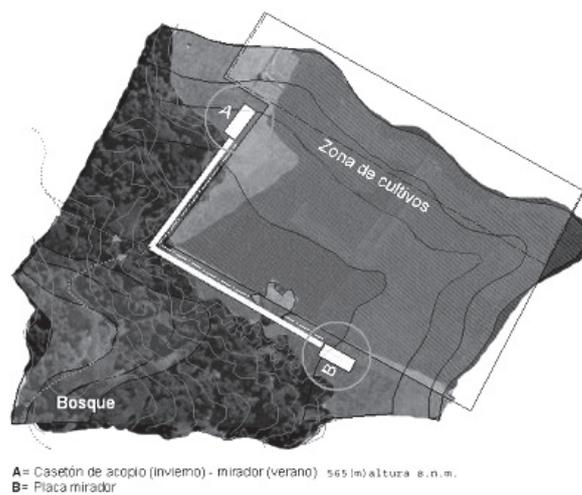
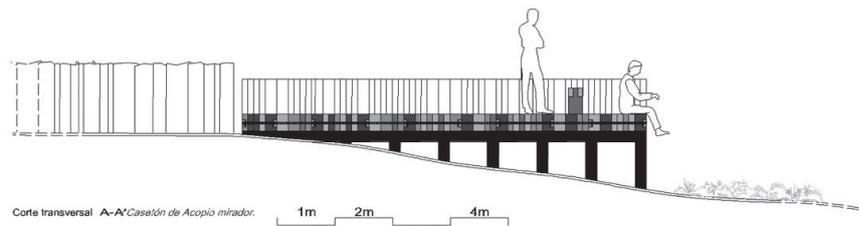
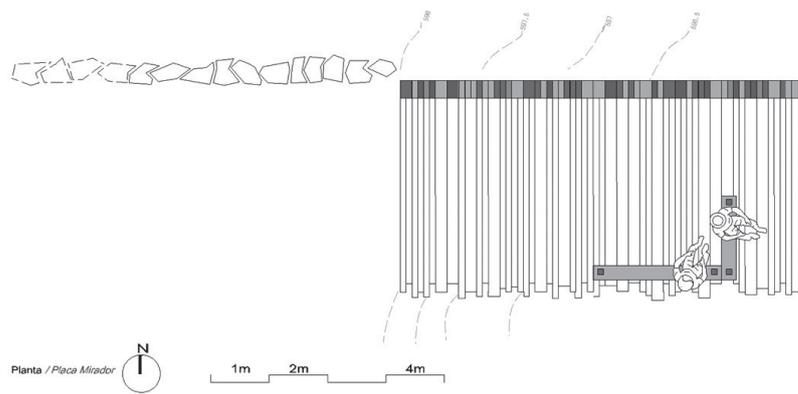


Figura 1.14 e 1.15 Planta e Corte Transversal do Placa Mirador. [Fontes: <http://www.archdaily.com>]

Figura 1.16 Esquema de implantação dos miradouros. [Fonte: <http://pinohuacho.blogspot.pt>]

interacção contínua que se gera e preserva a sua identidade. Isto é, enquanto que o encontro e decisão de assentamento lhe conferem a designação de lugar, é no habitar deste espaço e na sua constante apropriação que é criada a identidade do mesmo. Num processo de recuperação de um lugar, como se caracteriza esta intervenção, a sua identidade é um dos factores chave a preservar e há, por isso, que procurar os elementos que nos informam deste valor que, apesar de não ser palpável, existe.

O contexto territorial já tinha sido tomado como factor essencial a considerar no processo de desenho e determinante na fase de construção da proposta, havia apenas que juntar o outro elemento que, aliado a este, conferia ao lugar a sua identidade: os habitantes. Só assim se podia dar uma “*respuesta local*” (Andes Workshop, 2017 [b]), adequada às características e condicionantes do mesmo. Assim sendo, estas pessoas são consultadas e incluídas desde a primeira abordagem, informando e contribuindo para a definição de um desenho que os inclui na concretização construtiva do mesmo. A participação activa dos habitantes em todas as fases do processo é a forma mais directa de transpor para o ambiente construído os aspectos que caracterizam uma comunidade ou lugar. Respeitando a “*manera de hacer local*” (Grupo Talca, 2015 [b]) que, como dito anteriormente, está dependente dos recursos que já existem no local, materiais ou humanos, consegue-se preservar o espírito do mesmo. Pode-se portanto concluir que a opção por um processo participativo e aproveitamento dos recursos existentes surge com intuito social, mais do que por motivações económicas.

No total a obra representou um custo de 1.500.000 pesos chilenos (Sheward, 2007), cerca de 1.973 euros¹³, tendo sido totalmente financiada pela SERCOTEC, através da candidatura do projecto ao *Concurso de Proyectos de Desarrollo Local 2006 de la Unión Europea y Gobierno de Chile* (Sheward, 2010 [a]). Em 2007, um ano após a sua conclusão, a intervenção já representava um aumento do retorno económico do lugar de quase três vezes mais. Trabalhando apenas na época de verão, que se estende de Dezembro a Fevereiro, os habitantes conseguiram reunir 250.000 pesos chilenos (cerca de 329 euros¹⁴) por família, enquanto que nos anos anteriores, trabalhando todos os meses, retiravam apenas 90.000 pesos chilenos (cerca de 118 euros¹⁵) por ano (Sheward, 2010 [a]). Apesar de não conseguirem manter este rendimento durante os restantes meses do ano, dada a diminuição do fluxo de visitas nas épocas mais frias, este valor é

13 Conversão segundo: <http://www.xe.com/pt/?c=CLP> [Consultado a 20 de Agosto de 2017].

14 Conversão segundo: <http://www.xe.com/pt/?c=CLP> [Consultado a 20 de Agosto de 2017].

15 Conversão segundo: <http://www.xe.com/pt/?c=CLP> [Consultado a 20 de Agosto de 2017].

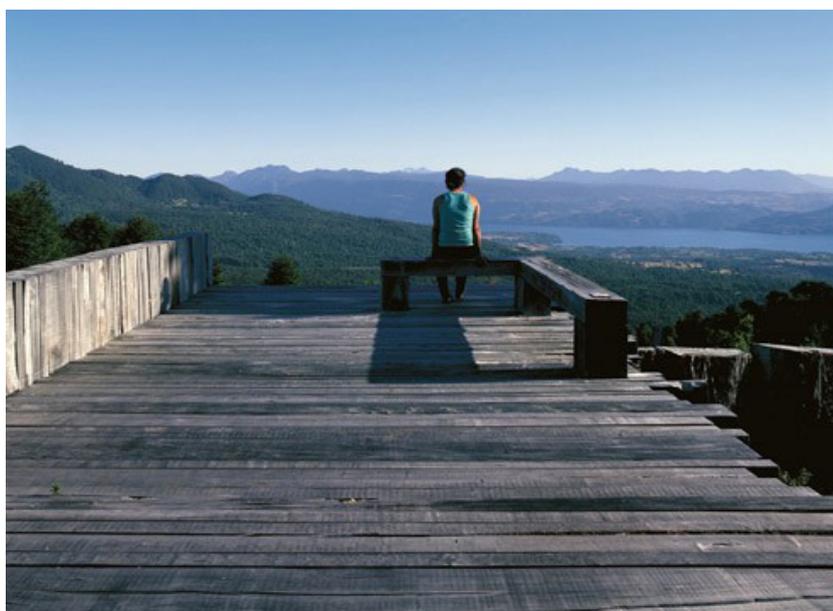


Figura I.17 Fotografia do *Placa Mirador* no seu contexto. [Fonte: <http://estudiopalma.cl>]
Figura I.18 Fotografia do *Casetón-mirador* no seu contexto. [Fonte: <http://www.cttmadera.cl>]

suficiente para viverem de forma confortável durante o ano inteiro.

Os miradouros, as primeiras obras arquitectónicas desta intervenção, apesar de representarem funções muito claras, podem também assumir um valor escultural alusivo às características do lugar, uma vez que resultam da conjugação das artes que os habitantes individualmente dominam, materializadas pela madeira local e específica daquela região, que era já o seu instrumento de trabalho. Neste sentido, remetem não apenas para as características e condicionantes específicas da região mas também para as que identificam a comunidade de Pinohuacho e lhe conferem a sua identidade:

“Estos volúmenes están contruidos con la historia material del lugar, no con la estrategia del andinista. Surgen de la voluntad del hacer.”

(Sheward, 2010 [b], p. 25)

Assumem ainda um papel de dicotomia: servem para enfatizar a paisagem que apaixonou os habitantes mas que também os aterrorizou, reunindo portanto todos os aspectos que caracterizam a interacção entre estas pessoas e o território, desde o seu encontro à sua apropriação. Depois da sua construção passam também a simbolizar a possibilidade de esta paisagem, depois de apaixonar e atormentar as pessoas que com ela contactavam de forma permanente, permitir a recuperação de um lugar em decadência. São obras muito simples, em termos construtivos, mas elementos chave nesta reconversão, servindo ainda de registo da história daquela comunidade:

“[...] creemos que esa postal creada el 2006 que ya cumplió su función primaria, posee otro valor en el tiempo cuando es capaz de permanecer y de seguir construyendo el relato de un pueblo.” (Grupo Talca, 2017)¹⁶

A visibilidade que este novo ponto turístico estava a receber levou, em 2009, o presidente do município de Villarrica a abordar Pedro Vázquez com um projecto aprovado, e 6.000 dólares (cerca de 5.101 euros¹⁷) de financiamento, para a construção de um *Quincho*¹⁸, um espaço dotado de equipamento de cozinha, com o propósito de receber os turistas que vão chegando (Grupo Talca, 2016). A esta proposta, Pedro Vázquez responde que precisa primeiro de consultar os seus arquitectos, algo que deixou o grupo

¹⁶ Entrevista realizada pela autora desta dissertação e que se encontra em anexo no presente documento.

¹⁷ Conversão segundo: <http://www.xe.com/pt/?c=CLP> [Consultado a 20 de Agosto de 2017].

¹⁸ Mais tarde designado de *Quincho Gorro Capucha*.

muito satisfeito, no sentido em que revela que estes habitantes compreenderam o valor do seu contributo e o tomam agora como factor essencial e a considerar na resposta às eventuais intervenções que se revelem necessárias. Com a colaboração da arquitecta Macarena Ávila, que também estudou na escola de Talca, o GrupoTalca responde a este pedido e em 2010 a obra é concluída (GrupoTalca, s.d.). Ao cumprir com um dos objectivos que caracteriza o Grupo, o de *“llevar arquitectura donde no la hay y donde uno no la pueda requerir”* (GrupoTalca 2016), mostram, aos residentes daquele lugar e às pessoas que tomarem conhecimento do projecto, que a arquitectura não é um luxo do qual apenas os habitantes das cidades podem usufruir, mas antes uma necessidade e que, por isso, deve chegar a todos, sublinhando a pertinência do trabalho que é desenvolvido pelos profissionais desta área.

O esforço de desenvolver um projecto de onde os arquitectos não retirariam benefícios económicos, pelo serviço que estavam a prestar, era agora recompensado com esta encomenda. Apesar das primeiras obras não lhes terem sido pagas, esta já seria (GrupoTalca, 2016). Foi um trabalho inteligente de investimento em algo que acreditaram e cujos resultados revelam a pertinência e eficácia de uma proposta que, numa primeira instância, se propunha apenas impedir a deslocação dos seus habitantes para a cidade, para que o lugar se mantivesse como tal, mas que acabou por alcançar bem mais do que isso. No entanto, para puderem cumprir com este objectivo, os arquitectos tinham primeiro que cumprir com o requisito principal daquelas pessoas: trazer os filhos de volta para casa e com eles continuar a trabalhar aquelas terras. Ainda que os resultados provassem o potencial do lugar em gerar uma dinâmica económica que permitisse aos residentes viver de forma mais confortável, sem o retorno das gerações mais novas, o lugar continuaria em vias de extinção, uma vez que se encontrava dependente das pessoas que dele cuidavam e dos anos de vida que lhes restaria a exercer essa actividade. Neste sentido, era importante trazer os filhos de volta àquele lugar, não apenas porque os residentes o requeriam mas porque era a forma de assegurar a preservação futura do lugar, durante mais do que uma geração, e de garantir que persistiria com o mesmo carácter que o tornava tão especial. Algo que apenas, ou mais facilmente, se conseguiria com pessoas que tinham crescido naquele lugar:

“Pinohuacho esta pasando a ser una comunidad empleadora donde la preocupación por la capacidad que ofrece el territorio que habitan esta dando valor a suelos que lo estaban perdiendo tanto por razones naturales

como por la acción del hombre.” (Sheward, 2007)

O facto de ter resultado de um processo participado, onde os habitantes adquiriram os instrumentos para poderem continuar com o desenvolvimento do lugar de forma auto-suficiente, isto é, aprenderam outras técnicas construtivas adequadas aos recursos locais e a conjugar as várias escalas que cada habitante dominava, confere-lhes a capacidade de dar resposta aos problemas que possam surgir no futuro. Conseguiu-se ainda que a importância do contributo do arquitecto fosse divulgada, bem como a beleza deste lugar, até então “perdido” no interior do país, que passou a constar não apenas do mapa agro-turístico chileno, mas também do arquitectónico. Com este retorno foi-lhes possível permanecer naquele território, enquanto comunidade, e continuam agora com a construção de infra-estruturas de apoio ao programa turístico que assumiram, pelo que seguem, com o Grupo Talca, com a construção de refúgios que vão permitir alojar os visitantes¹⁹. Apesar de os habitantes possuírem as ferramentas e os materiais necessários à elaboração desta obra, o arquitecto assume um papel fundamental na definição da estratégia para resolver o problema em mãos. Com o apoio destes profissionais foi possível o reconhecimento das necessidades e limitações da comunidade, bem como as suas valências, e traçar uma resposta adequada ao seu contexto social e territorial:

“Acá no hay ningún descubrimiento sino que toda la información está ahí mismo, en las personas y su territorio y uno de cierta manera está preparado para catalizar esta información, ordenarla y proponer la mejor solución con el menor gasto de recursos posibles con el mayor impacto positivo posible” (Grupo Talca, 2017)

Este caso comprova a importância de incluir no desenho da obra “*la dimensión del oficio*” (Sheward, 2007), revelando-se um exemplo de vontade e excelência na abordagem, reflectidos nos resultados obtidos.

¹⁹ Informação obtida através de troca de e-mails com o Grupo Talca.

I.2 INTERPRETAÇÕES À ESPECIFICIDADE DA OBRA E DO GRUPO TALCA

ENTREVISTA E CONSIDERAÇÕES

No sentido de melhor compreender o ponto de vista e as bases do trabalho do Grupo Talca, procedeu-se a uma entrevista que incide sobre a sua metodologia, referências e aquilo que apontam ser o caminho da profissão. Transcrita em anexo, a entrevista foi feita com vista ao esclarecimento de questões relativas à obra e ao colectivo, na relação específica com os objectivos desta dissertação. De acordo com os temas que o processo levado a cabo e os resultados obtidos com a obra levantam, no campo teórico, serão agora explorados: a necessidade da permanência humana na qualificação e manutenção de lugares; o modo como, face à escassez de recursos, um método estratégico de intervenção se reflecte nos resultados obtidos; e a capacidade da arquitectura e do arquitecto revelados com esta obra.

“No creemos que hayamos definido una metodología sino que una manera de hacer y la diferencia está en que la metodología responde mas a un pensamiento científico respecto del problema y la manera de hacer es la respuesta que cada caso exige construir específica. [...] Lo que creemos es que cada caso supone descubrir esa manera de hacer que ya existe en el lugar y diseñar con ella.” (Grupo Talca, 2017)

Derivado do contexto em que surgem, os lugares revelam especificidades e condicionantes diversas. Consciente disso, o Grupo Talca assume desde logo que cada caso é singular e por isso requer uma solução específica. Apesar de este ser um tema já bastante abordado nas áreas da história, sociologia, antropologia e geografia, serão apenas referidos os autores que partilham as ideias que o Grupo Talca apresentou com o projecto que realizou em Pinohuacho e que justificam as opções que nele tomaram.

Yi-Fu Tuan, geógrafo nascido na China no início da década de 1930, dedica-se ao estudo do meio ambiente e a relação que o ser humano com ele estabelece. O livro *Space and Place*, que escreve em 1977, revela-se pertinente de abordar nesta dissertação pela forma como toma a perspectiva da experiência para explorar esta relação. No sentido de justificar comportamentos a ela associados, começa por comparar as reacções humanas às dos animais: *“Spaces are marked off and defended against intruders. Places are centers of felt value where biological needs, such as those of food, water, rest and procreation, are*

satisfied.” (Tuan, 2002, p. 4). No entanto, acrescenta: “*Culture is uniquely developed in human beings. It strongly influences human behaviour and values.*” (Tuan, 2002, p. 5). Considera-se então o território como o espaço físico e geográfico, dentro do qual, se pode depois identificar um lugar. No entanto, sendo o lugar resultado do encontro do Homem com o território, o seu carácter depende da forma como foi apropriado. Neste sentido, tal como o Grupo Talca, é um autor que defende que são as suas características geográficas e a forma como foram interpretadas por um colectivo que origina a sua especificidade.

Charles Landry, urbanista nascido na década de 1940, debruça-se sobre as diversas questões que afectam o desenvolvimento das cidades. A sua pesquisa procura contribuir para o crescimento sustentável das cidades através do aproveitamento dos elementos que as diferenciam e lhe conferem especificidade. Em *The Art of City Making*, que publica em 2006, explora o tema da cultura, considerando a forma como esta influencia o meio ambiente e o modo como, por sua vez, este nos informa dela. Como acontece no caso de Pinohuacho, os aspectos culturais de uma comunidade surgem do encontro de um determinado grupo de pessoas com um local onde decidem permanecer. Os valores e formas de fazer que trazem são confrontados com aquilo que o território evoca e permite: “*Culture is the response to circumstance, location, history and landscape. [...] The specific circumstances of place and the problems and opportunities they present inspire a culture to find its own unique solutions*” (Landry, 2008, p. 247). Assim, a identidade do lugar assenta na forma como estas pessoas se apropriam de um espaço e nele construíram a sua maneira de estar. É, portanto, sob a forma construída que se manifesta a permanência humana, num lugar, e onde há índices sobre os hábitos quotidianos, valores e tradições das pessoas que o habitam. Em concordância com esta ideia, o Grupo Talca afirma:

“[...] las referencias han sido desde las mismas comunidades, nuestros referentes son aquellos que tal vez sin saberlo ya viven con una manera de hacer que lo ha definido el mismo territorio, las comunidades que habitan en un orden natural el territorio.” (Grupo Talca, 2017)

Assim, cada lugar ou comunidade assume um carácter único e dificilmente replicável. Tal como o lugar é definido pelo contexto em que surge, sofre as consequências das alterações do mesmo: “*The natural environment is never static or uniform. Materials available to the human builder vary, however slightly, in time and place, forcing him to think, adjust, innovate.*” (Tuan, 2002, p. 103). No sentido de responder aos problemas e

necessidades que se vão colocando, o lugar terá, naturalmente, que ir sofrendo alterações. Em constante ajuste às mudanças sociais, económicas e culturais, as pessoas procuram adequar o espaço onde habitam à época e circunstâncias em que vivem. Se o lugar deixar de ter esta adequação, deixa de conseguir responder às necessidades que vão surgindo, reflectindo-se na sua capacidade em persistir. No entanto, as pessoas nem sempre têm a capacidade de identificar o problema e é aí que entra o trabalho do arquitecto, profissional treinado para saber interpretar o território, identificar os problemas e propor soluções.

“[...] no hay una solicitud, por lo que creemos que el arquitecto debe salir de la oficina esperando el encargo específico o el llamado telefónico que le salva el mes y debe salir al territorio a construir encargos pero no desde el punto de vista económico principalmente sino teniendo la visión de que esa construcción y auto solicitud es necesaria para el buen desarrollo territorial donde no estamos llegando por lo que nuestra presencia es fundamental junto a otras disciplinas.

Cuando se reconoce un problema es cuando comienza el trabajo de comunicar a la comunidad, o comunidades, de en lo que se está trabajando y de involucrarlos en algo que beneficia a ellos mismos que tal vez no había previsto como puede ser la migración de las generaciones jóvenes a la ciudad y la desaparición de los poblados rurales.” (GrupoTalca, 2017)

Pinohuacho serve de exemplo ao movimento migratório que tem desertificado as zonas rurais e contribuído para a sobrepopulação das cidades. A migração que esta comunidade considerava, antes da intervenção do GrupoTalca, é e tem sido um movimento comum, não só no Chile, mas em vários países do mundo. Este movimento existe como resposta à falta de recursos que o declínio destas regiões sofrem, ou como resposta à mudança de valores e objectivos das gerações mais jovens. Sendo que é a presença humana que lhe confere significado, sem ela, o lugar deixa de existir. Era este o risco que esta localidade enfrentava, em 2005.

A decisão de se mudarem para as cidades surge no sentido de estar no centro das oportunidades de emprego e do conforto habitacional. Mas este movimento, que, numa dada altura, aparenta ser a única solução possível, não se revela, de facto, vantajosa. Dadas as dificuldades económicas que geralmente caracterizam esta decisão, estas pessoas não conseguem pagar os preços das habitações que se situam nos centros

urbanos, onde afluem as possibilidades de emprego. Vêm-se assim obrigados a residir nos subúrbios, longe dos seus locais de trabalho e onde não conseguem usufruir dos privilégios de viver na cidade. Acabando por trabalhar para pagar a casa onde agora vivem, este aumento do retorno económico revela-se fictício, já que as despesas são também maiores. Continuam, portanto, a viver em condição de subsistência, ainda que de forma diferente do que isto significa em ambiente rural, e a contribuir para o aumento das regiões periféricas urbanas.

A desertificação das zonas rurais e a consequente sobrepopulação dos meios urbanos, leva a um desequilíbrio que coloca em causa a relação de complementaridade entre o campo e a cidade. Lewis Mumford, historiador americano que se centrou nas questões relativas ao planeamento urbano, escreve, em 1938, *The Culture of Cities*, onde explora o modo como a Cidade evoluiu ao longo dos anos e de que modo o seu desenvolvimento era influenciado. No seu estudo, trata também da relação de complementaridade entre o campo e a cidade, pertinente para justificar a posição tomada pelo Grupo Talca em tentar manter a comunidade de Pinohuacho: *“Every phase of life in the countryside contributes to the existence of cities. What the shepherd, the woodman, and the miner know, becomes transformed and “etherealized” through the city into durable elements in the human heritage”* (Mumford, 1970, p. 4). O campo fornece à cidade meios de subsistência, recursos indispensáveis à sua configuração e confortável vivência. Em retorno, a cidade compra estes produtos, garantindo-lhes a possibilidade de adquirir outros, necessários à sua vivência e dos quais aqueles lugares carecem. Sendo um centro de trocas e serviços, consegue dar uso à matéria-prima produzida por estas comunidades rurais e transformá-la em produtos que significam depois um retorno económico. Se a desertificação das regiões rurais se verificar de forma geral e prolongada, a cidade, para além de sofrer um acréscimo insustentável da população que acolhe, deixa de obter os recursos dos quais depende. No sentido de prevenir que isto se verifique, é necessário considerar mecanismos e estratégias que consigam manter um, para assim preservar o outro.

A este movimento está também associado um problema de preservação, uma vez que com a migração para as cidades, as zonas rurais são deixadas ao abandono, contribuindo para a crescente desertificação do território, a perda destes lugares e tudo o que lhes está associado. Assim sendo, para que possam persistir é necessário garantir conforto e qualidade de vida dos seus habitantes, no sentido de prevenir a procura destes aspectos noutros lugares, os quais dependem de um retorno económico favorável, motivo pelo qual se torna tão pertinente procurar dinamizar estas regiões.

A estas comunidades está associada uma forma de fazer que em muito caracteriza o povo chileno. Apesar de a sua atitude participativa tomar também algumas cidades, estes locais cresceram com determinados ofícios que, com o seu desaparecimento, deixam também de existir. Terminar estas práticas é deixar cair estas tradições culturais no esquecimento, já que são trabalhos cujas técnicas foram transmitidas de geração em geração, não havendo por isso registos ou manuais destes processos. É portanto um legado cultural que depende das pessoas e dos locais onde são praticados.

“Nos definió mucho haber estudiado en la escuela de arquitectura de la universidad de Talca, haber tenido como maestro a Juan Román y a Cazú Zegers en esos años de estudiante y con quienes compartimos hasta el día de hoy mucho intereses y experiencias desde el punto de vista del hacer y académico.” (Grupo Talca, 2017)

O exercício que o *Taller de Titulación* que a escola de Talca propõe aos seus alunos procura já uma aproximação a estes conceitos relativos à responsabilidade social do arquitecto para com o território e as comunidades. É um contacto importante com situações reais que pontuam o país e que caracterizam a cultura do povo chileno. A pertinência da escola prova-se também nos projectos que tem apresentado bem como no reconhecimento que tem obtido. A escolha dos arquitectos e professores da escola, Juan Román e José Luis Uribe Ortiz, para a elaboração do pavilhão do Chile na Bienal de Veneza de 2016, confere-lhe importância internacional e contemporaneidade, revelando esta escola como um contributo importante à prática arquitectónica do seu tempo: “[...] *arquitectos capaces de escapar del status quo y de enfrentar los problemas, por dificultosos que sean, con soluciones propositivas, inteligentes y creativas.*” (Espinoza, 2016).

Como nos revela Pinohuacho, a solução para o problema da falta de recursos de uma comunidade pode ser encontrada no próprio lugar. É apenas necessário conseguir apontar quais são aqueles de que dispõe e pensar de que forma podem ser usados. No caso em estudo, a regeneração partiu da mudança do foco da comunidade, ao qual se revelaram necessárias pequenas intervenções para que se pudesse responder às novas exigências. Foi necessário a qualificação de percursos e instalação de equipamento associado ao turismo rural, intervenções simples e pontuais no território e a criação de um elemento que pusesse em evidência a especificidade do lugar para assim atrair

turistas. Deste modo, a partir de intervenções simples e apontadas, conseguiu-se alcançar os objectivos traçados usando apenas recursos locais.

A dinamização e valorização destas localidades tem, naturalmente, que ter em conta os factores e elementos que lhes são característicos. Tomados como elementos operativos nesta intenção, é necessário traçar uma intervenção que se revele estratégica face à escassez de recursos que caracteriza as comunidades que ponderam a migração anteriormente referida:

“[...] catalizar esta información, ordenarla y proponer la mejor solución con el menor gasto de recursos posibles con el mayor impacto positivo posible” (Grupo Talca, 2017)

Assim, como Pinohuacho nos mostrou, é possível reestruturar e revitalizar uma comunidade rural em declínio com uma obra simples mas que, dada a precisão da resposta ao problema que se colocava, teve um impacto semelhante ao da acupunctura. Neste sentido, o valor da obra reside naquilo que conseguiu alcançar e não apenas no seu desenho arquitectónico.

Torna-se, portanto, fundamental conhecer os contextos que lhe são circundantes e que, naturalmente, exercem sobre ele influência, ainda que de forma mais ou menos directa, da mesma forma que o que ocorre naquele lugar em específico pode gerar um impacto mais alargado. É por isso necessário *“catalizar esta información”* (Grupo Talca, 2017) e articular as escalas que originam e caracterizam o lugar no sentido de elaborar uma proposta que consiga concretizar a intenção definida: *“Es el tema de la sustentabilidad es el que es capaz de conectar la escala local del lugar real con la escala global del lugar mental, toda vez que permite entender la obra de arquitectura como parte integrante de un sistema planetario sobre el cual la obra incide.”* (Valenzuela, 2013, p. 19)²⁰

Para isso é fundamental conhecer os contextos locais da intervenção bem como os mais alargados.

O conceituado urbanista Manuel de Solà Morales introduz o conceito de “acupunctura urbana” associado a um projecto realizado em Antuérpia onde se pretendia uma intervenção *“[...] designed to stimulate a new economic and social vitality”* (Zardini,

²⁰ Arquitecto e Professor da escola de Arquitectura da Universidade de Talca. Nesta condição, foi ainda orientador da *Obra de Titulación* de Rodrigo Sheward realizada em Pinohuacho (Sheward, 2007).

1999, p. 82). Trata portanto de pensar na proposta como um elemento que provoca impacto no lugar onde é inserido, para o qual o autor apresenta a seguinte definição:

“[...] urbanistic acupuncture: interventions at crucial points provoke comprehensive reactions that improve the whole organism. The general view consists in understanding the system and the actual effects of each intervention, without having to resort to major surgery or constant treatment.” (Zardini, 1999, p. 82)

Caracteriza-se por intervenções pontuais e intencionais, elaboradas num curto espaço de tempo, sendo capazes de gerar a reestruturação espontânea do seu contexto imediato. Ainda que definido para meios urbanos, o pensamento inerente a este conceito, com as devidas alterações, pode ser transposto e aplicado também em ambientes rurais.

À regeneração espontânea é preciso ainda somar o problema da sua manutenção, para o qual se devem criar mecanismos próprios. A utilização de técnicas e materiais da zona permite incluir os habitantes neste processo, da mesma forma que garante a possibilidade do espaço ser continuamente adaptado. Procurando eficiência e aperfeiçoamento destas técnicas, conseguir melhorá-las e ensinar novos métodos ou aplicações das mesmas a estas pessoas, contribui para o desenvolvimento e auto-suficiência da comunidade e, por consequência, à sustentabilidade do lugar. Este método surge não apenas numa perspectiva de poupar em recursos humanos e materiais mas também, e principalmente, com vista à preservação da relação de pertença que os habitantes já imprimiram ao lugar e que uma obra mal recebida pode colocar em causa. Uma vez que *“Sense of self, whether individual or collective, grows out of the exercise of power.”* (Tuan, 2002, p. 175), ao ser-lhes atribuído o poder de decisão sobre o seu espaço de habitar, mantém-se a identidade do lugar. A sua participação permite ainda o reconhecimento daquilo que são capazes, fortalecendo o sentimento de união inerente a uma comunidade e confiança na sua autonomia.

Os elementos culturais são, portanto, recursos igualmente decisivos no sucesso das propostas. O espaço construído deve, assim, ser concordante com os valores e hábitos das pessoas que ali residem. É neste sentido que os arquitectos do Grupo Talca e a escola de Talca incentivam à participação da população, uma vez que eles são o maior recurso a este entendimento: *“Es una arquitectura en pequeño formato que logra estirar y redescibir la memoria e identidad de un habitar pasado-presente del imaginario colectivo*

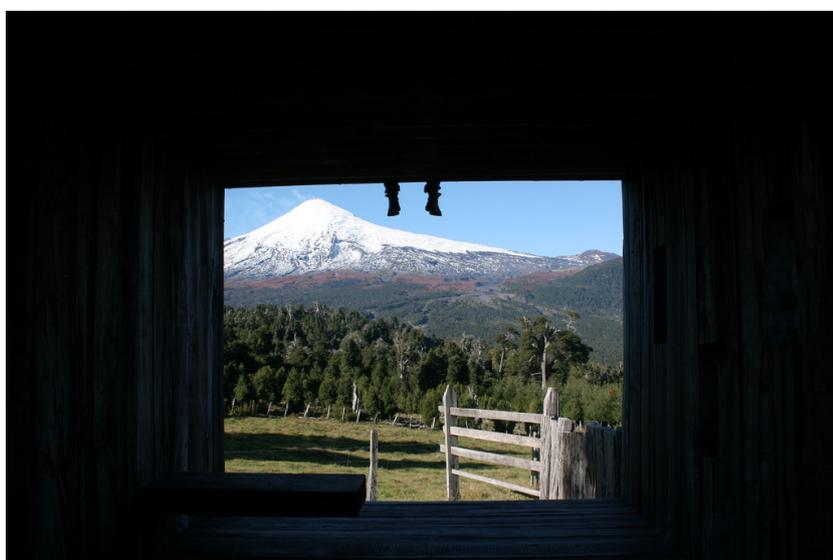


Figura 1.19 Fotografia do *Casetón-Mirador* em Pinohuacho. [Fonte: <http://estudiopalma.cl>]

Figura 1.20 Fotografia interior do *Casetón-Mirador* em Pinohuacho. [Fonte: <https://farm3.static.flickr.com>]

del habitante de ese territorio.” (Uribe Ortiz, 2011 [a])²¹.

Se a obra construída em Pinohuacho deriva e depende do lugar onde foi implementada é então necessário explorar o que acontece à obra quando é levada para exposição na Bienal de Arquitectura em Veneza no ano de 2016 [ver figuras 1.19 a 1.23]. Convidados por Alejandro Aravena, curador da Bienal desse ano, o Grupo Talca optou por levar para a exposição a obra que melhor representa a sua actividade e objectivos: o *Casetón-mirador* de Pinohuacho. Retirada do lugar que a origina, havia o perigo da obra perder um dos elementos centrais que caracterizava a sua identidade na altura e que a obra em si perdesse significado, uma vez que o que lhe conferia o seu valor era o próprio lugar. Assim sendo, assiste-se também aqui a uma relação de complementaridade que caracteriza as obras a que se dá relevância com esta dissertação e que deve, por isso, ser considerada. O lugar origina a obra e é, por isso, o que lhe confere significado, da mesma forma que a obra, uma vez concordante e motivada pelo contexto em que se insere, também o irá valorizar. Neste sentido, a obra depende do lugar do mesmo modo que este depois também dependerá dela: “[...] *la obra está en el territorio y el territorio está en la obra*” (Valenzuela, 2013, p. 52).

No entanto, este exercício de deslocação do *Casetón-mirador* para a Bienal de Veneza revelou-se importante no sentido em que permitiu explorar, de forma concreta, os efeitos que podem resultar, para o lugar, quando a obra que o valoriza integra uma exposição internacional. Segundo afirma o grupo na entrevista em anexo:

“[...] haber llevado el mirador es un medio para poder seguir desarrollando el territorio pero ahora con ayuda del gobierno e instituciones que antes no creían en el proyecto.

Haber llevado el mirador es haber hecho posible que un leñador y un carpintero de la cordillera de los andes puedan contar esa historia de voluntad por permanecer en su territorio al mundo, cosa que creemos puede servir para muchos casos similares.” (Grupo Talca, 2017)

Deste modo, o que à primeira vista poderia parecer prejudicial para a obra e para o lugar, acabou por se revelar uma mais valia para ambos. Ao divulgar internacionalmente

21 Arquitecto e Professor da Escola de Arquitectura da Universidade de Talca.



Figura 1.21 e 1.22 Fotografias do *Casetón-Mirador* na Bienal de Veneza de 2016. [Fonte: <http://www.laderasur.cl>]

o trabalho desenvolvido²² e o que com ele se tinha conseguido alcançar, as entidades nacionais prontamente se propuseram financiar novos equipamentos de qualificação do lugar. Puderam ainda frisar a importância de levar a arquitectura e o arquitecto a lugares que normalmente não podem usufruir dos seus serviços e consciencializar os profissionais para uma prática atenta a questões sociais e culturais, fundamentais para o bem-estar da população.

Parte da estratégia deste projecto de regeneração do lugar era a criação de uma fotografia de postal, chamativa, de modo a atrair turistas. O público do qual o lugar agora dependia, motivou e permitiu outras acções naquele território. Neste sentido, a obra cumpriu o seu objectivo e gerou outras e novas possibilidades à comunidade e ao território, que transcendem a sua qualidade física ou mesmo a sua presença no lugar:

“[...] esa postal creada el 2006 que ya cumplió su función primaria, posee otro valor en el tiempo cuando es capaz de permanecer y de seguir construyendo el relato de un pueblo.” (GrupoTalca, 2017)

É um pensamento semelhante àquele que caracterizou o *Land Art*, movimento que consistia em registar uma instalação inserida em lugares naturais. Estas estruturas eram normalmente construídas com os materiais existentes no local e marcavam um lugar. Através da fotografia e exposições, estes lugares era registados e dados a conhecer.

Toda a intervenção feita em Pinohuacho pelo GrupoTalca e os seus habitantes, é um exemplo arquitectónico e social do impacto do pensamento estratégico e informado na actuação no território. Com ela, conseguiu-se a valorização do mesmo, a dinamização de um lugar em decadência e a preservação de valores culturais. No entanto, a forma como tudo foi alcançado, tendo em conta os recursos aos quais tinham acesso, foi apenas possível dadas as características do lugar, o seu contexto geográfico singular e os conhecimentos materiais e construtivos de quem habitava aquelas terras. A forma como estes arquitectos conseguiram conjugar estes elementos permitiu os resultados a que hoje assistimos. Ainda assim, o impacto não foi apenas local, uma vez que serve de exemplo a toda a comunidade arquitectónica que, ao ver o que aqui foi alcançado e o modo como o carácter auto-proposto com que os arquitectos assumiram a intervenção pode representar um retorno considerável, quer para a população que beneficia com os seus serviços, quer

22 Antes da exposição em Veneza, o projecto já tinha constado em várias publicações internacionais bem como integrado apresentações realizadas pelo GrupoTalca.



Figura I.23 Fotografia do interior do *Casetón-Mirador* na Bienal de Veneza de 2016.

[Fonte: <http://www.archdaily.com.br>]

para o reconhecimento do trabalho do profissional. O grupo sublinha que é necessário que os arquitectos se adaptem às necessidades que vão surgindo e que os projectos consigam responder de forma satisfatória às necessidades que o Homem vai manifestando:

“Creemos que todos los campos son necesarios, ahora se están abriendo nuevos campos y es necesario que muchos arquitectos sentemos las bases e investiguemos sobre esto, cada esfuerzo es valido, desde el punto de vista tradicional hasta el punto de vista de quienes vamos donde el arquitecto no llega.

Ahora si creemos que deberíamos en todos los campos poner el énfasis en el hombre y no en las cosas y creo que si nos focalizamos en aquello podremos desarrollar ciudades o territorios mas dignos y menos degradados.” (Grupo Talca, 2017)

Para o Grupo Talca, a arquitectura é mais do que a conjugação harmónica de materiais e paredes, é a forma de interpretar e trabalhar o lugar para responder a necessidades concretas: *“Talca son procesos que parecen transgredir los limites entre el proyecto, el taller, la obra construida y la pieza de arte.”* (Griborio, 2013, p. 11)²³, pensamento que partilham com a escola onde se formaram. O arquitecto tem, por isso, que saber identificar o problema de forma clara para depois poder traçar uma resposta capaz de o solucionar. Neste sentido, é um profissional que tem que dominar as várias vertentes dos processos e dos projectos, de modo a conseguir controlar os resultados:

“El debate actual sobre la pérdida del poder del arquitecto adquiere una relevancia lateral específica, ya que la pérdida de control de los procesos pasa a ser una experiencia de movilidad institucional que obliga al titular a ocupar variados roles, entre los cuales, está el de facilitador comunitario y operador político parcial a escala local” (Pastor Melado, 2013, p. 194)²⁴

Tem por isso que assumir um papel de mediador e promover uma comunicação horizontal em vez da tradicional comunicação vertical que caracteriza os projectos de interesse social. A comunicação vertical pressupõe uma hierarquização dos vários

23 Arquitecto e Professor da Escola de Arquitectura da Universidade de Talca.

24 Crítico de arte e curador independente, que contribui com textos em livros publicados pela escola de Talca e por isso ligado à sua visão.

intervenientes do processo enquanto que na comunicação horizontal são todos incluídos no mesmo diálogo. Na primeira, os habitantes dificilmente tomam contacto com quem define os espaços que irão habitar, enquanto que na segunda, estes podem informar, de forma directa e concreta, as entidades encarregues do projecto das necessidades das quais o lugar e a própria comunidade carecem.

A crescente especialização das áreas leva a uma hierarquização dos processos e dos seus intervenientes, o que dificulta o entendimento real e total das situações. O arquitecto, que é quem vai de facto formular a proposta tem, por isso, que ser capaz de contactar com os interessados, bem como com as entidades políticas ou institucionais que financiam estes projectos e conseguir colocar ambas as partes no mesmo discurso. Tem também que conhecer o contexto geral e específico com os quais trabalha na sua totalidade para poder propor soluções que se revelem eficazes e concordantes com o lugar onde se inserem:

“[...] pensaremos y detonaremos junto a los participantes y las comunidades estos territorios frágiles para que sean desarrollados por ellos mismos en contraposición a el pensamiento degradativo y extractivo con el cual se opera actualmente sobre este territorio que es nuestro patrimonio. Tal como para Europa sus edificios y templos son su patrimonio, para Latinoamérica es nuestro territorio y paisaje ese patrimonio que debemos cuidar y desarrollar junto a quienes entienden su valor.” (GrupoTalca, 2017)

Fundado em 2003 por Rodrigo Sheward e Martín del Solar, enquanto estudantes da Universidade chilena de Talca, o GrupoTalca surge com o principal objectivo de levar a arquitectura onde o arquitecto não chega: *“Como GrupoTalca buscamos llevar arquitectura donde el arquitecto no llega. Nuestra búsqueda es sobre el territorio, el oficio y la materia como medios que informan el proyecto. Por lo tanto estos son capaces de dar una respuesta local.”* (Andes Workshop, 2017 [b]). Como a entrevista indica, o seu trabalho é motivado por preocupações sociais associadas tanto a meios rurais como urbanos, que se propõem resolver através da obra construída, contando com o contributo dos habitantes tanto no processo de decisão como no de construção das suas propostas: *“GrupoTalca se caracteriza por trabajar con procesos locales, es decir, potenciando al máximo los recursos existentes y las tradiciones asociadas a las comunidades que sirven.”* (GrupoTalca, s.d.). Para estes arquitectos, a resposta a estes problemas deve partir não só do diálogo com os habitantes mas também do reconhecimento daquilo que são os recursos e as tradições locais, iniciando sempre os seus projectos com a pergunta *“que*

es lo que hay?” (Grupo Talca, 2016).

Associado aos locais onde têm trabalhado e ao carácter auto-proposto que têm assumido em muitas propostas que apresentam, há de facto escassez de recursos, tendo por isso de apostar em obras simples e económicas que sejam capazes de assumir um papel estratégico na dinamização dos lugares. No entanto, ainda que o trabalho que desenvolvem nestes sítios seja de grande pertinência, não permite o seu sustento. Apesar de o caso de Pinohuacho mostrar que a força de vontade se sobrepõe às carências económicas e materiais, a verdade é que para o seu sustento é-lhes necessário manter um outro emprego que lhes garanta um salário. Embora sejam propostas que desenvolvem nos “tempos livres” isto não lhes retira a sua pertinência, é um trabalho de grande relevância para a sociedade e para a reestruturação do território e é por isso que continuam a fazê-lo (Grupo Talca, 2017).

A iniciativa e pro-actividade do Grupo Talca, apresentam o trabalho que há a fazer e de que modo pode ser abordado. Com projectos desenvolvidos no Chile e noutros países da América Latina, como Equador, Bolívia, Venezuela e México, promovem uma arquitectura que se baseia em premissas: “*como “construir con lo que hay”, “construir con lo que quedó”, “llevar arquitectura donde no la hay y donde nadie la pueda solicitar”.*” (Grupo Talca, 2015 [a], p. 6). Os seus projectos são, normalmente, instalações com objectivos muito concretos e informados por questões locais. Motivados pela valorização destas identidades locais, o Grupo Talca, desenvolve projectos alusivos ao território, a aspectos históricos ou quotidianos, outros procuram recuperar ou atribuir dinâmica a um lugar inerte, e todos, a partir da utilização de materiais locais.

Sendo que, por motivos anteriormente mencionados, partilham das ideias da escola de Talca e o seu foco continua a ser no tipo de trabalhos que esta escola promove, continuam ligados a ela. O seu envolvimento no ensino permite então garantir o aspecto monetário de que necessitavam e coloca-os também num ambiente de discussão, fundamental na prática destes projectos. Como complemento, organizam conferências e *workshops* que introduzem outros alunos e profissionais a estas circunstâncias e aos métodos que utilizam no decorrer destes processos. Procuram assim divulgar esta vertente, tão necessária no campo da arquitectura, e incentivar estas práticas, que acreditam ser fundamentais à criação de oportunidades para pessoas que normalmente não poderiam usufruir destes serviços.

O projecto *Casetón-mirador de Pinohuacho*, foi o primeiro do grupo e o que ilustra de forma mais evidente as valências do pensamento destes arquitectos, reflectido

nos resultados obtidos. Apesar da singularidade da abordagem tomada nesta intervenção, é um exemplo para a comunidade arquitectónica pela forma como lida com problemas fundamentais da arquitectura, relativos às pessoas, ao território e à relação entre si, e pela pertinência e contemporaneidade dos temas que levanta na sua resolução.

Tida como fundamental ao pensamento que deu lugar à obra em destaque nesta dissertação e pertinente ao contributo da arquitectura na sociedade contemporânea, a Escola de Arquitectura da Universidade de Talca será abordada no ponto que se segue.

I.3 A ESCOLA DE TALCA E A CULTURA CHILENA

Para que se possa compreender a posição dos arquitectos do Grupo Talca e as motivações que conduziram ao projecto previamente apresentado, é necessário compreender o seu contexto. Neste sentido, esta parte incide nas circunstâncias do país em que estão inseridos e no seu percurso académico, fundamentais à definição das premissas sobre as quais assenta o trabalho que têm apresentado até à data.

Sendo um país cujas características geográficas permitem um regime quase auto-sustentável, dada a fertilidade do solo, proximidade ao mar, qualidade e quantidade dos recursos de matéria-prima, pode dizer-se que é no seu território que está a maior riqueza do Chile. E foi sobre ele, apropriado por tribos locais e colonos que chegavam de todas as partes do mundo, que se começou a formar aquilo a que hoje chamamos de cultura chilena (Cazú Zergers, 2016). No entanto, dado que em cada zona do país as características geográficas e os recursos disponíveis são distintos, a apropriação que é feita varia de região para região e, por vezes, de comunidade para comunidade, assumindo assim um carácter próprio e, de certo modo, individual.

Esta vontade, que caracteriza o povo, permite que conhecimentos construtivos façam parte do senso comum destas pessoas, que desde cedo se envolvem na construção e caracterização dos seus espaços de habitar. Esta capacidade das pessoas tem também que ver com as características geográficas e económicas do país. Ainda que dos países mais estáveis da América Latina, podem-se apontar situações de pobreza extrema, onde as pessoas se apropriam de terrenos e neles constroem instalações que lhes permitem abrigo. Também, fruto das catástrofes naturais de que é alvo, os seus habitantes são obrigados, muitas vezes, a reconstruir zonas habitacionais em muito pouco tempo, nas quais a população se junta a ajudar.

Habitados a ter que responder de forma directa às necessidades e situações que se colocam, muitas comunidades mais pequenas não requerem sequer o contributo do arquitecto na construção das suas habitações. No seu encontro com o território, apropriam-se dos recursos locais e, de acordo com as técnicas que dominam, definem uma forma de fazer também ela local:

“un lenguaje de formas propias que yo lo llamo de uno hacerlo de precario y de baja tecnología, que es algo muy propio de la América Latina [...] no

hay muchos recursos pero eso también tiene una potencia enorme porque el hacer con lo que uno tiene a la mano, hace con lo justo y eso finalmente tiene un enorme valor. Entonces se vuelve un sistema muy sustentable.”

(Zegers, 2016)

O facto de os próprios habitantes terem a capacidade de adequar o espaço físico às condicionantes que se vão colocando, não dependendo de ajuda externa, permite um sistema sustentável de manutenção dos lugares. No entanto, conseguem apenas responder de forma imediata às necessidades que vão surgindo, para as quais o contributo do arquitecto como profissional treinado para interpretar os lugares na sua especificidade e como integrantes de um sistema maior, que sobre ele exerce influência, se revela fundamental. Ainda assim, tal como muitas destas pessoas desconhecem a capacidade destes profissionais, não solicitando, por isso, os seus serviços, muitos arquitectos não chegam a tomar contacto com estas comunidades na sua actividade profissional.

No entanto, para actuar nestes ambientes, o arquitecto tem que ter em conta não apenas os aspectos físicos que caracterizam os lugares mas também o seu espírito, dada a importância que tem para o sucesso das propostas. Associado ao contexto destas comunidades, esta dimensão adquire uma relevância acrescida, uma vez que resulta da relação e investimento pessoal dos habitantes naquele lugar. Neste sentido, os resultados obtidos estão dependentes da forma como estes aspectos informam o desenho da proposta. A procura por compreender estes locais na sua totalidade, define certos grupos de arquitectos e mesmo algumas escolas, a ser referidos ao longo deste documento, sendo que nesta dissertação se confere maior destaque àquela em que Rodrigo Sheward e Martín del Solar estudaram e que motivou a obra apresentada no início do presente capítulo.

A *Escuela de Arquitectura de la Universidad de Talca*, onde os arquitectos do Grupo Talca estudaram, é ciente das problemáticas e valências associadas à vontade e capacidade construtiva que caracteriza a cultura chilena e por isso procura integrar esta especificidade no curso de arquitectura que oferece. Fundada em 1999, por Juan Román, foi uma escola que procurou integrar-se na cidade e contexto circundante onde estava inserida (Valenzuela, 2013, p. 23). Esta decisão, tomada por parte dos arquitectos encarregues da formulação do seu plano de estudos, vai ao encontro da relevância que o lugar assume na cultura chilena e a pertinência do curso em conseguir preparar os alunos para o contexto sob o qual vão trabalhar.

Segundo os Índices do Instituto Nacional de Estatísticas do Chile (Uribe Ortiz,

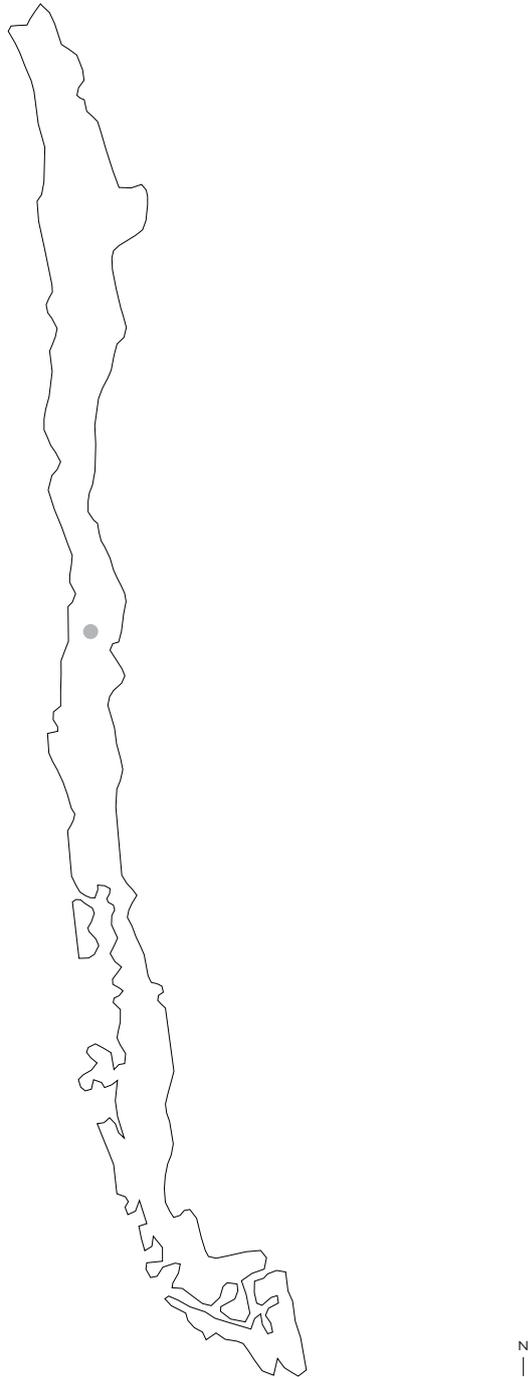


Figura 1.24 Mapa do Chile com referência à cidade de Talca. [Fonte: Desenho realizado pela autora da dissertação]

2011 [a]), verificados aquando da implantação da escola:

“[...] la ciudad de Talca forma parte de una de las regiones más pobres de Chile. Bajo ese contexto económico y social opera el cuerpo de profesores de la Escuela de Arquitectura de la Universidad de Talca, que se encarga de instruir a un alumno cuyo perfil de formación apunta al de más escasos recursos, con el nivel de educación secundaria más bajo del país y con menos capital social.” (Uribe Ortiz, 2011 [a])

Perante estas circunstâncias, não se podiam usar os mesmos métodos de aprendizagem que nas outras escolas. A metodologia é por isso adaptada de modo a adequar-se e a aproveitar as capacidades e qualidades dos alunos que se propunha acolher, o que permitiu criar a possibilidade de se testar novas abordagens ao ensino. Numa procura por novas formas de inculcar os valores e ferramentas necessários à prática consciente e informada da profissão, a escola definiu um método próprio. No entanto, não foram apenas as condicionantes sociais e económicas que determinaram a posição da escola, a sua localização e características geográficas assumiram também relevância no seu processo de estruturação. Talca é uma cidade que se situa no chamado *Valle Central* do Chile, encontrando-se no ponto intermédio entre os extremos Norte e Sul do país [ver figura 1.24]:

“La ciudad de Talca se encuentra emplazada en la depresión intermedia, entre dos accidentes geográficos como son la ciudad de Santiago por el norte y el río Bio-Bío por el sur. En el territorio así definido interesa particularmente el clima, caracterizado por un régimen de temperaturas extremas, y la ligazón cultural y económica que la zona y sus habitantes guardan con la tierra.” (Valenzuela, 2013, p. 17)

Uma vez que a apropriação por parte de quem habita o lugar, o caracteriza e lhe confere uma identidade própria, a escola procura concordância das suas abordagens com o contexto em que se insere:

“Esta toma de partido permite, a través de la revisión de los antecedentes espaciales de la región, otorgar un carácter paradigmático a la denominada “casa chilena” como identidad arquitectónica del pasado, que, mediante su forma y materialidad, determinada por materiales obtenidos directamente

de la tierra, da lugar, en armónica relación con el medio climático y el medio económico, al desarrollo histórico de la habitabilidad.” (Valenzuela, 2013, p. 18)

Neste sentido, procura preparar os seus alunos para saber interpretar e trabalhar com estes elementos que compõem a imagem das comunidades da *Región del Maule*: “[...] *la apertura de una escuela construye un paisaje cultural.*” (Pastor Melado, 2013, p. 191). O valor cultural que a paisagem e o ambiente construído passam a assumir resulta do registo, análise e teorização que uma escola pode conferir ao lugar em que se insere.

Introduzir uma escola num lugar, com um carácter próprio já definido, significa primeiro compreender as circunstâncias em torno do mesmo para depois sobre ele trabalhar. Actuar nestas povoações não é a mesma coisa que intervir em Santiago, Valparaíso ou em qualquer cidade das outras quinze regiões chilenas, quer pelas circunstâncias físicas que apresenta quer pelas características sociais e económicas das pessoas que nelas habitam²⁵. Assim, no sentido de respeitar a “*manera de hacer local*” (Grupo Talca, 2015 [b]), isto é, a forma como o lugar foi caracterizado e apropriado, a Escola de Arquitectura de Talca:

*[...] elude algunos componentes de la tradición de la enseñanza de la arquitectura en Chile para lograr situarse adecuadamente en la provincia”*²⁶ (Uribe Ortiz, 2011 [a])

Em suma, era necessário compreender a cultura que se tinha desenvolvido naquele sítio e introduzi-la na forma de pensar da escola que ali se pretendia formar. Como a citação indica, era necessário quebrar com os modelos existentes no sentido de adequar as abordagens à realidade em causa, especificidade que se revela no plano de estudos que formularam.

Deste modo, torna-se evidente a intencional posição de distanciamento desta escola relativamente às metodologias tradicionais de ensino do país. No entanto, ainda que a escola recusasse a aplicação de modelos educativos previamente implementados, “*some approaches conjoint to all works might be identified.*” (Uribe Ortiz, 2011 [b], p. 27). O autor da citação, arquitecto e professor da escola de Talca, revela o suporte em

25 Comunidades maioritariamente rurais e com nível de escolaridade reduzido.

26 Segundo a palestra “*Talca, una cuestión de educación*” apresentada por Juan Román no ciclo de conferências NOON, realizado a 26 de Janeiro de 2011, na Escola Técnica Superior de Arquitectura de Sevilla, Espanha (Uribe Ortiz, 2011 [a]).

autores internacionais na estruturação do pensamento da escola, entre os quais Juhani Pallasmaa pelo texto *“Toward an Architecture of Humility”* (Pallasmaa, 2005) que escreve no ano de 1998, e Glenn Murcutt (Uribe Ortiz, 2011 [b], p. 27), pelos projectos que apresenta ao longo da sua carreira, pertinentes pela abordagem e processo que toma no seu desenho: “[...] *la capacidad de Murcutt para convertir un encargo corriente en una obra mayor, tenía que ver con las competencias que [...] el alumno habría de hacer suyas.*” (Valenzuela, 2013, p. 35).

O sucesso das propostas que produziu e a visibilidade que a escola tem hoje recebido²⁷ comprovam a pertinência da sua abordagem, que se reflecte no plano de estudos do curso e por isso relevante de ser analisado.

O objectivo da escola era de formar um aluno dotado de olhar crítico, com capacidade de observar e saber interpretar os contextos sobre os quais terá de actuar, conseguindo responder de forma concreta e apontada aos problemas identificados: *“El objetivo de la carrera de Arquitectura de la Universidad de Talca es el de formar un arquitecto capaz de aplicar críticamente su pensamiento creativo”* (Valenzuela, 2013, p. 17). Neste sentido, os arquitectos e professores da escola de Talca afastavam-se de *“La idea del arquitecto como aquel que solo diseña y supervisa la construcción de un edificio [que] nos mantuvo históricamente alejados de la realidad cotidiana.”* (Griborio, s.d., p. 98). É precisamente este distanciamento dos profissionais à realidade do lugar sobre o qual vão actuar que o arquitecto Juan Román procurou corrigir nesta nova escola, onde o *“quehacer arquitectónico”* (Uribe Ortiz, 2013) é ditado pelos elementos e condicionantes do lugar, que, neste caso, é o *Valle Central de Chile*. O pensamento criativo acima mencionado refere-se ao aproveitamento de materiais e recursos locais disponíveis, podendo ser trabalhados de forma inovadora, de modo a resolver o problema em mãos de forma eficiente e concordante com o seu contexto próximo. Neste sentido, a componente prática desempenha um papel fundamental como complemento à aprendizagem académica.

Deste modo, pretendia-se a criação a uma relação de complementaridade, em que o lugar, através dos seus vários elementos, informasse os projectos, da mesma forma que estes lhe fossem depois acrescentar significado. Assim, as obras produzidas seriam então resultado e contributo à narrativa do lugar:

27 Através de convites para a Bienal de Veneza, tanto a professores como a alunos, bem como várias apresentações tanto a nível nacional (no Chile) como internacional.

“Una manera de educar y generar aportes significativos mediante la reflexión, la proyectación y la construcción, desde la interpretación y manipulación de imagen, materia y paisaje, para reconstruir la narrativa propia de un territorio cargado de poesía.” (Griborio, 2013, p. 13)

Na escolha do corpo docente a integrar a escola, procurou-se reunir profissionais de diversos contextos geográficos e educativos, sendo por isso capazes de conferir à escola diversidade (Valenzuela, 2013, p. 37). A través do inevitável confronto de metodologias, perspectivas e abordagens, pretendia-se gerar uma discussão crítica relativa aos fundamentos da profissão e à forma de os transmitir. Uma vez que *“Se entiende por escuela una particular manera de hacer.”* (Valenzuela, 2013, p. 17) tinham primeiro que definir as premissas sobre as quais queriam que o seu trabalho assentasse para depois estruturar o plano de estudos a implementar:

*“Operar, que incluye las competencias relativas a la pro-actividad necesaria para el desempeño profesional en un medio competitivo.
Oficiar, que incluye las competencias relativas a la concepción, proyectación y supervisión de la construcción de un edificio, en su definición extensa.
Innovar, que incluirá las competencias relativas a informar la transformación del conocimiento en riqueza.”* (Román, 2005)

No Chile há três universidades que apresentam cursos de arquitectura que correspondem à condição de escola, acima referida: a Universidade do Chile, a Universidade Católica do Chile e a Universidade Católica de Valparaíso e os arquitectos encarregues da formulação da escola de Talca pretendiam que esta fosse a quarta (Valenzuela, 2013, p. 35).

O plano de estudos foi definido de forma a responder às exigências acima descritas, tendo resultado num curso com a duração de seis anos. Como na maioria das escolas de arquitectura, o *Taller* (disciplina de projecto), estende-se do primeiro ao último ano. Nos primeiros anos, procura-se inculcar no aluno noções de espaço, lugar e habitabilidade, introduzindo-o nos materiais e nas formas em que estes podem ser trabalhados (Escuela de Arquitectura de la Universidad de Talca, s.d.). Seguindo uma aprendizagem gradual, este é mais tarde confrontado com situações reais e concretas, circunscritas à região do *Valle Central*, às quais deve responder com uma proposta arquitectónica. Ainda assim, é um exercício meramente teórico no sentido em que

as suas propostas não são construídas e, por isso, o aluno não é confrontado com os resultados do seu trabalho. No entanto, no *Taller de Obras*, que se estende do primeiro ao quinto ano, os alunos têm a oportunidade de construir uma obra que responde a uma situação concreta, em grupo e acompanhados de professores, sendo introduzidos a estes processos e ganhando competências adicionais às do *Taller* (Uribe Ortiz, 2011 [a]). O último ano serve de teste às competências adquiridas ao longo do curso, num processo que ocupa todo o ano lectivo e que exige uma análise cuidada e atenta de uma situação real. Cada aluno deve desenhar uma proposta que deve ser depois capaz de concretizar, isto é, construir (Uribe Ortiz, Griborio; 2013; p. 99). É, nesta disciplina, o *Taller de Titulación*, que culmina o percurso académico do aluno e onde se encontra a grande especificidade desta escola (Grupo Talca, 2016).

No entanto, a aprendizagem em arquitectura não se resume à disciplina de projecto. Na categoria onde esta se insere, designada “*Formación Disciplinaria*”, integram-se também as disciplinas de história e teoria da arquitectura, desenho, construção, entre outras. Como complemento, o plano de estudos inclui também o módulo “*Formación Básica*”, composto pelas matérias de física e matemática. Ainda, em aproximação ao contexto real surge, no “*Módulo de Integración*”, o *Taller de Obras*. Com vista à sua preparação para a actividade profissional, os alunos são também introduzidos nas questões de ética e responsabilidade social associadas a intervenções no território, no módulo “*Formación Fundamental*”, que integra as disciplinas: “*Comprensión de contextos sociales*”, “*Comprensión de contextos culturales*”, “*Ética y responsabilidad*” e “*Responsabilidad social*”. Este módulo integra ainda outras disciplinas que permitem aos alunos adquirir ferramentas de representação e apresentação dos seus trabalhos, importantes na comunicação das suas ideias e essenciais ao entendimento das mesmas (Escuela de Arquitectura de la Universidad de Talca, s.d.)²⁸.

A escolha por este conjunto de temas é feita no sentido de preparar o aluno para as várias fases dos projectos. Uma vez que todo o conhecimento adquirido nestas disciplinas converge para o exercício de projecto e, sendo que é onde reside a especificidade desta escola, é neste ponto que se incidirá agora.

Na abordagem ao *Taller*, os arquitectos responsáveis pela formulação da escola apoiam-se nas ideias de François Ascher, referentes à elaboração e gestão de projectos

28 O plano de estudos em vigor e que serve de referência aos dados apresentados neste parágrafo, pode ser consultado em (Escuela de Arquitectura de la Universidad de Talca, s.d.). Aqui, podem também ser consultados os planos de estudos antecedentes.

em contexto incerto, tal como podem ser classificadas as comunidades com os quais a escola pretende lidar (Valenzuela, 2013, p. 58):

“Mas o projecto não é apenas uma intenção traduzida num desenho. Ele é também um instrumento cuja elaboração, expressão e execução revelam as potencialidade e limitações impostas pela sociedade, pelos actores em presença, os lugares, as circunstâncias e os acontecimentos. O projecto é igualmente um instrumento de análise e de negociação.” (Ascher, 2012, p. 80)

Esta posição surge no sentido de reforçar a ideia de que um projecto de arquitectura não é apenas o desenho de edifícios mas que pode também desempenhar um papel importante no desenvolvimento social do lugar onde está inserido. O projecto é então visto como uma ferramenta estratégica, um instrumento que articula os elementos que compõem o lugar e o seu ambiente. Justifica-se deste modo a opção por estabelecer um contacto próximo com o território em questão, bem como com aqueles que o habitam.

No sentido de abordar os diversos temas a que a escola se propõe, o *taller* apresenta diversas formas. O *Taller* do primeiro ano, que passa depois a ser designado *Taller de Materia* (Uribe Ortiz, Griborio; 2013; p. 57), procura que os alunos estabeleçam uma relação próxima com os materiais e recursos locais, através de exercícios onde exigem adaptações plásticas e abstractas dos mesmos (Uribe Ortiz, Griborio; 2013; p. 41):

“*Así, lo material empezó a tomar expresividad y no solo reemplazaba, sino que mejoraba aquello que en otras escuelas pretendía ser la representación del espacio. Lo material tomó potencia.*” (Adrià, 2013, p. 19)

Numa maior aproximação ao território e suas circunstâncias, os alunos realizam ainda o *Taller de Agosto*, realizado na época do ano que o próprio nome indica. Com duração de quatro ou cinco semanas, esta disciplina permite aos alunos fazer parte de um projecto em execução naquela região. À aplicação prática dos conhecimentos teóricos que vão adquirindo soma-se aqui o contacto directo com os habitantes e o confronto com as suas realidades locais, factores considerados igualmente importantes no processo das intervenções: “[...] *los alumnos salen a los caminos para instalarse en entornos donde han de interactuar con el habitante, la materia y el lugar.*” (Uribe Ortiz, Griborio; 2013; p. 63). É uma disciplina que se estende do primeiro ao quinto ano e onde

se pretende a construção de uma obra simples, que assume o carácter de uma instalação, desenvolvida por um conjunto de alunos, professores e habitantes que trabalham de igual para igual (Uribe Ortiz, Griborio; 2013; p. 63).

Outra abordagem particular do *taller* é o *Taller de Obras* que, tal como o *Taller de Agosto*, começou apenas a ser implementado em 2004. Como anteriormente referido, nesta disciplina pretende-se a construção de uma obra, aplicada a uma situação em concreto, que envolve todos os estudantes da escola bem como alunos de escolas de arquitectura de outros países (Uribe Ortiz, 2011 [a]).

São abordagens onde se procura uma aproximação às realidades sociais bem como aos processos construtivos e suas exigências, servindo de preparação gradual para o último ano deste curso que é ocupado, de forma exclusiva, pela disciplina *Taller de Titulación*.

Como o nome indica, esta disciplina, prepara os alunos para a titulação, isto é, o fim do seu percurso académico e “*consiste en la proyectación, gestión y construcción de una obra real.*” (Valenzuela, 2013, p. 64). Apenas implementado no ano de 2004, este *taller* é específico da instituição criada em Talca e surgiu no sentido de se poder verificar se o plano de estudos formulado estava a ser capaz de conferir aos estudantes as competências a que se propunha ou não (Román, 2011):

*“Esa manera de hacer además le permite al alumno verificar que sabe hacer aquello que se había enseñado, que es capaz de construir algo y que al momento de egresar podía irse con una obra construida debajo del brazo y que esa pequeña obra es un capital que le permitirá conseguir trabajo.”*²⁹ (Uribe Ortiz, 2011 [a])

Esta disciplina dá oportunidade a cada aluno de construir uma proposta sua, permitindo-lhe entrar no mercado de trabalho já com obra construída, da qual adquire não só conhecimentos acrescidos e complementares ao ensino académico, anteriormente descritos, mas ainda, o reconhecimento disso (GrupoTalca, 2015 [b]). Apesar da pertinência da formação teórica, o conhecimento que resulta da experiência assume, de facto, uma grande relevância na prática desta profissão e é altamente valorizado pelas entidades empregadoras. Neste sentido, a escola não pretende apenas educar os seus alunos, mas também garantir-lhes a possibilidade de poder exercer assim que terminem o curso. Aspecto com grande relevância dado o contexto social e económico dos alunos

29 Mencionado na palestra de Román nas conferências *NOON*, referidas anteriormente.

que integra, anteriormente referido:

“Esa falta de recursos formativos y económicos se compensa a través [através] de la cercanía y sensibilidad material que tienen los alumnos de la escuela de arquitectura.” (Uribe Ortiz, 2011 [a])

São alunos que cresceram em ambientes rurais onde, desde cedo, tomaram contacto com materiais, ferramentas e métodos de grande utilidade em processos construtivos. Assim sendo, face a um contexto económico desfavorecido, existe um acréscimo nos conhecimentos que revelam em trabalhos manuais e que conferem a estes alunos maior facilidade quando confrontados com a vertente prática e experimental desta escola. É portanto um curso adequado às capacidades dos alunos que aceita e que procura explorar estes conhecimentos por forma a conferir-lhes capacidades que os diferenciam no meio profissional, servindo por isso de mais valia. Frente à escassez de recursos materiais, estes exercícios requerem abundância de inteligência e entusiasmo na resolução dos problemas apontados. Podendo ser também considerados recursos, estes elementos, fundamentais à abordagem de cada projecto, são aqui postos à prova.

Até aos dias de hoje, o *Taller de Titulación*, conta já com mais de 200 obras realizadas nas comunidades circundantes à cidade de Talca, às quais se verifica a qualificação de espaços de encontro colectivos e instalações referentes às diversas actividades rurais que se vão manifestando na zona da *Región del Maule*. Outras obras resultam da materialização de uma apropriação que tem sido feita ao território, qualificando assim esta intenção, o que permite conferir ao ambiente construído a especificidade de lugar. Verificam-se ainda propostas que enfatizam as características geográficas circundantes, sob a forma de elementos que permitem a sua contemplação. Sendo que a construção da obra depende dos recursos locais existentes, o desenho da mesma tem de contar com as fragilidades quer do material construtivo disponível quer da capacidade artesanal e mão de obra do estudante e dos habitantes que se disponibilizem a participar nesta fase do processo.

Estas propostas arquitectónicas, realizadas em ambiente urbano ou rural, contribuem para a narrativa daqueles locais. Uma vez inseridas em contextos sociais e territoriais que requerem uma intervenção, são obras que trabalham também com a memória do lugar, umas vezes em perspectiva de reforço e noutras de desafio, como forma de sublinhar ou provocar apropriação por parte do habitante. Este contributo para

a narrativa do lugar, cria a possibilidade de novas circunstâncias, novas potencialidades e, eventualmente, novos problemas:

“[...] la obra construida que, como requisito de titulación, pretendía cerrar un proceso, pero qué, por el contrario, no ha hecho sino dar inicio a otro.”
(Valenzuela, 2013, p. 52)

Neste sentido, não é marcante apenas por representar a conclusão do percurso académico do aluno mas também pelo impacto que cria no lugar em que se insere e as alterações que origina. A forma apontada como estes processos são conduzidos e materializados faz com que o seu valor não resida apenas na peça construída mas também naquilo que ela consegue provocar no lugar, tanto nos seus habitantes como no ambiente construído. A este impacto territorial soma-se o impacto social que deriva não só das obras construídas mas também do processo que lhes está associado. Sendo lugares habitados, são sítios aos quais se pode associar valores de identidade e memória, importantes de considerar no sentido de preservar o espírito que os caracteriza:

“Es una arquitectura en pequeño formato que logra estirar y rediseñar la memoria e identidad de un habitar pasado-presente del imaginario colectivo del habitante de ese territorio.” (Uribe Ortiz, 2011 [a])

Depois de se tratar de “*la práctica académica de una academia práctica*” (Uribe Ortiz, 2013, p. 58), há que compreender as razões que levam ao ênfase que é colocado no envolvimento com a comunidade e o contexto concreto sobre o qual as intervenções propostas por estes estudantes vão actuar:

“[...] estas pequeñas obras logran conformar una aproximación al proyecto de arquitectura desde el oficio propio del habitante de lugar, connotando diversos materiales y procesos de construcción locales que aportan a la identidad del habitante” (Uribe Ortiz, 2013, p. 58)

Para se apontar o problema de forma concreta e perceber as possíveis razões que levam à sua ocorrência, o diálogo com quem habita o lugar é fundamental. É também importante perceber quais as intenções daquelas pessoas para o futuro, para que a intervenção possa ser concordante com as suas expectativas. A esta pesquisa há

ainda que acrescentar os elementos (físicos) locais que caracterizam a comunidade em questão, uma vez que a sua aplicação nestes processos garante o carácter pessoal das propostas. Associado ao lugar, existe um sentimento de pertença destas comunidades e é também por isso que é importante envolvê-las nestes processos, para que essa ligação se mantenha e as intervenções sejam bem recebidas, elemento chave ao sucesso das mesmas. Esta aproximação à realidade local resulta na valorização da mesma.

Apesar das, por vezes, precárias circunstâncias em que algumas comunidades persistem, os seus habitantes têm sido capazes de dar resposta às necessidades que vão surgindo. Assim sendo, não são profissionais que têm construído na zona, mas antes pessoas cuja experiência resulta do contacto próximo com o lugar e os factores que sobre ele exercem influência (Grupo Talca, 2016). É, portanto, com eles que estes alunos, quase arquitectos, têm que trabalhar, respeitando assim a especificidade local do qual resulta a identidade do lugar.

Podem ainda apontar-se duas leituras sobre esta forma de envolvimento:

“[...] por un lado, el hecho que el alumno logra un vínculo con el artesano, al apropiarse de una manera de operar desde un campo que no le es propio ni habitual; por el otro, la del artesano que logra asumir una acción que también les es ajena, al enseñar un oficio que es propio a una persona desconocida.” (Uribe Ortiz, 2011 [a])

Dadas as circunstâncias deste encontro, a realização de uma intervenção exige uma troca de conhecimentos dos quais ambas as partes beneficiam. O habitante (artesão), que conhece a terra e os materiais, vai transmitir os conhecimentos que adquiriu com a sua experiência ao aluno, para que ele possa desenvolver a proposta de forma informada e apontada à situação concreta com a qual está a trabalhar. Do mesmo modo que o aluno vai aprender e acrescentar à sua formação esta nova forma de trabalhar, o que certamente constituirá uma ferramenta importante para futuros projectos, pode também introduzir o artesão em novos métodos e formas de trabalhar os materiais locais. A esta experiência está também associada a relação que se estabelece entre as duas partes, que não se resume a uma partilha de conhecimentos técnicos mas também modos e experiências de vida que influenciam o entendimento do lugar e a forma como foi sendo habitado (Uribe Ortiz, 2011 [a]).

Consegue-se ainda a preservação de métodos locais de construção e uso do

espaço, uma vez que se criam as condições necessárias para que possa persistir durante mais tempo. Através de intervenções de qualificação destes lugares, consegue-se divulgar povoações que poucos conhecem e assim preservar a sua memória.

São por isso situações em que não basta apenas observar, é necessário participar de forma activa no processo e para o qual a escola de Talca pretende sensibilizar:

“La Escuela de Talca gestiona y construye procesos de enseñanza que parten del entendimiento y el diálogo con el paisaje, con la condición rural en la cual se insertan, la cual significa un estudiante distinto, un alumno que entiende la materia y la relación de los objetos con el paisaje y el territorio, un joven que difícilmente conoce de estilos y espacios.”

(Griborio, s.d., p. 98)

A especificidade destes lugares e o trabalho que o aluno foi treinado a fazer, nesta escola, não dão margem para que cânones ou métodos pré-determinados se imponham à realidade existente. A solução surge apenas do entendimento do lugar, que resulta da observação do mesmo e contacto directo com os seus habitantes. Deste modo, é no lugar que se encontram os problemas que motivam uma intervenção mas é também a partir dele que deve surgir a solução para os mesmos.

No entanto, os professores apelam à *“amplitude de la mirada”* (Valenzuela, 2013, p. 31) no sentido em que apesar do seu carácter local e comunitário, as suas circunstâncias actuais podem não depender inteiramente de características circunscritas ao lugar mas também de outras que lhe sejam subjacentes e sobre as quais não podem actuar directamente. Ideia com referência no conceito da acupuntura urbana, anteriormente mencionado relativamente à intervenção realizada em Pinohuacho, mas que remete também para o pensamento da escola de Talca:

“[...] obras de acupuntura que tienen un impacto territorial y que, por medio de una intervención de pequeña escala logran, tener impacto en el lugar, la ciudad y el territorio.” (Uribe Ortiz, 2011 [a])

Resta-lhes apenas trabalhar com estes dados para colmatar estes desafios. Para isso, é necessário conhecimento e olhar crítico não apenas sobre as questões locais e próximas do trabalho em mãos mas também do contexto social onde está inserido. Deste modo, a escola de Talca incentiva a uma forma de actuar informada e estratégica

sobre o território, procurando que a inteligência na abordagem supere a falta de recursos associada às pequenas comunidades do interior chileno:

“Son construcciones en las cuales la complejidad del objeto arquitectónico está condicionada por la manera de operar a partir de la precariedad de recursos como variable, precariedad que, a su vez, da pauta a una gran variedad de propiedades materiales, tecnología de bajo costo y una iconografía que repercute en la memoria e identidad del habitante del Valle Central de Chile.” (Uribe Ortiz, 2011 [a])

São portanto alunos dotados de capacidades muito específicas: atentos às questões sociais, cientes do impacto das intervenções arquitetônicas, capazes de desenvolver obras de grande significado com escala e recursos reduzidos, demonstrando um respeito enorme pela preservação e valorização do território, que faz parte do legado cultural do país. Assim, com a disciplina *Taller de Titulación*, a escola “[...] hoy reúne el trabajo genuino de mucho más que arquitectos, de jóvenes comprometidos con el oficio elegido a partir de la comprensión del territorio que ocupan y de la materia que éste contiene.” (Griborio, 2013, p. 11).

As qualidades acima listadas derivam, em grande parte, da vertente experimental da escola, que “Acorta la distancia existente entre el mundo académico y profesional” (Valenzuela, 2013, p. 18), uma vez que permite por em prática os conhecimentos reunidos e gerar novos conhecimentos que se adquirem apenas com este confronto com a realidade:

“La experimentación parte del desconocimiento, es la antítesis de la enseñanza académica. El carácter experimental de los talleres los convierte en los laboratorios de aprendizaje, donde se explora lo que no se sabe, se ensayan preguntas sin respuestas conocidas. Pensar es aprender a dudar y proyectar es dar forma a la duda. La construcción del objeto resultante certifica razonamientos y procesos que convierten la experiencia en aprendizaje.” (Adrià, 2013, p. 21)

Esta experiência reflecte-se, naturalmente, na prestação profissional destes arquitetos e é por isso que se torna um processo tão relevante de considerar nas escolas de arquitetura, uma vez que lhes permite entrar no mundo profissional já com conhecimentos que a grande maioria dos alunos adquire apenas nesta fase. É ainda

importante sublinhar a vantagem em introduzir o aluno nestes processos ainda em ambiente académico, onde existe apoio e supervisão atenta de um professor.

No entanto, como se pode compreender, a maioria das escolas opta por não incluir esta vertente prática no seu plano de estudos. Associado a estas experiências, colocam-se questões relativas a custos e capacidade da própria escola em garantir os conhecimentos e ferramentas que estes processos exigem. Há ainda que considerar a forma como estas propostas, inseridas no espaço público, são recebidas pela sociedade e entidades reguladoras. Ainda assim, o Chile é um país onde estas intervenções, que envolvem o contributo das populações, são normalmente bem recebidas, o que facilita a introdução desta componente pedagógica nas instituições académicas.

As escolas de arquitectura chilenas, anteriormente mencionadas, revelam fortes preocupações sobre a capacidade de resposta destes alunos que entram na profissão sem a experiência de ter construído uma obra. É neste sentido que cada uma, de formas distintas, procura incorporar a componente da experimentação no seu plano de estudo, dando a oportunidade aos alunos de sair da universidade devidamente qualificados para o trabalho que lhes vai ser exigido exercer. No entanto, a escola de Talca é a única que exige aos seus alunos um empreendimento como o *Taller de Titulación*, usando o dinheiro que normalmente um aluno gasta com a entrega deste projecto final do curso como um investimento no território (Uribe Ortiz, Griborio; 2013; p. 99). As restantes apoiam-se em projectos de grupo, à semelhança do *Taller de Obras* ou do *Taller de Agosto*, de curta duração e muitas vezes sem que sejam de facto integradas no espaço público, não se podendo avaliar de forma concreta os resultados que produzem, para incluir a vertente da experimentação no seu plano de estudos.

Ainda que, em termos globais, todas as escolas de arquitectura reconheçam a experimentação como uma forma de gerar conhecimento, esta componente do ensino não deve retirar relevância às matérias teóricas que caracterizam a educação académica tradicional desta área. É importante conhecer e conseguir dominar todo o processo, mas isso não pode resultar em esquecimento das partes que, de forma indirecta, para ele contribuem. No entanto, vivemos “*en un mundo en que las acciones tienden a especializarse y a descartar asuntos cruciales.*” (Baixas, 2005). Nos dias de hoje há cada vez mais especialidades e o domínio de cada técnico sobre elas é cada vez maior. Em contraponto, como tudo está fragmentado, menos controlo se tem sobre a totalidade da

informação associada às propostas o que, segundo Juan Ignacio Baixas³⁰, compromete o controlo sobre o resultado final e pode impedir avanços importantes. Ainda assim, a complexidade e profundidade da abordagem dos vários temas deve manter-se, ainda que tenha que se ter em conta o carácter abstracto que estas matérias tendem muitas vezes a adquirir e a aplicabilidade das mesmas (Tidy, 2005). É no sentido do cruzamento necessário destes temas com a realidade das situações e da profissão que a experimentação se torna fundamental no ensino de Arquitectura. Os temas circundantes à prática arquitectónica são complementos importantes mas devem assumir um carácter de instrumento, ao que Albert Tidy³¹ acrescenta:

“Una escuela de arquitectura no es un lugar de instrucción ni de traspaso de conocimiento, sino un lugar de indagación, cuestionamiento crítico y experimentación.

Una escuela de arquitectura no enseña a hacer arquitectura sino a pensarla.” (Tidy, 2005)

Uma escola de arquitectura deve, portanto, ser capaz de fornecer não só os elementos necessários para que o aluno possa exercer a profissão de uma forma competente mas também, e principalmente, deve colocá-lo em situações que o obriguem a aplicar, reflectir e questionar estes fundamentos em confronto com as realidades com as quais trabalha:

“Frente al reto de educar, indagar y explorar en la disciplina de la construcción del espacio, Talca se encuentra con la materia y el territorio; en su afán por dialogar con éstos, observa y ocupa, reflexiona y refiere, construye objetos que irrumpen el mutismo y lo cargan de significados tácitos y explícitos.” (Griborio, 2013, p. 11)

Estas reflexões que pelo *Taller de Titulación* tomaram forma, permitiram construir um legado significativo da escola e a qualificação de muitos espaços na zona do *Valle Central de Chile*. A este legado soma-se ainda a introdução de uma forma específica de pensar e abordar a arquitectura: *“Los significados contenidos trascienden las obras en si mismas para desvelar las diferentes aristas de este paradigma educativo.”* (Griborio, 2013, p. 12). São o reflexo da escola mas também dos lugares, uma vez que

30 Director da Escola de Arquitectura da Universidade Católica do Chile, Santiago.

31 Director da Escola de Arquitectura da Universidade do Chile, Santiago.

esta sempre procurou concordância com o meio onde se inseriu e, por isso, contribuiu também para a criação do seu legado cultural.

É ainda importante apontar o contributo da escola para o legado da profissão. Justo Pastor Mellado, antigo director de la *Escuela de Arte de la Pontificia Universidad Católica de Chile*, reflecte sobre a próxima geração de arquitectos chilenos. No entanto, desta vez a preocupação não é relativa à pertinência dos edifícios e das abordagens ao território mas antes ao excesso de profissionais que se tem verificado no mercado:

“[...] esta nueva condición puede decantar de dos formas. O se inventan nuevas modalidades de ejercicio —asumiendo que el campo tradicional ya está saturado—, o la sobreoferta terminará por devaluar la profesión. Si bien hay esperanzadores esbozos de lo primero, lamentablemente la tendencia se inclina hacia lo segundo. [...] Frente a lo resumido anteriormente, la respuesta de Talca ha sido adelantarse a la crisis y anticipar nuevos nichos cuya existencia está determinada por la especificidad de un paisaje ampliado, para satisfacer la ficción ciudad-valle-central.”

(Pastor Melado, 2013, pp. 195-196)

Ao apontar estas “novas” necessidades³² a escola conseguiu chamar a atenção para um novo mercado de trabalho, voltado para o apoio a estas comunidades, procurando assim garantir o futuro dos seus alunos enquanto profissionais, do qual as próprias comunidades também beneficiam. Deste modo, pode dizer-se que o legado da escola não reside apenas nas obras que produziu e o impacto que provocou nestes lugares, mas também na criação de oportunidades profissionais para os seus alunos.

Assim se verificou com os arquitectos do GrupoTalca, alunos desta escola, foram desde cedo introduzidos nesta problemática, que acabou por definir a actividade do grupo. No trabalho que apresentam, reforçam ainda a ideia de que uma obra de arquitectura não é um processo individual, mas antes, um processo que conta com o contributo de vários intervenientes, dos quais depende o seu sucesso. É neste sentido que fazem também referência aos vários habitantes que participaram na obra em estudo nesta dissertação, quer em apresentações publicadas³³, quer no sumário que consta do *website* oficial do grupo (GrupoTalca, s.d.). Apesar de não serem os autores

32 Sempre existiram, no entanto a escola de Talca confere-lhes outro ênfase.

33 Que podem ser consultadas em: (GrupoTalca, 2015 [b]), (GrupoTalca, 2016) e (GrupoTalca, 2017).

da intervenção, o seu contributo é fundamental, uma vez que sem eles não teria sido possível a concretização e os resultados da mesma.

O que numa primeira instância surgiu como resposta a um exercício académico, revelou-se uma tomada de contacto com a realidade da sua prática profissional. Do diálogo com os habitantes à concretização construtiva das suas propostas, tiveram oportunidade de assistir às transformações que podem exercer no território e o impacto que delas deriva:

“El encargo primero ha sido de la Escuela de Arquitectura de la Universidad de Talca: llevar arquitectura donde el encargo no espera respuesta. Darse un espacio que permita dialogar y para ello gestionar, diseñar y construir.”

(Sheward, 2010 [b], p. 25)

Este exercício revelou-se fundamental à formação destes arquitectos. Foi a partir desta oportunidade, de trabalhar de forma directa e concreta com o território, que derivou o seu interesse em prosseguir com projectos que estivessem ligados a este tema ou a problemas sociais específicos, procurando assim usar o seu *oficio* (Grupo Talca, 2015 [a]) para ajudar quem precisa e actuar onde o arquitecto normalmente não chega. Associado à profissão do arquitecto, há um compromisso com a sociedade que resulta de uma procura por atender às suas necessidades:

“[...] no se puede respaldar como sociedad algo que se considera en el imaginario colectivo un lujo y un tema exclusivo de quienes pueden pagarlo” (Griborio, s.d., p. 98)

A posição que a escola toma é também adoptada por estes arquitectos que, para cumprir com o papel social da profissão que escolheram, procuram chegar a estas comunidades. No sentido de dar resposta ao volume de trabalho e às oportunidades que as cidades apresentam, as zonas rurais são por vezes esquecidas pelos profissionais de arquitectura. Esta falta de atenção relativamente a este sector leva a maiores dificuldades na manutenção destes espaços, conduzindo à migração referida no sub-capítulo anterior. No entanto, a culpa não reside apenas nestas comunidades, uma vez que estas pessoas muitas vezes desconhecem o trabalho e capacidades do arquitecto, acabando por não solicitar os seus serviços. Ainda assim, as situações a que o grupo tem dado resposta surgem de uma avaliação e autoproposta dos arquitectos, algo que requer muito empenho da sua parte, mas que permite divulgar tanto a necessidade do arquitecto

em chegar a estes locais, como a pertinência do seu contributo nestes contextos. No entanto, com a dinamização destas localidades, as necessidades serão respondidas de forma natural, com a solicitação de profissionais, sem que se revele necessária a ajuda de arquitectos dispostos a trabalhar sem retorno monetário, essencial ao seu sustento.

Devido à sua formação académica e experiência que foram adquirindo com a sua prática profissional, são cientes dos processos que devem ser tomados nestes casos e como devem ser conduzidos. Neste sentido, procuram contribuir para a formação de outros estudantes e arquitectos, propondo um *taller* a que chamam de “*Taller de los Oficios*” (Grupo Talca, 2015 [a], p. 14) que a escola de Talca implementou no ano lectivo 2013/2014. É uma disciplina de projecto direccionada para o trabalho com comunidades e artesãos, com quem se procura estudar e trabalhar, de modo a realizar projectos adequados e concordantes com as actividades locais. Este *Taller* permite aos alunos a oportunidade de aprender com quem melhor conhece os materiais, as terras e tudo o que lhe está associado:

“Es una manera de entrada a proyecto pero no a partir del encargo, sino que a partir del reconocimiento territorial y qual es el valor y el conocimiento que tiene ese territorio respecto de cual es la manera de hacer”

(Grupo Talca, 2015 [b])

Neste exercício pretende-se que os alunos acompanhem e estudem os ofícios dos habitantes da comunidade com a qual estão a trabalhar, no sentido de usar este conhecimento para informar o desenho do projecto a propor. Procura-se assim, “[...] *rescatar la manera de hacer de cada uno de los oficios diseminados por el territorio*” (Grupo Talca, 2015 [a], p. 14). É uma oportunidade única, uma vez que podem aprender estas técnicas junto de quem as domina e, ao incorporá-las no ambiente construído, estão também a atribuir-lhe um valor acrescido. É uma abordagem que requer e origina soluções únicas, numa perspectiva de reforço do carácter próprio do lugar, para o qual o contacto com os habitantes se torna um elemento fundamental.

A estas comunidades estão, naturalmente, associadas formas de fazer específicas que resultam dos recursos dos quais dispõem, bem como das capacidades que os seus habitantes possuem, elementos fundamentais à caracterização do lugar e por isso essenciais a considerar no desenvolvimento dos projectos. No entanto, tal como na escola, a sua procura não se centra apenas nas questões materiais e construtivas,

mas também, e principalmente, nos hábitos e actividades dos habitantes, para os quais o espaço construído deve estar adequado, perspectiva que adoptam também na abordagem ao *Taller de los Oficios*. Deste modo, consegue-se melhorar a qualidade de vida das pessoas destas comunidades e permitir que estes aspectos colectivos e característicos do lugar estejam também presentes no ambiente construído, podendo assim ser interpretados, comunicados e, por isso, preservados. Sob esta perspectiva, as obras do Grupo Talca “*Surgen de la voluntad del hacer*” (Sheward, 2010 [b], p. 25), aos quais o contacto directo com quem as vai habitar e a sua participação no processo se revela crucial. São os habitantes quem melhor conhece o lugar e por isso a melhor fonte que informa o projecto:

“El oficio lleva tanto tiempo repitiéndose, son tantas las generaciones, entonces la mano tiene tanta inteligencia y la persona que hace el oficio tiene tanta inteligencia ya en su ADN porque lleva muchos años haciendo lo mismo es el que mejor puede desarrollar un equipamiento para su entorno.” (Grupo Talca, 2015 [b])

São projectos que exigem um acompanhamento próximo dos arquitectos, no sentido de compreender que processos estão associados à actividade da comunidade e de que modo as pessoas se relacionam não só entre si mas também com o lugar onde estão inseridas. Trata-se de “*[...] hacer esa materia material*” (Grupo Talca, 2015 [b]), isto é, torná-la elemento que compõe e informa o projecto. Ainda que a observação seja crucial na interpretação destes aspectos, é necessário estabelecer um contacto directo, com a população, que permita revelar os motivos que levam à sua forma de estar, bem como para compreender as necessidades de que carecem e que nem sempre se revelam no espaço físico. Neste sentido, apesar da abordagem ser a mesma, nas várias intervenções que fazem, cada projecto é singular nas suas condicionantes e, por isso, exige uma resposta particular:

“[...] todo eso es materia de arquitectura, ya esa materia es lo que nosotros creemos que hay que rescatar de los lugares y eso lo hacer ser sustentable, sustentable en el tiempo porque la comunidad finalmente cuida los lugares, porque saben como hacerlo, saben como construirlo, quedan los recursos ahí mismo, hay apropiación” (Grupo Talca, 2015 [b])

Ainda que a aprendizagem na profissão do arquitecto seja constante, não se limitando apenas ao período académico, os casos e abordagens aqui referidos colocam este aspecto em evidência.

Apesar da capacidade destas pessoas em empreender estes processos, a visão estratégica do arquitecto como profissional treinado para trabalhar o espaço, constitui um contributo fundamental. Estas formas de fazer locais, ainda que muitas vezes precárias, reflectem a capacidade de resposta e criatividade dos habitantes, não sendo por isso menos pertinentes, antes pelo contrário. Também, ao incorporar características específicas do lugar no projecto e o contributo dos próprios habitantes, está-se desde logo a criar uma proximidade dos mesmos ao novo elemento a integrar um espaço que é seu. Esta atitude permite garantir o sucesso da proposta ao mesmo tempo que valoriza e preserva elementos locais, num projecto onde a apropriação se dá desde o processo de decisão, e não aquando do acto de habitar, apenas possível após a sua construção, e que caracteriza os processos tradicionais de arquitectura. Como o presente capítulo procurou expor, esta posição que o Grupo Talca revela, tem referência na escola de Talca, que, por sua vez, surge em resposta à especificidade do contexto chileno.

PARTE II - IDENTIDADE E LUGAR NO CONTEXTO CHILENO

DO CASO PRINCIPAL AO CONTEXTO TERRITORIAL

DO CASO PRINCIPAL AO CONTEXTO TERRITORIAL

Como o caso de Pinohuacho introduziu, o povo chileno revela uma relação próxima com os seus espaços de habitar, reflectindo-se numa vontade em participar na sua construção, quer física quer de significado. Esta característica cultural deriva da ligação que estabelecem com os lugares e permite conferir-lhes um carácter único, verificando-se tanto em situações privadas, como o caso da habitação, como em circunstâncias colectivas, como o caso de espaços públicos para a comunidade.

A forma como as comunidades chilenas se apropriaram do território e nele construíram a sua forma de habitar constitui o legado cultural deste povo. Como o capítulo anterior informou, perante a precariedade dos recursos que caracterizam muitas zonas rurais, estas comunidades utilizam soluções construtivas locais para responder às suas necessidades, definindo técnicas concordantes com os materiais disponíveis no lugar e com os conhecimentos construtivos que possuem. Deste modo, conferem especificidade ao ambiente construído do lugar ao mesmo tempo que conseguem garantir a manutenção dos mesmos, uma vez que conseguem eles próprios proceder às alterações que se revelem necessárias. No entanto, apesar das capacidades e conhecimentos construtivos que revelam, não é esta a única singularidade deste povo, é na vontade de participar na construção dos seus espaços de habitar e os caracterizar que reside a sua maior virtude. Como o presente capítulo pretende mostrar, esta atitude não é exclusiva da localidade de Pinohuacho, mas antes uma posição que se revela transversal ao país. Ainda assim, é importante referir que esta vertente da cultura do Chile surge de uma necessidade que se estende aos povos da América Latina em geral, dadas as condicionantes económicas que lhes estão associadas:

“En escenarios como las ciudades latinoamericanas, caracterizadas por sus altos índices de informalidad, encontrar la solución a los problemas espaciales se convierte en oficio comunitario, en modo de supervivencia y reto del quehacer cotidiano, ante los más grandes asentamientos espontáneos, establecidos empíricamente.” (Griborio, s.d., p. 98)

Estes estabelecimentos foram e têm sido alvo de estudo por arquitectos e académicos que procuram compreender esta ordem social que resulta da apropriação informal de terrenos. Uma vez que são construções que surgem como resposta directa

às necessidades específicas da comunidade, adequam-se por completo aos seus valores culturais e à forma de habitar destas pessoas, e por isso pertinentes de ser analisados.

O Chile, ainda que dos países mais estáveis, em termos sociais e económicos, da América Latina, não é distante desta realidade. No entanto, a vontade das pessoas em adequar o seu espaço de habitar às suas necessidades e imprimir valor ao ambiente construído, não é específico apenas destes aglomerados informais. Muitas cidades são caracterizadas por esta vontade que acaba por se reflectir numa atitude comunitária e que confere ao lugar um valor acrescido, dada a importância social que estes processos adquirem. Esta valorização do lugar, que compreende território, obra construída e as pessoas que acolhe, é uma característica da cultura chilena e um dos aspectos que mais diferencia este país.

O presente capítulo serve para mostrar que há de facto arquitectos chilenos, para além do Grupo Talca e outros que tenham também integrado a escola de Talca, cujo trabalho se volta para comunidades e contextos que espelham o encontro e a apropriação do território pelos seus habitantes, apresentando como objectivos principais, a valorização e preservação dos elementos culturais e identitários que os caracteriza.

Sendo lugares que os próprios habitante ajudam a construir e caracterizar, estes são quem melhor os conhece. Neste sentido, o contacto directo com os mesmos revela-se fundamental para informar o projecto das condicionantes e valências do lugar. Integrar os futuros utilizadores do espaço no processo, permite não só compreender o problema na sua totalidade e assegurar os resultados pretendidos como também preservar ou mesmo potenciar a relação que estes com ele têm.

Agindo em concordância com os valores e tradições destas comunidades, os referentes terão de ser sempre locais. Deste modo, através da preservação de elementos culturais, conseguem-se obras singulares e concordantes com o meio em que se inserem. No entanto, segundo o Grupo Talca, e os arquitectos que esta parte pretende abordar, há que adequar estes elementos que são característicos do lugar às alterações que o avançar do tempo vai impondo, não só no sentido de promover o desenvolvimento do lugar e da comunidade que aloja, mas também no sentido de permitir que esses valores possam ser preservados e com estes, a identidade do lugar.

Neste capítulo são apresentados outros dois casos chilenos que diferem do caso de Pinhuacho, tanto em arco temporal como em localização geográfica, mas que se aproximam deste pelos valores que colocam em evidência. No entanto, são estas diferenças que permitem suportar a ideia de que o povo chileno, no geral, estabelece uma relação próxima com o seu lugar de habitar e a forma como esta relação pode ser

transposta para o ambiente construído, uma preocupação de alguns arquitectos do Chile. Deste modo, comprova-se a transversalidade do tema da dissertação ao contexto do país.

O primeiro caso apresentado aproxima-se do principal pela forma como procura preservar o lugar e a identidade a ele associada. As construções de Chiloé, onde o arquitecto Edward Rojas foca a sua actividade profissional, espelham as características culturais e a identidade da região. O trabalho que este arquitecto desenvolve torna-se pertinente de ser analisado nesta dissertação, pela forma como se revelou fundamental para a preservação dos elementos culturais daquele lugar. Também, pela forma como o contacto directo com os habitantes do mesmo desempenhou um papel fundamental no sentido de o informar sobre estes valores. Neste sentido, esta parte incide no contributo deste arquitecto para a preservação da arquitectura do lugar, para o qual a obra apresentada, o *Techo Feria Dalcahue*, realizada no ano de 1978, serve de exemplo mais próximo ao caso de Pinohuacho, pela simplicidade da construção, a sua adequação ao contexto local e a dinâmica que permitiu ao lugar.

O segundo caso aproxima-se do principal na medida em que toma partido da vertente participativa da cultura chilena. O projecto Quinta Monroy que Alejandro Aravena realiza em Iquique no ano 2004, pressupunha a demolição das instalações existentes, que alojavam uma comunidade. Uma vez que a nova construção ia alojar as mesmas pessoas que ali viviam, o trabalho do arquitecto passou também por preservar o sentimento de pertença que estas tinham com o lugar. Para isso, os habitantes são incluídos no processo de desenho da proposta a implementar e incentivados a participar activamente na caracterização daquele que seria o seu novo espaço de habitar. Neste processo, é a forma como são tidas as relações das pessoas, em comunidade e com o lugar, e a forma como as suas necessidades individuais podiam ser incluídas num projecto de habitação colectiva que adquirem destaque.

Ainda que incidindo em contextos diferentes e propondo-se preservar dimensões também elas diferentes, as obras que este capítulo apresenta, revelam fortes preocupações com a manutenção da identidade cultural associada aos lugares sobre os quais actuam. Uma vez que o valor dos mesmos reside não apenas nas suas características geográficas, nem na sua escala, mas antes na forma como são apropriados e adquirem significado, é portanto com quem lhes confere essa especificidade que os arquitectos têm que trabalhar. As obras aqui seleccionadas são, por isso, referências e exemplos das preocupações subjacentes ao tema da identidade cultural e do valor do lugar. Apesar de apresentarem preocupações distintas das de Pinohuacho, e se localizarem em regiões

distintas do país, apresentando, por isso, circunstâncias muito diferentes, são obras com valores e abordagens que se aproximam pelos objectivos que apresentam, revelando que a particularidade do Grupo Talca se estende a outros arquitectos chilenos e a importância destes valores, transversal ao país.

Apesar de ambos os sub-capítulos apresentarem uma análise do arquitecto e uma obra seleccionada pela proximidade dos temas que trata com aqueles sobre os quais incide a presente dissertação, o foco, e conseqüente termo comparativo com o caso principal, difere. Enquanto que no primeiro caso deste capítulo é o trabalho dos arquitectos, Grupo Talca e Edward Rojas, que é colocado sob comparação, no segundo são as obras apresentadas, Pinohuacho e a *Quinta Monroy*, que tomam o lugar de protagonistas na análise.

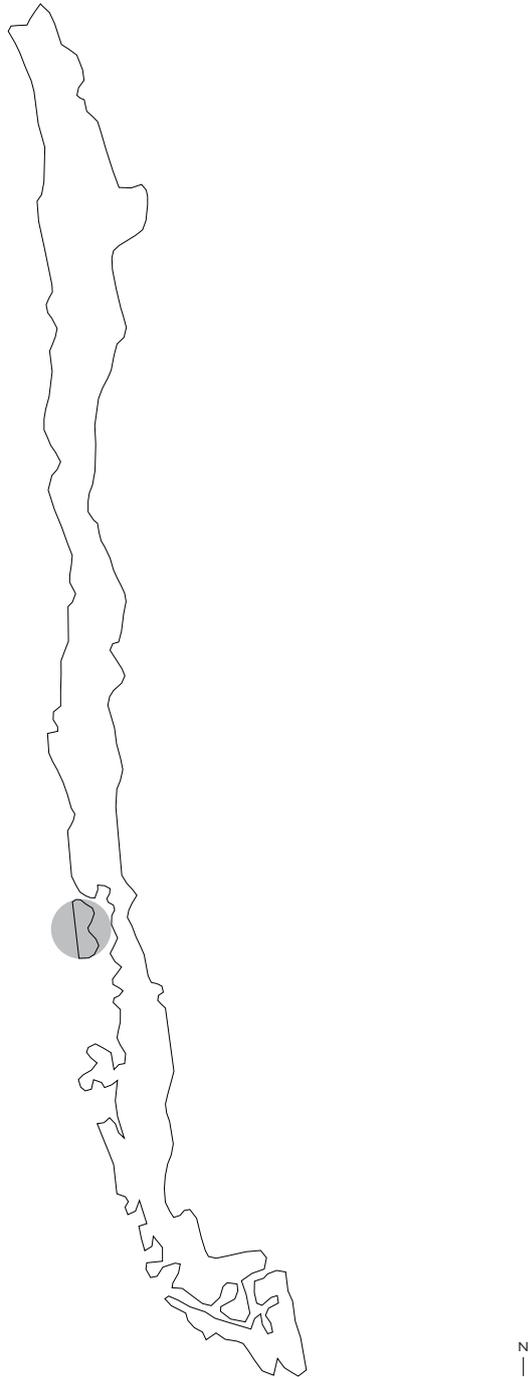


Figura 2.1 Mapa do Chile com referência à Ilha de Chiloé. [Fonte: Desenho realizado pela autora da dissertação]

2.1 IDENTIDADE LOCAL MATERIALIZADA

EDWARD ROJAS E O *TECHO FERIA DE DALCAHUE*, CHILOÉ, 1978

Chiloé é um arquipélago com grande proximidade da costa chilena e onde se situa a maior ilha do país, a chamada *Grand Isla de Chiloé* [ver figura 2.1]. Situado também na *X Región* chilena, caracteriza-se por um clima húmido, que permite grandes paisagens verdes que dão lugar a flora e fauna próprias. Tal como grande parte da zona costeira chilena, recebeu muitos povos que a ela chegaram por embarcações e não tardaram em apropriar-se destas terras. Acolhendo primeiro indígenas provenientes da região sul do Chile, no qual Chiloé também se insere, e depois colonos espanhóis, foi adquirindo uma cultura própria que resultou destes cruzamentos (Rojas, 2012, p. 122).

Existiram dois tipos de aborígenes a habitar a ilha: “*los chonos, un grupo de seres morenos y de baja estatura*” (Rojas, 2012, p. 120), os chamados nómadas do mar, e os “*huilliches, hombres de la tierra [...] conocedores de agricultura y pastoreo*” (Rojas, 2012, p. 121). Os primeiros, navegaram em *dalcas*, embarcações simples que eles próprios construíram, pelos canais do arquipélago, levando consigo família e animais domésticos. Os da terra, por sua vez, construíram naquele lugar as suas *rucas*¹ com os materiais que a ilha disponibilizava: madeira e palha. Aproveitando os peixes que a baixa da maré deixava na costa, optam pelo mesmo local de habitar e obter o seu sustento que os *chonos*, que construíam as suas “*chozas nómades*”² quando paravam na costa. Deste contacto surgiu uma troca de conhecimentos importante, os nómadas do mar ensinaram os *huilliches* a navegar e, em retorno, estes ensinaram os *chonos* a semear, o que acabou por definir a forma de habitar a ilha (Rojas, 2012, p. 121):

“El oloroso bosque siempre verde, impenetrable y húmedo, desmembrado en fiordos, islas y canales, hizo posible que ambos pueblos fundieran sus originales experiencias culturales, para producir una arquitectura de la tierra, del mar y del bordemar, a partir de la madera y el manejo del fuego, para crear un cobijo bajo las rústicas cubiertas de pieles o paja, y un interior calentito que los protegiera y apartara del afuera frío y lluvioso.” (Rojas, 2012, p. 121)

1 Tipo de habitação aborígene chilena que caracteriza a região sul.

2 Construções que permitiam abrigo. Feitas com armação de ramos curvos coberta por peles de animais que caçavam (Rojas, 2012, p. 121).



Figura 2.2 *Palafitos*, construções típicas de Chiloé.

[Imagem editada pela autora da dissertação, Fonte: <http://images.adsttc.com>]

Como resultado desta fusão originam-se os *palafitos* [ver figura 2.2]. Construções em madeira, assentes em *pilotis*, que pontuam o borde costeiro de Chiloé e permitem atender a uma vertente da economia local, a actividade pecuária, e dar resposta à topografia irregular da ilha (Rojas, 2012, p. 124). São portanto construções que reflectem a relação dos habitantes deste lugar com o território.

Mais tarde, chegaram à ilha espanhóis que, apesar da atitude impositiva que normalmente caracteriza os povos colonos, tiveram também que se adaptar às condicionantes que o lugar apresentava, uma vez que a sua condição de isolamento assim o exigia. Neste sentido, ainda que as construções que implantaram introduzissem novos elementos, tiveram que seguir os materiais e linguagem existentes, sem que houvesse ruptura com a tradição local que os povos nativos tinham já criado (Rojas, 2012, p. 121).

Apesar das variantes que os vários povos que chegam ao porto de Chiloé foram introduzindo, as suas características tradicionais prevalecem. Edward Rojas, considerado o arquitecto mais importante de Chiloé, classifica estes elementos como “ADN patrimonial” (Rojas, 2012, p. 123):

“Esta genética manifiesta toda su potencia cultural cuando a comienzo del siglo XX los campesinos emigran a las ciudades y construyen sus casas sobre palafitos [...] al cual trasplantan la vida del campo y sus propias tipologías vernaculares [...] Dichos barrios erigen una cultura y una arquitectura bordemarinas que reiteran su identidad, la que al igual que la arquitectura de la tierra y el mar va mutando día a día en un proceso de ajuste a las necesidades que le impone el mundo moderno.” (Rojas, 2012, p. 123-124)

Edward Rojas Vega, nasceu na década de 1950, numa região de deserto, a norte do país, e estudou na *Escuela de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de Chile*, que se localiza em Valparaíso. Quando estava prestes a concluir os seus estudos, tomou conhecimento da falta de arquitectos que se sentia em Chiloé. Em 1977, junto com o seu colega de curso Renato Vivaldi, decidiu mudar-se para lá e ver o que a região tinha para lhes oferecer. É, portanto, com 24 anos, que visita Chiloé pela primeira vez, sendo surpreendido pela particularidade deste território e das suas construções, os *palafitos*.

Esta mudança coincidiu com o momento em que havia encontrado uma referência que se revelou fundamental a este encontro: o livro *Architecture Without Architects* escrito por Bernard Rudofsky, em 1964. Neste livro o autor expõe fotografias e pequenas descrições de espaços habitados por certas comunidades, em todo o mundo.

Ainda que construções abandonadas, transpareciam o espírito do lugar e os valores culturais que caracterizava quem o habitava. Deste modo, podia conhecer-se o povo pelo espaço físico que tinham criado, o que leva Edward Rojas a interpretar a arquitectura como “*un hecho colectivo*” (Rojas, 2014 [a]), no qual as construções *palafitos* que encontra em Chiloé se revelavam a “*expresión de una cultura*” (Rojas, 2014 [a]):

“Un arquitecto que quedó atrapado, encantado más bien, por el escenario y el contexto natural y cultural de un territorio disgregado, que dio origen a una cultura viva en permanente cambio y adecuación de sus valores culturales ancestrales a la realidad y la modernidad que les imponen la historia y el mundo moderno.” (Rojas, 2012, p. 120)

Como mais tarde pôde perceber, uma vez que estas construções surgem como resposta directa às condicionantes que o lugar apresenta, são estruturas que sofrem constantes ajustes, que procuram concordância com exigências que o avançar do tempo introduz. A adequação das construções locais é motivada por condicionantes tanto ao nível social, como questões de conforto e estilo de vida, como pelo estado de conservação destas estruturas³, permitindo variações na tipologia tradicional. No entanto, uma vez que estas modificações são feitas pelas próprias pessoas que definem a cultura local, não se verificam quebras com os valores e tradição existentes. Os *palafitos* de hoje são diferentes dos de há 2 anos que, por sua vez, apresentam alterações relativamente aos que lhes antecedem (Rojas, 2014 [a]). Neste sentido, uma vez que o que é tradicional se mantém e é também preservado pelo constante ajuste à contemporaneidade, Rojas considera estas construções como “património vivo”.

Dado o seu desconhecimento sobre as características culturais da ilha, aquando da sua chegada, e a pertinência em incorporar estes aspectos nas suas obras, o arquitecto teve de aprender, com a população local, quais os elementos representativos da mesma e a forma como isso se reflectia na arquitectura que ali se produzia. Apesar do que foi aprendendo através do contacto directo com os habitantes, sentiu necessidade de criar um espaço de reflexão e discussão teórica sobre a cultura daquele lugar. Este “espaço” foi criado ainda em 1977, com Renato Vivaldi, a que chamaram *Taller Puertazul* e contava com o contributo de sociólogos, antropólogos e historiadores. Com este exercício, os arquitectos

3 Chiloé apresenta um clima húmido e chuvoso, o que fragiliza as suas construções típicas, que são em madeira, exigindo por isso a manutenção periódica das mesmas.

pretendiam responder de forma satisfatória ao propósito que tinham estabelecido:

“[...] diseñar la arquitectura contemporánea de Chiloé, para lo cual importaba que nuestra obra se hiciera parte de su continuum arquitectónico y para ello era fundamental trabajar con los códigos genéticos en los que se sustenta la identidad de la cultura de la arquitectura de Chiloé, marcada a viento y lluvia en largos siglos e inviernos.” (Rojas, 2012, p. 127)

Mais do que um ajuste às condicionantes geográficas e climatéricas, foca-se no que chama de *“arquitectura del lugar”* (Montes, 2017). Uma arquitetura que incorpora e resulta de hábitos e tradições culturais, adequando-se assim ao lugar em que se insere. Neste sentido, desenvolve trabalhos de reinterpretação de modelos vernaculares, como estratégia para preservar a tipologia das construções locais; de reciclagem de edifícios antigos, como actualização da genética patrimonial; e de restauração patrimonial, para a sua valorização. As suas propostas estão, portanto, entre a tradição e a contemporaneidade, procurando introduzir estéticas modernas no diálogo com o património, não se tratando apenas de copiar do passado mas antes de adequar os elementos tradicionais aos dias de hoje para que se possa continuar a usá-los. Rojas justifica a sua atitude perante este território numa entrevista que faz com Martin Montes⁴, onde indica que:

“Cuando hablamos de “arquitectura del lugar”, estamos hablando de una arquitectura que se sustenta en los inmanentes esenciales de la arquitectura preexistente de un lugar determinado y, por lo mismo, esta acción es sustentable y sostenible en el tiempo.” (Montes, 2017)

Considerar as características culturais e identitárias do lugar nas suas propostas revela-se fundamental uma vez que permite garantir a sustentabilidade das mesmas. A identidade de uma cultura assenta no que chama de *“continuum arquitectónico”* (Rojas, 2012, p. 127), ao que Juan Luis Ysern, Bispo Benemérito de Chiloé, acrescenta: *“cuando hablamos de identidad cultural, no estamos hablando simplemente del pasado sino de un compromiso para delante. La identidad significa el crecer sin dejar de ser quien es.”* (Casals Aguirre, 2017). Trata-se portanto de um processo contínuo entre o passado, o presente e o futuro, apenas possível se as intervenções se provarem sustentáveis:

4 Sociólogo e Mestre em Desenvolvimento Urbano pela Pontificia Universidad Católica de Chile.

“En la medida en que haya consciencia de que necesitamos que este lugar sea sustentable no solo del punto de vista de su arquitectura sino también de su propio desarrollo y creación cultural.” (Rojas, 2016)

Assumindo também um papel de ativista, Rojas, trabalhou no sentido de resgatar e preservar o legado cultural de Chiloé, em muito presente nas suas construções costeiras: os *palafitos*. São construções que pontuam a costa *chilota*⁵ e reflectem a actividade económica da ilha, a forma como os seus habitantes se relacionam com o território e entre si. Sendo construções antigas e construídas pela população, muitas assumem condições precárias, não respeitando as condições de higiene e conforto mínimas. Neste sentido, surge um movimento, por parte do governo chileno, que pretende a demolição destas estruturas em Castro⁶, alegando a falta de condições de salubridade que estas representavam para a cidade. No entanto, para o arquitecto *chilota*, este *“No era un problema estético sino que ético.”* (Espinoza, 2017), para o qual a adequação destas construções às novas exigências seria suficiente para solucionar o problema, sem que se tivesse de proceder à demolição de construções representativas de uma cultura. Apresentou a sua oposição com a *“Carta por Chiloé”* (Taller Puertazul, 1981), que lhe permitiu impedir esta destruição. Antigamente consideradas marginais, estas estruturas, assumem nos dias de hoje o papel de ícones do arquipélago de Chiloé.

Edward Rojas torna-se assim um dos arquitectos mais importantes de Chiloé e um profissional respeitado no contexto chileno⁷, chegando a ser referenciado em eventos e publicações relativas a construções e trabalhos pertinentes da América Latina (Rojas, s.d.). A sua relevância é mais tarde reconhecida com a atribuição do Prémio Nacional de Arquitectura, referente ao ano de 2016. Com esta nomeação pretendeu-se:

*“[...] hacer un homenaje a un arquitecto que pone en valor la arquitectura, el arte y la creación en una zona del país llena de potencial, aportando a su revitalización.”*⁸ (Espinoza, 2017)

5 Expressão usada para referir pessoas ou coisas de Chiloé.

6 Cidade principal de Chiloé e que funciona como capital do arquipélago.

7 O seu colega Renato Vivaldi mudou-se com a sua família para outra região do Chile e é Rojas quem continua o trabalho que ambos começaram.

8 O autor desta citação toma as palavras de Pilar Urrejola, presidente do Colégio de Arquitectos do Chile e um dos júris do prémio referido.



Figura 2.3 *Techo Feria de Dalcahue* (Chiloé, 1978). [Fontes: <http://www.edwardrojas.cl>]

A atribuição deste prémio a Rojas comprova também a pertinência destas abordagens que assentam numa “*mirada hacia lo regional*” (Espinoza, 2017), como é o caso da intervenção realizada em Pinohuacho. Comprova ainda que a comunidade arquitectónica chilena se interessa por este tipo de propostas, em reforço da ideia que este arquitecto já tinha, de que as novas gerações de arquitectos chilenos são mais sensíveis ao lugar e às culturas que os habitam (Montes, 2017). O Chile revela então uma cultura arquitectónica cada vez mais atenta aos aspectos regionais e culturais do país, que definem a especificidade dos lugares. No entanto, é importante perceber de que forma os lugares são interpretados e intervencionados, que processos se desencadeiam e que valores são colocados em evidência.

Todos os trabalhos de Rojas aludem a questões culturais específicas e a formas de habitar próprias de Chiloé, onde se centra o seu trabalho. No entanto, o *Techo Feria de Dalcahue*⁹ [ver figura 2.3], construído em 1978, destaca-se pelas semelhanças que partilha com a obra que o Grupo Talca realiza em Pinohuacho, tanto pela forma como responde a questões culturais e territoriais como pelos resultados que apresenta.

Situada num ponto estratégico de ligação com outras ilhas do arquipélago, Dalcahue é uma cidade da Grande Ilha onde chegam pequenas embarcações de habitantes provenientes de outras ilhas deste arquipélago bem como pessoas que vivem nas comunidades rurais interiores. Esta característica permite-lhe ser um ponto de encontro entre várias culturas da região e um local de reunião que se revela vantajoso a uma actividade já tradicional em Chiloé: o comércio artesanal. É também um local de mostra e confronto destas culturas, uma vez que reúne, no mesmo espaço, as várias artes e técnicas que caracterizam a região. Tal como se verifica em muitas cidades do Chile, a actividade comercial ocupa inicialmente o espaço público de forma informal, acabando por reflectir as características sociais e culturais do lugar em que se insere. São manifestações das quais se podem retirar leituras importantes relativamente a valores, formas de estar e de relacionar das comunidades em causa.

No seguimento do maremoto de 1960, que destruiu o bairro de *palafitos* que definia o encontro desta cidade com o mar, procedeu-se à reconstrução da zona costeira desta cidade. A reestruturação efectuada permitiu que seja hoje considerada uma zona de “[...] *importancia cívica, comercial y de conexión marítima*” (Rojas, Berg, Ulloa; s.d.). Uma vez que era um local de grande afluência, a *Feria de Dalcahue* assumia desde a década

9 Realizado aquando do *Taller Puertazul*, tendo por isso co-autoria de Renato Vivaldi.



Figura 2.4 Fotografia do interior do *Techo Feria de Dalcahue* (Chiloé, 1978).

Figura 2.5 Fotografia do exterior do *Techo Feria de Dalcahue* (Chiloé, 1978).

[Fontes: <http://cdn.plataformaurbana.cl>]

de 1940 grande relevância cultural e comercial. No entanto era, até então, praticada de forma informal sendo por isso um programa também a considerar nesta reformulação do espaço público costeiro. Neste sentido, o Município de Dalcahue encomenda a Edward Rojas e Renato Vivaldi o desenho de uma obra que pudesse acolher e qualificar a feira.

Tomando como exemplo a organização que já existia naquele lugar, os arquitetos procuraram a criação de um espaço versátil, adaptável e aberto à comunidade. Uma vez que as características climáticas se revelavam a maior condicionante da actividade comercial que ali era praticada, a proposta materializa-se num grande tecto que permite o abrigo dos comerciantes e dos seus produtos. Deste modo, assegurava-se a periodicidade das trocas comerciais, passando a ser estabelecida de acordo com a vontade dos artesãos e não consoante o que a meteorologia permitia:

“El Techo de Dalcahue, diseñado por Edward Rojas, viene a dar cabida a un espacio de intercambio propio que existía ya en Chiloé y gracias a esta cubierta se puede realizar este intercambio de manera periódica” (Araya Toro, 2017)

Proporcionando 351 m² de área coberta livre, a obra permite que a apropriação e organização do espaço seja feita pelos seus utilizadores, os artesãos, como acontecia anteriormente [ver figura 2.4]. É portanto uma estrutura que se adequa à especificidade cultural que já caracterizava aquele lugar. No sentido de aproveitar as vantagens de uma implantação costeira e intervir em concordância com a tradição local, a construção segue o modelo dos *palafitos* [ver figuras 2.5 e 2.6]. Deste modo, a plataforma comercial podia também ser acedida por mar, o que se revela bastante vantajoso uma vez que recebe comerciantes de todo o arquipélago. Ainda, e como é habitual no trabalho de Edward Rojas, são utilizadas tipologias, técnicas e materiais característicos da região, procurando assim o diálogo com o lugar onde se insere e portanto a valorização do mesmo. A estrutura e os revestimentos são em madeira, sendo que o tecto, de duas águas, é trabalhado segundo a técnica tradicional de Chiloé: as *tejuelas* [ver figura 2.7]. Em suma, segundo o autor:

“[...] la obra también va encontrando su propia expresión espacial en el lugar, como es el Techo de Dalcahue, que alcanza su máxima expresión en tanto es una obra que reinterpreta y recrea sus propias condicionantes culturales. “Vamos a hacer –dijimos– un techo-muelle que dialogue con la iglesia. Tiene tejuelas y no quiere estar subdividido interiormente sino un espacio soporte para lo que ahí acontecía, que era la feria libre de



Figura 2.6 *Techo Feria de Dalcahue* (Chiloé, 1978), visto da praia. [Fonte: <http://www.edwardrojas.cl>]

Figura 2.7 Técnica tradicional de revestimento de coberturas em Chiloé: *tejuelas*. [Fonte: <http://images.adsttc.com>]

artesanía.” (Mansilla Torres, Rojas; 2007)

Apesar de, aparentemente, não representar uma grande mudança relativamente ao uso que já era feito daquele espaço, uma vez que a feira dos artesãos de Chiloé continua a ser feita naquele local e pela mão dos próprios, há de facto um aspecto de grande pertinência a apontar nesta obra. Esta construção torna a actividade oficial, o que permite a valorização dos produtos que ali se comercializam, retirando-os do carácter marginal que os assentamentos informais muitas vezes adquirem. Agora, há uma localização nos mapas que indica esta actividade e um letreiro que a identifica: “*Feria Artesanal de Dalcahue*” [ver figura 2.8]. Neste sentido, há agora o reconhecimento da identidade e do valor do lugar.

Apesar de simples é uma obra da qual resultou a dinamização da economia local, uma vez que impulsionou outras actividades nas suas proximidades, nomeadamente a da culinária. Ao crescente fluxo de visitantes são apresentados os produtos agrícolas da região bem como a cozinha *chilota* (Mansilla Torres, Rojas; 2007). Torna-se assim um foco cultural onde se reúnem os produtos específicos da ilha expostos em edifícios que seguem os modelos tradicionais. Assim, pode concluir-se que é uma concretização que respeita e valoriza as tradições e elementos característicos da ilha, contribuindo assim para a preservação do seu legado cultural. Trabalhando com elementos do passado que originaram e caracterizaram o lugar, o projecto tratou-se de uma qualificação do lugar para que estes valores e elementos pudessem persistir no futuro:

“Entonces, en este espacio se ha de producir un puente entre el pasado y el presente, entre la arquitectura popular y la culta.”

(Mansilla Torres, Rojas; 2007)

Este arquitecto realiza ainda outras intervenções na zona que, em conjunto com a *Feria*, resultam em “[...] *intervenciones sencillas, con materiales bastante adecuados, la tejuela, la madera y en fondo intervenciones que dan identidad a Dalcahue.*” (Araya Toro, 2017). É neste sentido que a comparação desta obra e do trabalho deste arquitecto com o trabalho do Grupo Talca e a obra que estes realizaram em Pinohuacho, se revela pertinente. Ambas as obras apresentam motivações assentes em questões culturais e territoriais, numa procura por conferir e preservar a identidade cultural dos lugares em que actuam. Para isso, incorporam não só os materiais e técnicas locais mas também o



Figura 2.8 Entrada para a *Feria de Dalcahue* (Chiloé, 1978). [Fonte: <http://3.bp.blogspot.com>]

contributo dos habitantes no processo de trabalho. Também, ambas revelaram sucesso na resposta ao problema que se propuseram resolver e na forma como contribuíram para a valorização do lugar em que se inserem.

No caso de Pinohuacho o que se pretende preservar é o lugar. Em risco de deixar de ser habitado, enfrentava-se a possibilidade de o lugar desaparecer e com ele a identidade cultural da comunidade que o habitava. Assim, os esforços foram feitos no sentido de o melhorar e qualificar para que os seus habitantes pudessem permanecer nele. No trabalho desenvolvido em Dalcahue os objectivos eram semelhantes no que respeita aos temas que motivaram a intervenção. A *Feria* era um espaço de exposição dos produtos artesanais e característicos da ilha e por isso fundamental para a valorização do lugar. Neste projecto, tratava-se de valorizar e preservar a identidade de Chiloé, ao construir uma obra concordante com as características que lhe conferiam a sua especificidade. Apesar da existência do lugar não estar em risco, como acontecia no caso de Pinohuacho, a sua existência como até então era conhecido, estava. A identidade do lugar reside na forma como o território foi apropriado pelos seus habitante que, no caso de Chiloé, se materializa com as construções *palafitos*. Neste sentido, destruir os elementos que lhe conferiam esse valor, era colocá-la em causa. Justifica-se assim o trabalho de promoção deste tipo de construções desenvolvido por Rojas ao longo da sua actividade profissional.

Em ambos os projectos, a preservação do lugar passou pela valorização dos aspectos culturais e tradicionais que lhes conferiam especificidade. Ainda, em ambas as circunstâncias, os habitantes não eram conscientes destas especificidades, dada a proximidade que mantinham com o seu espaço de habitar e que os impedia de um olhar crítico e objectivo do mesmo. Nas palavras de Rojas: “*Lo que hice fue poner en valor algo que sus habitantes no sabían que tenían*” (Espinoza, 2017), que foi o que aconteceu também com o Grupo Talca em Pinohuacho e que revela a pertinência do envolvimento dos arquitectos neste tipo de intervenções.

Para alcançar os objectivos traçados, as duas obras em destaque tomam processos semelhantes. Da mesma forma que em Pinohuacho o que informa e origina a obra é a relação dos habitantes com aquela paisagem, na *Feria de Dalcahue* é a relação que os habitantes estabelecem com o lugar, visível nas construções típicas, que resultam da forma como as pessoas se tinham apropriado daquele espaço para a realização daquela actividade. Neste sentido os valores culturais e territoriais do contexto local são utilizados como recurso, pela forma como revelam a especificidade do lugar. A comunidade rural com que o Grupo Talca trabalha revela uma relação de

proximidade com o território que se reflecte nos valores culturais da mesma. No caso da *Feria*, assistimos a uma apropriação do território para mostra dos produtos e artes que definem a especificidade de cada comunidade de Chiloé e que contribuem para a identidade cultural da Ilha. Em ambos os casos os recursos usados para concretizar o objectivo traçado de preservação da identidade local são também eles locais e, com estes projectos, colocados em evidência.

Para que as intervenções fossem concordantes com a especificidade dos lugares onde se inserem, em ambos os casos são usados os materiais disponíveis e característicos da região, de uma forma que respeita e valoriza as tradições e técnicas locais. Deste modo, os conhecimentos construtivos daqueles que habitam o lugar são também tidos como recurso. Enquanto que em Pinohuacho se trata de um trabalho manual que toma as capacidades artesanais dos seus habitantes como elemento essencial ao desenho e concretização da obra, em Dalcahue, a obra reflecte as formas tradicionais de trabalhar a madeira que desde há muito caracterizam a Ilha de Chiloé. A utilização de materiais, técnicas e capacidades construtivas dos locais permite ainda a sustentabilidade das propostas, tanto em termos económicos, na execução das mesmas, como na sua capacidade em conseguirem persistir e resistir ao passar do tempo. Dispondo dos materiais e dominando as técnicas usadas na obra, os próprios habitantes podem proceder às alterações que se revelem necessárias. Desta forma, prevalece a identidade do lugar e a relação que os seus habitantes com ele partilham, segundo Rojas:

“La amenaza mayor es la implantación de modelos de desarrollo y proyectos ajenos a la dinámica de la cultura y la economía del lugar, que por lo mismo alteran y transforman tangible e intangiblemente el territorio y, junto a ello, su cultura, su economía y las prioridades de sus habitantes.” (Montes, 2017)

Em ambos os casos os habitantes mantêm uma relação próxima com o lugar de implantação da obra. Em Pinohuacho, para além de ser o lugar onde residem, foi aquele que ajudaram a construir, conferindo-lhe assim o significado que tem hoje. O trabalho de Rojas procura também lidar com esta vertente cultural que surgiu da apropriação do território, que contribui para o sentimento de pertença que partilham com o lugar, e que caracteriza a cultura *chilota*. Partilhando da postura que o Grupo Talca revela com o trabalho que apresenta, este arquitecto afirma:

“Nuestros referentes tenían que ser los habitantes, el paisaje, las tipologías, las maderas del bosque nativo, los carpinteros y la cultura, elementos fundamentales para entender este lugar y dar respuestas apropiadas y contemporáneas” (Rojas, 2017 [a])

No caso de Dalcahue esta relação assume também outro sentido, uma vez que a Feira era a oportunidade para pessoas que viviam em distintos lugares e contextos de Chiloé se juntarem para mostrar e vender os seus produtos. Torna-se assim um lugar de encontro onde a valorização dos elementos culturais da ilha e os seus habitantes são tomados como protagonistas. O facto de, com a obra, a periodicidade deste encontro poder ser regular, assegura e intensifica esta relação. Ainda, ao ser uma actividade que toma lugar num *palafito*, permite-lhes apresentar ao mundo as suas artes numa construção que tem para eles um significado tão forte, reflectindo-se num sentimento de identidade, pertença e orgulho nas suas origens, essencial a estas comunidades. Apesar de apresentarem especificidades distintas, foram espaços que tomaram significado pelo carácter colectivo em que surgiram. Apesar da dimensão local que assumem, as suas valências colocam-nas numa escala mais alargada de importância: *“[...] es una arquitectura que nace comunitariamente desde lo local, y que reconoce una contribución universal.”* (Rojas, s.d.).

Esta dimensão revela-se fundamental ao cumprimento dos objectivos das obras em estudo. No caso de Pinohuacho, a estratégia da obra partiu da criação de uma imagem de postal chamativa que levasse turistas ao lugar, conseguindo-se assim a dinâmica económica tão necessária à sua preservação. No caso de Dalcahue, como essa dinâmica já existia de facto, proceder à qualificação do espaço em que se dava podia apenas reforçá-la ao permitir que a actividade se realizasse de forma periódica. São portanto estratégias em que a valorização das características locais lhes permite o retorno económico necessário para que possam ser preservadas. É de notar, que uma vez assumindo o turismo como fonte dos recursos económicos que as propostas pretendiam potenciar, a tecnologia das comunicações revela um papel estratégico fundamental na divulgação destes lugares que se situam longe das regiões metropolitanas, onde normalmente aflui a maioria dos visitantes. Algo do qual os arquitectos envolvidos em ambas as propostas estão cientes.

Edward Rojas *“ha sido el responsable de haber puesto en el mapa la arquitectura*

chilota.”¹⁰ (Espinoza, 2017) pela forma como trabalhou este território. Da mesma forma, o Grupo Talca conseguiu colocar Pinohuacho no mapa turístico e arquitectónico chileno e internacional. A pertinência destas propostas é reforçada pela visibilidade de que são alvo por parte também da comunidade arquitectónica nacional e internacional. Somando bastantes artigos, publicações e entrevistas relativos ao trabalho, o *Casetón-mirador* de Pinohuacho foi apresentado na Bienal de Veneza de 2016 e a obra *Techo Feria de Dalcahue* na exposição de arte e cultura “*Chile Vive*” realizada em Madrid, no ano 1987.

No entanto, a intencionalidade da obra realizada em Pinohuacho, como mencionado no capítulo anterior, ultrapassa a sua forma física, uma vez que ela surge como resposta a uma necessidade eminente. Neste sentido, a sua construção pressupõe a resolução de um problema apontado, assumindo por isso uma posição de estratégia. Da mesma forma, a efemeridade que as construções típicas de Chiloé apresentam confere-lhes também esta característica, como Edward Rojas afirma:

“Porque la Arquitectura de la madera en Chiloé es perecible, es afectada por la lluvia, la humedad, el viento, los xiolófagos y los incendios. Por lo mismo, lo importante es entender que la obra es parte de un proceso cultural, porque ella en el futuro perfectamente podría desaparecer”
(Casals Aguirre, 2017)

Em ambas as situações, o contributo dos habitantes foi essencial tanto no sentido de puderem apontar as condicionantes em torno do problema como no de formular a resposta mais adequada. No entanto, a forma como este contributo se materializou foi bastante diferente. Enquanto que os habitantes de Pinohuacho participaram em todas as fases do projecto, desde a concepção da obra à sua construção, em Dalcahue, como na generalidade dos projectos de Edward Rojas, o seu contributo passa apenas pelo diálogo que permite informar as intervenções das condicionantes que as moldam. Neste sentido, como afirma na seguinte citação, o contacto directo com a população revela-se fundamental na adequação das propostas à realidade em que se inserem:

“Para hacer “arquitectura del lugar” había que conocer el territorio, convivir con su habitantes y aprender de su cultura y de su notable arquitectura en madera, así como la forma de construirla con manos carpinteras y las

10 Pelas palavras de Teodoro Fernández, o arquitecto chileno que ganhou o Prémio Nacional de Arquitectura de 2014.

nobles maderas del bosque nativo.” (Montes, 2017)

No projecto da *Feria*, o contributo dos utilizadores do espaço adquiriu também uma forma indirecta, uma vez que surge da oportunidade em poder observar e interpretar a actividade que a sua proposta teria de conter. A forma como as pessoas se relacionavam entre si e com o lugar revelou-se fundamental à adequação acima mencionada.

Enquanto que no caso de Pinohuacho a apropriação da obra começa a ser feita logo no momento da sua concepção, no segundo caso apresentado, pode apenas efectuar-se depois de terminada a sua construção. Ainda assim, ambas se revelaram um sucesso pela forma como interpretaram e incluíram os valores culturais e identitários do lugar. Ainda que a identidade cultural seja resultante da forma como os habitantes se relacionaram e se apropriaram do território, a identidade de Pinohuacho reside na paisagem deste lugar, enquanto que a de Chiloé reside nas construções que resultaram deste encontro. Segundo Edward Rojas:

“[...] la arquitectura es la mayor obra material de una cultura. Ella acoge el fulgor de la vida de los habitantes en cada territorio y, por lo mismo, si ella se funda en lo propio del lugar, reinterpretando [reinterpretando] de manera contemporánea los valores ancestrales de la arquitectura pre existente, reafirma la identidad de la cultura del lugar.” (Montes, 2017)

Este aspecto verifica-se com a construção dos miradouros de Pinohuacho, que direccionam o olhar para os lagos e vulcões que desde o primeiro dia encantaram os seus visitantes e que levaram à criação da comunidade que aquele lugar hoje aloja. São portanto a reafirmação da identidade cultural ali criada, ao mesmo tempo que o valor do lugar é colocado em evidência.

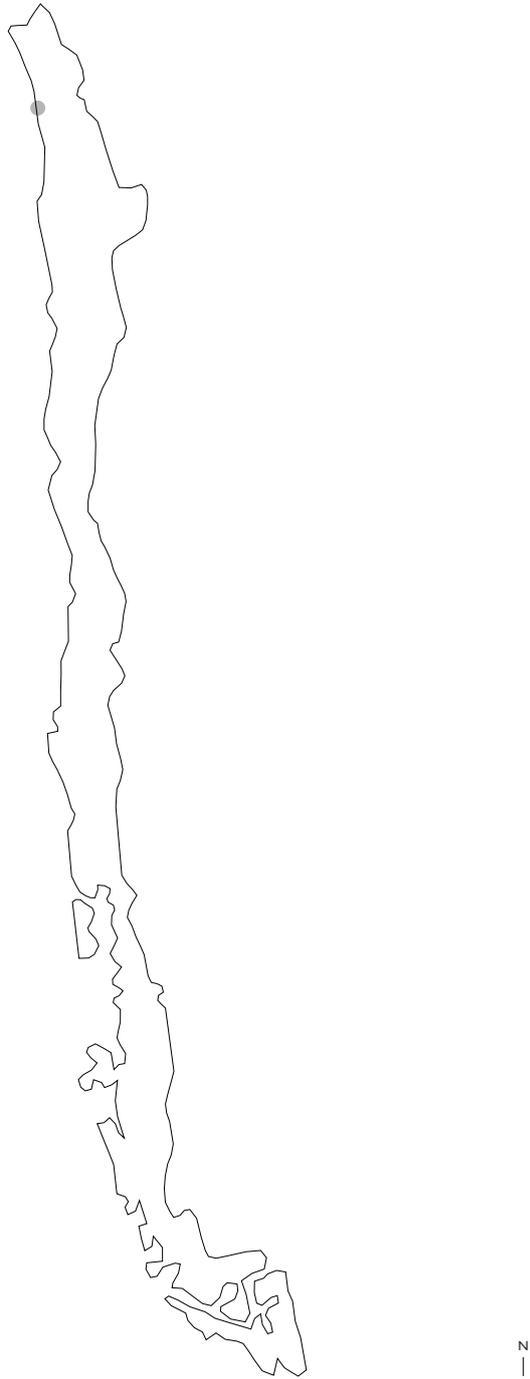


Figura 2.9 Mapa do Chile com referência à cidade de Iquique. [Fonte: Desenho realizado pela autora da dissertação]

2.2 CULTURA PARTICIPATIVA CHILENA

ALEJANDRO ARAVENA E A QUINTA MONROY, IQUIQUE, 2004

O acampamento *Quinta Monroy*, ocupava uma área equivalente a meio hectare de terreno, no centro da cidade de Iquique, situada no Norte do Chile [ver figura 2.9], e alojava noventa e sete famílias. Tendo surgido fruto de apropriações informais de terreno, que começaram na década de 1960, o acampamento era tido como marginal pelo governo chileno [ver figura 2.10]. Construído pela mão das pessoas que o habitam, o bairro tomou uma estrutura labiríntica que, associado à falta de vigilância, deu origem a atitudes de delinquência que o tornaram bastante inseguro.

Conhecidas as condições de precariedade sob o qual estas pessoas viviam, tinham já sido apresentadas propostas à comunidade que prometiam a melhoria da sua qualidade de vida com a atribuição de habitações qualificadas, mas que nunca se tinham concretizado. Por este motivo, quando em 2001 foram abordados pelo programa *Chile-Barrio*¹¹, com o mesmo intuito, pensaram que se trataria apenas de uma outra promessa sem fundamento e que, tal como as anteriores, não se concretizaria. Mesmo durante o processo de decisão da proposta, muitos dos habitantes encontravam-se relutantes à efectivação da mesma (Castillo, 2008). Relutância esta que em muitos casos persistiu até ao momento de construção das habitações, estando apenas nesse momento comprovado e materializado o comprometimento das entidades envolvidas no processo.

O motivo pelo qual as propostas anteriores não chegavam a realizar-se era porque se baseavam em modelos antigos de habitação social, e por isso desadequados ao mercado existente na época, e que, associado à exigência daquelas pessoas em querer permanecer naquele terreno, se revelavam insustentáveis. Localizado numa zona privilegiada, esta opção representava um custo do solo em muito superior ao que era normalmente adquirido para construção de habitações de interesse social e, por isso, incomportável. No entanto, “*La gente sentía que por el tiempo que llevaban ahí y las redes sociales que habían logrado crear, tenían derecho a radicarse en el mismo lugar.*” (Castillo, 2008) e por isso recusavam a sua deslocação para outra zona em que o custo do solo fosse menor, que são normalmente zonas periféricas, alegando preferir continuar a viver em situação precária mas no centro de Iquique.

11 Programa a cargo do governo chileno e que pretendia a erradicação dos acampamentos informais.



Figura 2.10 Fotografia do acampamento *Quinta Monroy* (Iquique) antes da intervenção.

[Imagem editada pela autora da dissertação. Fonte: <http://4.bp.blogspot.com>]

Como mais à frente se poderá concluir, verificava-se, de facto, a possibilidade de construir naquele lugar um complexo de habitação de interesse social, no entanto, era um exercício que requeria uma resposta inovadora e foi isso que os arquitectos escolhidos pelo programa provaram.

O programa *Chile-Barrio* toma conhecimento de um estudo a ser desenvolvido na *Pontificia Universidad Católica de Chile*, o *Elemental*, que procurava o desenho de um modelo de habitação social inovador e que ia ao encontro das mesmas condicionantes e limitações que se apresentavam no caso da *Quinta Monroy*. Neste sentido, procura o contributo dos investigadores na formulação de uma resposta adequada a este caso. O estudo a ser desenvolvido era liderado pelo arquitecto Alejandro Aravena e o engenheiro de Políticas Públicas Andrés Iacobelli¹² e deu, posteriormente, lugar a um concurso de ideias internacional do qual se pretendia:

“[...] generar un modelo aplicable extensivamente: incorpora conjuntos de menor escala a tejidos urbanos consolidados, propone la radicación de las familias en su lugar original de residencia, plantea un estímulo a la integración social por sobre la segregación y supone participación de los habitantes en la toma de decisiones generales.”

(Aravena, Montero, Cortese, de la Cerda, Iacobelli; 2004; p. 30)

Uma vez que os modelos habitacionais que o mercado produzia não respondiam de forma satisfatória à questão, sabiam que era necessário reflectir sobre o que causava o seu insucesso e abordar o problema de outra forma. Assim, tomam a oportunidade de trabalhar neste projecto para colocar em prática as suas teorias e verificar a viabilidade daquilo a que se propunham com este estudo.

Para esta proposta o governo chileno requeria a introdução de um novo programa, o *Vivienda Social Dinámica sin Deuda (VSDsD)*, que se centra nas comunidades mais pobres da sociedade, aos quais oferece um subsídio de 300 UF¹³ (7.500 dólares)¹⁴ por

12 Para o projecto da *Quinta Monroy* contaram com o contributo do arquitecto Alfonso Montero e dos então estudantes de arquitectura Tomás Cortese e Emilio de la Cerda.

13 UF (*Unidad de Fomento*) é uma unidade monetária usada no Chile, em que 1 UF corresponde a cerca de 26.000 pesos chilenos, segundo: http://www.bancochile.cl/cgi-bin/cgi_uf?year=0000&month=00&pagina=inversiones/mon_tasa/cgi_uf [Consultado a 20 de Setembro de 2017].

14 Cerca de 6.590€, segundo: <http://www.xe.com/pt/currencyconverter/convert/?Amount=7500&From=USD&To=EUR> [Consultado a 3 de Julho de 2017].

família para que construam uma habitação qualificada (Aravena et al., 2004, p. 30). Com este programa, pretendia-se que estas pessoas não ficassem com dívidas associadas à construção da sua habitação e que os modelos propostos fossem dinâmicos, no sentido em que fosse depois possível o crescimento do espaço habitacional individual. Uma vez que o montante disponibilizado para esta construção era bastante reduzido, dificilmente se conseguiria assegurar qualidade e adequação de cada habitação à família que iria acolher. Nesse sentido, a exigência relativa à dinâmica imposta pelo programa procura dar a possibilidade às próprias pessoas de fazerem esse ajuste ao longo do tempo e transformar “*la mera solución habitacional en una vivienda digna*” (Aravena et al., 2004, p. 30). O programa impunha também que o valor do subsídio devia cobrir os custos do solo, infra-estrutura urbana associada¹⁵ e a habitação.

Sendo que o custo deste terreno correspondia a um montante três vezes superior ao que habitualmente se prevê em construções de habitação social, seria um investimento que depois, naturalmente, se reflectiria no valor disponível para construir a casa em si e o que lhe estava associado. No entanto, como os estudos destes arquitectos verificavam, esta localização permitia acesso privilegiado a redes de transporte, trabalho, saúde e educação, que, para pessoas com baixos rendimentos, representam oportunidades consideráveis. Apesar da deslocação destas pessoas para a periferia representar uma redução considerável no custo do solo, a localização de complexos de habitação social em zonas periféricas gera situações de ressentimento e conflito, que resultam do sentimento de exclusão social. A segregação associada às desigualdades sociais representa uma ameaça ao bem estar destas pessoas que, naturalmente, se reflecte no ambiente construído onde residem. Assim, para que esta construção representasse, de facto, uma melhoria das condições de vida destas pessoas, era necessário garantir-lhes as melhores oportunidades possíveis, para que “*esta cercanía a las oportunidades contribuya a hacer más corto el camino de estas familias para superar la pobreza.*” (Aravena et al., 2004, p. 32), que era o objectivo principal desta intervenção.

Apesar de se prever a destruição do lugar como até então se encontrava, os arquitectos procuraram manter o sentimento de pertença e comunidade que já existia, procurando a participação dos habitantes nas decisões de projecto. Neste sentido, pretendia-se que o “novo” lugar resultasse novamente do encontro entre aquelas pessoas e o terreno, mediado agora por arquitectos.

15 Como ruas, redes de esgotos, electricidade, água, entre outros.

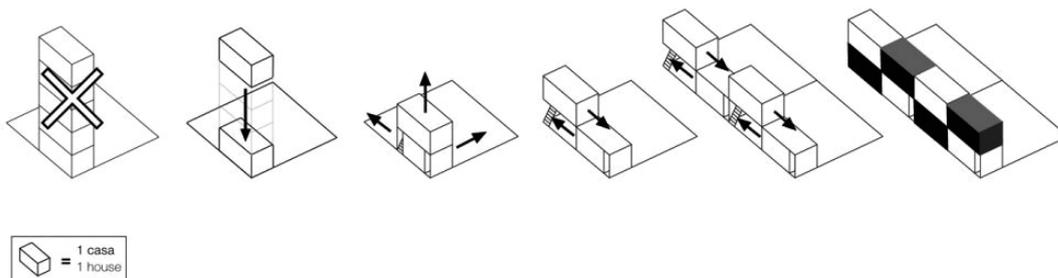
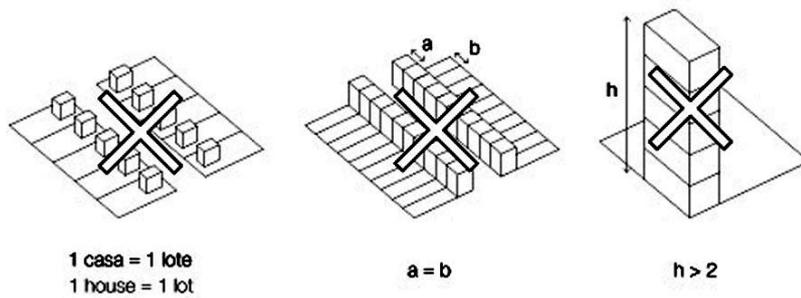


Figura 2.11 Esquema das tipologias consideradas. [Fonte: <http://www.disenhoarquitectura.cl>]

Figura 2.12 Esquema "Edificio Paralelo". [Fonte: <http://www.disenhoarquitectura.cl>]

No sentido de cumprir com as exigências estipuladas pelo *Ministerio de Vivienda y Urbanismo*, associadas ao custo da obra e possibilidade de acrescentos, os arquitectos desenvolveram vários estudos procurando assim cumprir, da forma mais adequada, com as variáveis que se colocavam (Aravena et al., 2004, p. 31). No processo de definição do projecto avaliaram as tipologias que o mercado oferecia, dos quais puderam perceber que modelos de habitações isoladas, modelos de habitações em banda e construções em altura não permitiam cumprir com os objectivos estabelecidos [ver figura 2.11] (Aravena et al., 2004, p. 31).

Como a alternativa à deslocação desta comunidade para a periferia não podia ser considerada, como anteriormente justificado, e as propostas estudadas não respondiam de forma satisfatória ao problema, havia que mudar a forma de o abordar, isto é, havia que mudar a pergunta. Tomando as palavras de Aravena:

“En vez de preguntarnos qué es lo mejor que puedo construir con 300 UF, y multiplicar eso por cien familias, mejor nos preguntamos cuál es el mejor edificio que se puede hacer con 30.000 UF, donde quepan esas 100 familias” (Proyecto Fondef, s.d., p. 52)

Dadas as condicionantes ao nível do espaço disponível e das exigências impostas pelo programa a implementar, não podiam pensar no problema de forma individualizada, mas antes no seu conjunto, ao nível da comunidade. Os arquitectos decidem então continuar com o desenho da proposta que permitia alojar a maior quantidade de agregados familiares e que permitia pensar o problema no seu conjunto: o da construção em altura. No entanto foi necessário adaptá-lo para que cumprisse com os requisitos associados à dinâmica que o VSDsD impunha, isto é, para que tivesse apenas o primeiro e o último piso, do qual resultou o desenho que chamaram de “*Edificio Paralelo*” [ver figura 2.12]:

“Este edificio debía ser lo suficientemente “poroso”, para permitir que la casa en el primer piso creciera horizontalmente sobre el suelo, mientras el departamento en el segundo lo hiciera verticalmente hacia el aire.”
(Aravena et al., 2004, p. 32)

Deste modo, era possível garantir a ventilação favorável das divisões da casa, bem como a redução nos custos do solo uma vez que as habitações estariam encadeadas também de forma vertical.

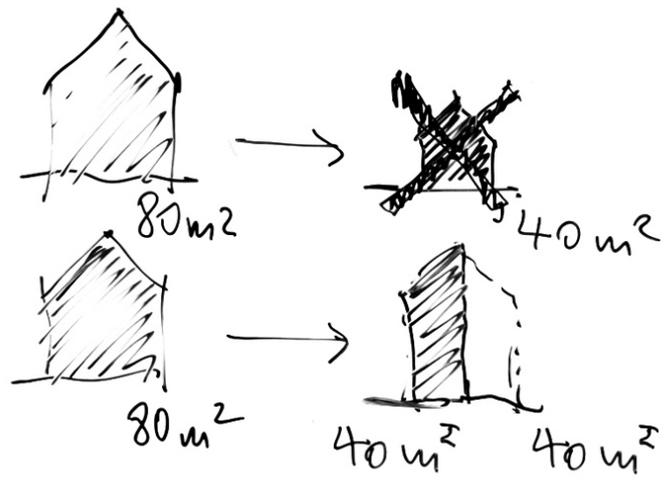


Figura 2.13 Esquema do modelo da habitação. [Fonte: <http://www.disenhoarquitectura.cl>]

O grupo de arquitectos e investigadores encarregues desta encomenda viu a necessidade de incluir a possibilidade de acrescentos como uma mais valia ao projecto. Estabelecendo-se o pressuposto de que os habitantes continuariam a construção das suas casas no sentido de as qualificar segundo as suas necessidades individuais e familiares, não teria de se construir a casa na sua totalidade. Uma vez que o orçamento estipulado permitia uma área de construção de apenas quarenta metros quadrados, o que representa menos de metade da área necessária à construção de uma habitação de classe média, podia definir-se um enquadramento capaz de incluir esses cerca de oitenta metros quadrados, mas construir apenas metade [ver figura 2.13] (Aravena, 2014 [a]). Deste modo, consegue-se cumprir com os requisitos que o financiamento disponibilizado pelo governo impõe sem que a entrega de uma casa pequena representasse um impedimento ou limitação futura à família. Reservando-se assim a possibilidade de, mais tarde, esta poder terminar a construção da casa, passando a ser proprietária de uma habitação de classe média. Ainda, consegue-se que o valor da casa aumente após ser habitada e “trabalhada”, em contraponto com o que até ali acontecia com as habitações de interesse social que eram atribuídas. Assim, o valor da habitação passa a ser superior ao investimento que foi feito na sua construção. Uma vez que cada pessoa pode receber este subsídio apenas uma vez na vida, este modelo permite que a habitação passe a significar um investimento e não um gasto, para o qual a boa localização da mesma se revela fundamental à sua valorização.

Quando ponderam a construção de apenas metade da habitação, deparam-se com a questão: qual a metade a construir? No sentido de garantir o bom funcionamento da casa, procede-se à construção das zonas fundamentais ao bom funcionamento da habitação. Ainda, a forma como estes elementos se inserem no interior foi estudado para garantir concordância com as possíveis ampliações (Canotilho, 2008, p. 85). Deste modo garante-se o bom funcionamento da casa, para que um dia possa ser considerada de classe média.

Para o encontro de apresentação e discussão do projecto com os habitantes, os arquitectos levaram desenhos e maquetas para que a transmissão das ideias e das suas intenções fosse concretizada da forma mais simples possível e de modo a que os habitantes entendessem [ver figura 2.14]. A dinâmica de crescimento que o programa que financiava a construção exigia era também requerida pelos próprios habitantes. Acostumados a fazer ajustes e acrescentos à estrutura onde habitavam, queriam que a nova residência lhes garantisse também essa possibilidade. Uma vez que nas suas construções informais tinham já a experiência de fazer acrescentos, não apenas no



Figura 2.14 Fotografia das reuniões com os habitantes. Processo de projecto do complexo habitacional *Quinta Monroy* (Iquique, 2004). [Fonte: <http://www.diseñoarquitectura.cl>]

sentido horizontal mas também no vertical, compreenderam rapidamente as vantagens deste modelo e sem demora o aceitaram. Para estes arquitectos o contacto directo, diálogo e discussão da proposta com os habitantes era tido como factor fundamental ao sucesso da mesma, uma vez que, em última análise, eram eles quem ia validar a intervenção pelos usos que fariam dos espaços (Castillo, 2008).

Os arquitectos tiveram ainda que considerar que o lugar ia ser caracterizado não só pela apropriação individual de cada família, mas também pela apropriação colectiva, ao nível da comunidade: “*lo verdaderamente clave no está tanto en la vivienda misma, sino en el barrio.*” (Aravena et al., 2004, p. 31). Mais do que conferir salubridade e conforto, procurava-se a regeneração do lugar, para o qual as interacções sociais entre os residentes eram tidas como fundamentais ao seu bom funcionamento. Dado que esse sentimento já existia, e era um dos elementos que conferia identidade ao lugar, era um factor essencial a preservar numa intervenção que pressupunha a demolição do edificado existente, por eles construído. Neste sentido, o facto de puderem discutir o projecto e colocar dúvidas ajudou à compreensão integral da obra, fundamental à sua aceitação.

Era então necessário pensar em que moldes se poderia dar essa apropriação colectiva, já que era necessário impedir que assumisse novamente um carácter informal e desorganizado, como era o acampamento que tinham construído. Na implantação urbana deste modelo, os arquitectos procuraram criar pátios para os quais as habitações estivessem voltadas. Deste modo, criaram quatro núcleos com pouco mais de vinte habitações, que definiam o lote [ver figura 2.15] (Canotilho, 2008, p. 87). Esta organização permitia fortalecer a relação de comunidade uma vez que os habitantes destas casas partilhavam o mesmo espaço colectivo. Sendo de acesso restrito aos residentes, era um espaço que se localizava entre o domínio público, exterior ao quarteirão, e o domínio privado, das habitações. Com esta escala, conseguia-se que as decisões relativas ao espaço colectivo fossem tomadas por todos os residentes do núcleo, permitindo um processo harmónico, do mesmo modo que o sentimento de bairro era colocado em evidência, proposta à qual chamaram: “*Densidad Sin Hacinamiento*” (Castillo, 2008).

No sentido de prevenir apropriações que pusessem em causa o desenho e bom funcionamento do modelo, estabeleceram um conjunto de regras que condicionavam os proprietários das habitações nos acrescentos a realizar, ao que chamaram de “*Régimen de propiedad*” (Castillo, 2008). Em concordância com a forma com que desenvolveram a intervenção, procuram explicar os motivos de cada impedimento para que os habitantes percebessem que fragilidades cada restrição procurava colmatar, na caracterização de

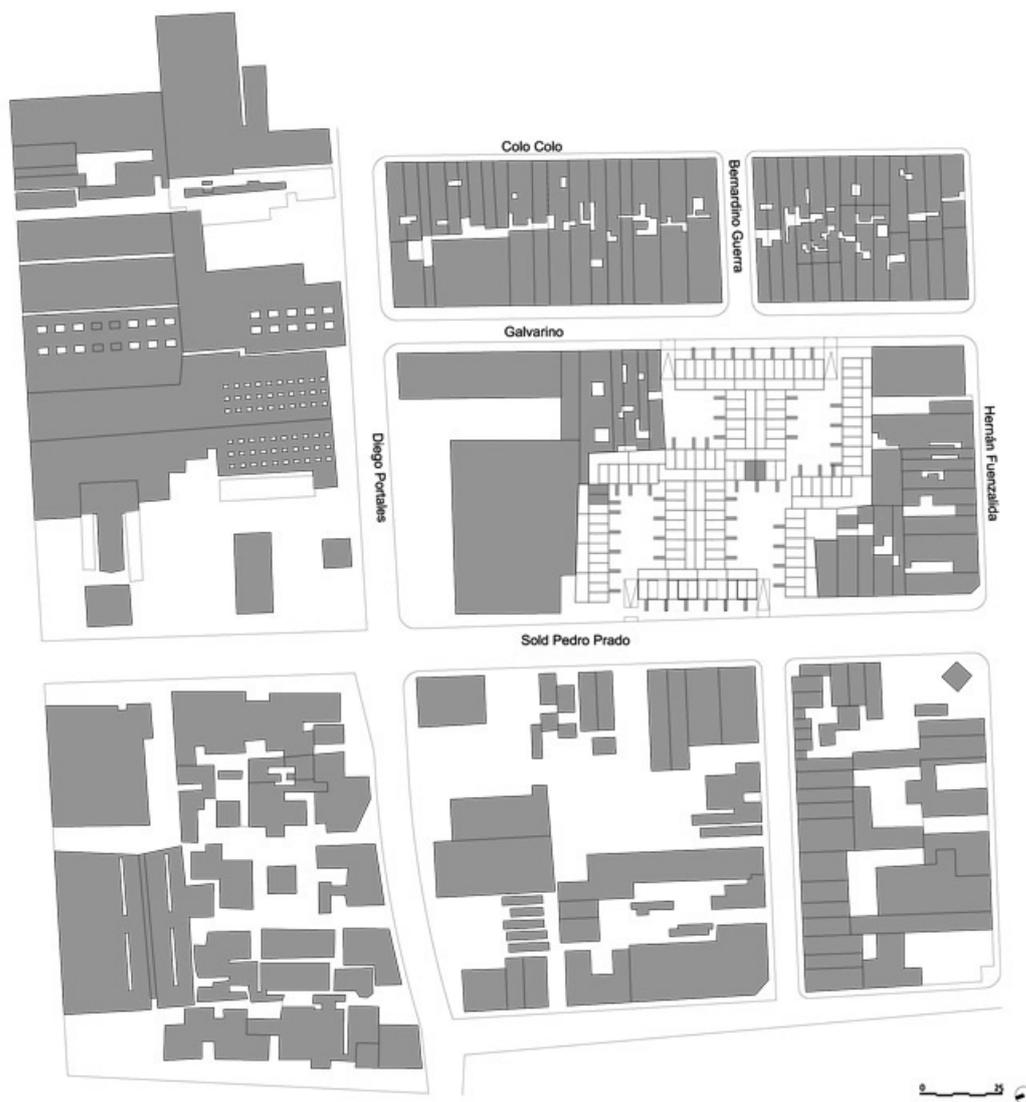


Figura 2.15 Planta de implantação do complexo habitacional *Quinta Monroy* (Iquique, 2004).

[Fonte: <http://laboratoriovivienda21.com>]

um espaço que era da comunidade (Castillo, 2008).

Procedeu-se então à construção de 93 habitações no lugar original do acampamento *Quinta Monroy*, nome que o complexo habitacional mantém. Seguindo a tipologia definida, o conjunto de duas habitações horizontais suportam três verticais, incluindo os espaços de acréscimo respectivos. As restrições económicas associadas ao projecto deram origem a uma construção em betão à vista, pontuada pelas guardas de contraplacado de MDF dos pátios e escadas de acesso às mesmas [ver figura 2.16]. Esta pureza material é também transposta para o interior, onde mesmo as instalações sanitárias e da cozinha se apresentam simples, mas assegurando as necessidades básicas [ver figura 2.17 e 2.18] (Canotilho, 2008, p. 87). Com necessidades e agregados familiares distintos, esta opção permitia que o espaço fosse adaptado da forma mais conveniente a cada família. Os acréscimos estavam restringidos à área fornecida para eles, balizada pela habitação seguinte ou por paredes, dependendo da posição que a habitação assumia no conjunto. Neste sentido, podiam ser apenas feitos no sentido lateral, uma vez que construir à frente ou atrás impediria a ventilação de muitas divisões e poria em causa o carácter do espaço público. Ainda que este espaço pudesse suportar um ou dois acréscimos neste sentido, fazê-lo em todas as habitações tornava o complexo novamente insustentável. Assim, e para garantir igualdade entre os vários proprietários, estas acções são constringidas pelas regras estipuladas (Castillo, 2008).

A pureza inicial dos materiais rapidamente se perdeu quando os habitantes foram viver para as novas casas e as começaram a caracterizar [ver figura 2.19 e 2.20]. Diferenciadas com cores nas paredes e iniciando obras aos acréscimos, o lugar começou a ganhar uma identidade própria, inerente aos seus habitantes. Apesar de os resultados revelarem o sucesso da intervenção, não foi um processo fácil. Habitados a receber propostas que se comprometiam melhorar a sua qualidade de vida e que depois não se verificavam, estas pessoas acreditavam que esta ia seguir o mesmo caminho. Com as reuniões e o avançar do processo de definição do projecto muitos começaram a acreditar na sua concretização, ainda assim, este sentimento não era partilhado por todos. No momento de construção das novas habitações tiveram que ser alojados noutra local para que se pudesse proceder à demolição das estruturas que existiam e à construção das novas. Muitos resistiram a este pedido de deslocação para uma zona periférica à cidade, no *Alto Hospicio*, onde havia um terreno a eles destinado, para que montassem um acampamento provisório que os alojasse durante esta fase. Acreditavam que estavam a ser enganados a



Figura 2.16 Fotografia do exterior do complexo habitacional *Quinta Monroy* (Iquique, 2004).

[Fonte: <http://images.adsttc.com>]

sair daquele lugar sem que nunca mais o pudessem voltar a habitar. Sabiam que o terreno era muito valioso e pensaram que as entidades envolvidas se estariam a aproveitar da situação para construir algo que lhes fosse rentável, retirando-lhes o lugar onde residiam e deixando-os à margem das dinâmicas sociais urbanas. Foi por isso um processo muito difícil e que envolveu muitos profissionais ligados à acção social. Apesar da desconfiança que tinham, decidiram acreditar na promessa que lhes tinha sido feita e mudaram-se para o terreno indicado. Quando viram a obra que tinha sido desenhada para eles a ser construída ficaram mais confiantes das intenções dos envolvidos e também mais entusiasmados com as possibilidades que representava (Castillo, 2008).

Esta intervenção revelou-se um sucesso, não só pelo impacto que teve na qualidade de vida destas pessoas, mas também pelo carácter de potenciador social que assumiu. Para as camadas mais jovens, esta concretização revela que há de facto possibilidade de saírem da condição de precariedade em que subsistem, resultando em incentivo para que lutem pelos seus objectivos (Castillo, 2008). Deste modo, gera-se uma atitude positiva que, naturalmente, se repercute na pro-actividade destas pessoas em melhorar as suas condições de vida. Provando-se assim que a arquitectura pode ser usada como ferramenta na superação da pobreza (Aravena, 2014 [a]).

É uma proposta racional e ciente do contexto cultural a que vai ser submetida, o que permitiu obter resultados satisfatórios. Os habitantes prosseguiram de facto com a conclusão da construção das suas casas, levando a que, após um ano da sua construção, estas correspondessem a um valor de 20.000 dólares, montante quase três vezes superior ao seu custo inicial de construção. Assim, provou-se que os arquitectos e investigadores estavam certos na possibilidade de fazer uma habitação representar um investimento e não apenas um gasto. É ainda importante referir que, apesar de lucrarem com a sua venda, os habitantes escolheram permanecer naquelas casas, ainda que este valor lhes pudesse proporcionar poder de compra (Elemental, s.d. [c]). Esta atitude revela a importância do sentimento de pertença associado ao lugar e ao colectivo que o integra, sobrepondo-se a questões económicas.

Foi uma obra que tomou visibilidade e adquiriu reconhecimento, tanto ao nível nacional, chileno, como no internacional, através de várias apresentações públicas deste trabalho, dos quais se destaca uma *TEDtalk* (Aravena, 2014 [a]), e que comprovam a sua pertinência. Este projecto revela como, de forma simples e económica, se consegue mudar o futuro de comunidades dominadas pela pobreza e serve de incentivo à



Figura 2.17 e 2.18 Fotografias do interior das habitações do complexo habitacional *Quinta Monroy* (Iquique, 2004). [Fontes: 2.18 - <http://images.adsttc.com> | 2.19 - <http://laboratoriovivienda21.com>]

abordagem da arquitectura como estratégia social capaz de mudar contextos sociais e económicos. Mostrando também que, para isso, se torna fundamental integrar aspectos culturais e identitários associados à comunidade e cultura específica com o qual se está a trabalhar, no desenho do projecto, para que no final os resultados esperados se verifiquem. Em contexto nacional, valorizar esta prática representa ainda um incentivo à manutenção de uma característica da cultura chilena: a vontade da população em participar activamente na construção dos seus espaços de habitar.

A *Quinta Monroy*, provou ainda a aplicabilidade prática do estudo que os arquitectos estavam a desenvolver, mostrando que é possível construir habitação social em solos urbanos e que, tal como defendia no seu estudo, apresentava melhores resultados que a deslocação destas pessoas para a periferia. Do mesmo modo, a possibilidade de aplicar as teorias a serem desenvolvidas em contexto real, permitiu o confronto com situações específicas destes processos, importantes de considerar no estudo e fundamentação da investigação.

O interesse de Alejandro Aravena em abordar o tema da habitação social surgiu aquando do período em que vai leccionar para Harvard, onde conhece Andrés Iacobelli, engenheiro, que realizava nesse momento uma pós-graduação em Políticas Públicas. Numa conversa informal que partilharam, Aravena percebe que apesar da arquitectura chilena apresentar uma qualidade que a faz ser reconhecida internacionalmente, a forma como respondia ao programa da habitação de interesse social não era concordante com essa realidade. Reconhecendo o problema e a pertinência em abordá-lo, decidiu investigar o porquê dessa ocorrência e de que forma podia contribuir para alterar essa realidade. Inicia, portanto, um estudo para o qual os conhecimentos profissionais de Iacobelli se revelaram fundamentais, não apenas para compreender os processos e políticas existentes, mas também para perceber como actuar nesses meios (Aravena, 2014 [b]).

Constatando que o problema da habitação tomava já proporções massivas, sendo que dos três biliões de pessoas que vivem nas cidades, um bilião vive sob o limiar da pobreza (Aravena, 2014 [a]), Aravena e Iacobelli procuraram incentivar outros arquitectos a debruçarem-se também sobre este programa:

“When Elemental fist took off at Harvard University in 2000, social housing was associated with the death of economic and professional resources that meant limited options for poor families. Elemental sought

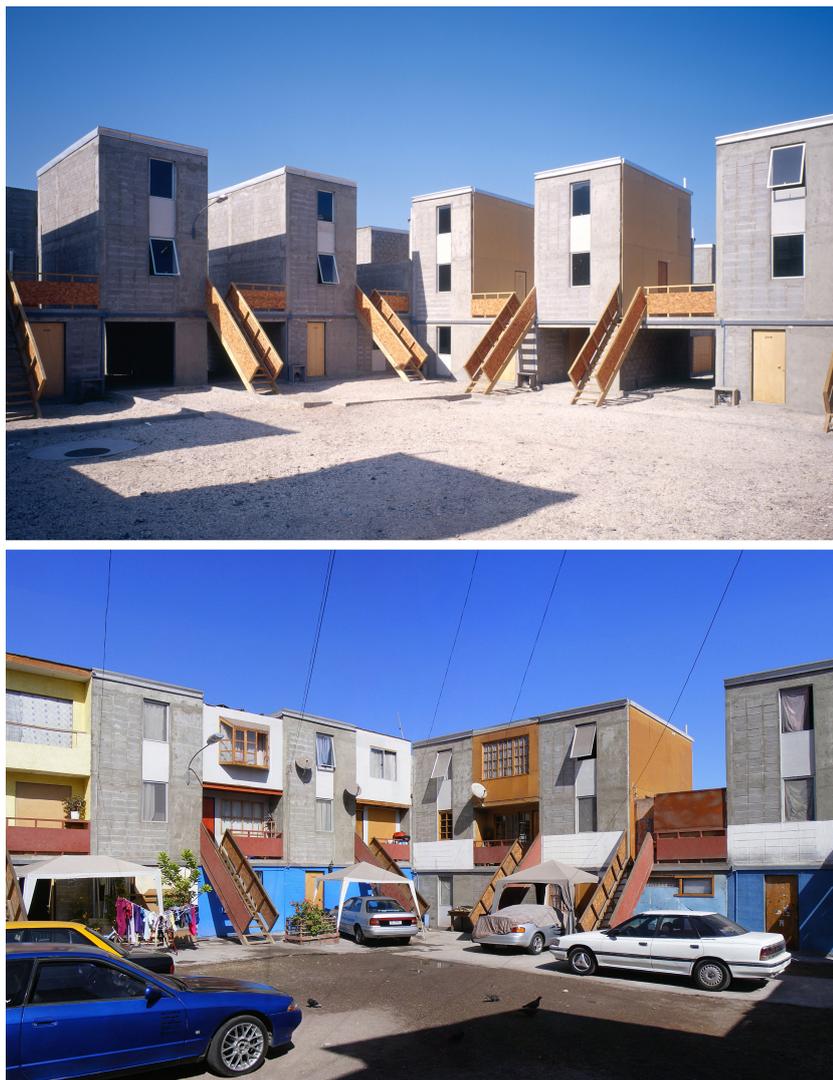


Figura 2.19 Fotografias comparativas do exterior do complexo habitacional *Quinta Monroy* (Iquique, 2004) logo após a sua construção e depois da apropriação pelos seus habitantes. [Fonte: <http://www.arcspace.com>]

to change this negative association, using professional skills to work with social housing providers. The aim was to generate a technical scenario that would guarantee value gain over time without the need to change existing policies or market conditions.” (Aravena, 2011, p. 32)

No sentido de estimular este exercício e de passar de um *Think Tank* para um *Do Tank* (Aravena, 2011, p. 32), decidem lançar um concurso de ideias, que chamaram de *Elemental*. Este concurso visava a criação de um modelo de habitação que respondesse às exigências e restrições impostas em obras de interesse social, em que depois os vencedores tivessem a oportunidade de construir em território chileno. Com o intuito de receber o maior número e variedade de propostas, determinaram que seria um concurso internacional. Apesar de já associados à Universidade Católica do Chile, onde o estudo decorria, tiveram também que concorrer ao fundo *Fondef*¹⁶, do qual o lançamento do concurso estava dependente e que conseguiram apenas no ano de 2003. Nesta altura tinham já sido contactados pelo programa *Chile-Barrio* e desenvolvido a proposta da *Quinta Monroy*, que em pouco tempo ia começar a ser construída. Neste sentido, este projecto realizado de forma independente, pelo ELEMENTAL, estúdio de arquitectura liderado por Aravena¹⁷, e que, segundo o arquitecto, serviu de etapa zero ao concurso (Proyecto Fondef, s.d., p. 51), permitindo mostrar aos participantes o que se pretendia para o mesmo. Assim, este projecto procurou responder à pergunta que gerou o estudo e que pediam também aos concorrentes do *Elemental* que respondessem com as suas propostas:

“¿Cómo construir una vivienda barata, que pueda crecer, que no tenga hacinamiento y que conforme un barrio?” (Proyecto Fondef, s.d., p. 50)

No júri do concurso constam nomes de arquitectos reconhecidos internacionalmente bem como directores de entidades chilenas que desempenham um papel decisivo nestes processos. Definiu-se que sete propostas saíam vencedoras e que teriam apoio técnico da Escola de Arquitectura da Universidade Católica do Chile, que através do *Taller Chile* os colocariam em contacto com arquitectos e engenheiros locais, no sentido de coordenarem os trabalhos a realizar no terreno.

16 *Fondo de Fomento al Desarrollo Científico y Tecnológico, organismo dependiente de la Comisión Nacional de Ciencia y Tecnología, Conicyt.*

17 Com o apoio de Universidad Católica de Chile e a COPEC (empresa petrolífera chilena).



Figura 2.20 Fotografias comparativas do interior das habitações do complexo habitacional *Quinta Monroy* (Iquique, 2004) logo após a sua construção e depois de habitadas. [Fonte: <http://www.spatialagency.net>]

O projecto *Quinta Monroy* foi, portanto, a oportunidade de colocar em prática as ideias que o seu estudo tinha originado. Ainda que os arquitectos envolvidos neste processo duvidassem da capacidade deste modelo em ser reproduzido, uma vez que as sinergias¹⁸ envolvidas tinham sido fundamentais ao seu sucesso, Aravena constrói outros complexos, que seguem a mesma abordagem, noutras cidades do Chile e mesmo noutros países¹⁹, o que comprova que o modelo produzido é permeável o suficiente para se ajustar às condicionantes locais que se coloquem (Castillo, 2008).

No entanto, Aravena não pretende apenas atribuir um local de residência qualificado a estas pessoas, mas antes a redução da pobreza através da criação de oportunidades, associadas a estas construções. Desta forma, procura que estas construções possam representar um investimento feito nestas pessoas e não um gasto com elas, como é muitas vezes visto. Segundo o arquitecto, “*extremely low-cost housing that can be a real means to overcoming poverty.*” (Aravena, 2011, p. 32). Foi neste sentido que incentivou a participação de outros arquitectos neste tipo de projectos, para que o problema pudesse reduzir a sua escala em menos tempo:

“Resolving the housing problem of the world’s poor requires action on a massive scale that can only be achieved by worldwide cooperation in the transfer of technology. Elemental is committed to developing projects together with local builders and governments around the world, transmitting its experience through specific projects.” (Aravena, 2011, p. 35)

O problema da habitação verifica-se na grande maioria dos países e deve assumir a mesma relevância que um projecto privado, uma vez que tem um grande impacto nas cidades e, acima de tudo, nas pessoas. É também por isso que disponibiliza no site da sua empresa (Elemental, s.d. [a]) o desenho das propostas que desenvolve segundo esta lógica, a que chama de “*ABC de la Vivienda Incremental*” (Elemental, s.d. [b]). Deste modo, assume o papel de activista e encara a arquitectura como um trabalho colectivo.

Um dos factores essenciais que aponta para este desenho é a introdução de elementos culturais e específicos das pessoas que se pretende alojar. Defende que é

18 Tendo envolvido a *Universidad Católica de Chile*, o Governo Chileno, através do programa *Chile-Barrio*, e a *COPEC* (empresa petrolífera chilena) (Castillo, 2008).

19 O projecto que realizam em 2008 em Monterrey (México) é exemplo.



Figura 2.21 Composição fotográfica das várias fases do processo de projecto do complexo habitacional *Quinta Monroy* (Iquique, 2004). [Fonte: <http://www.campesato.it>]

necessário conhecer as condicionantes em torno dos contextos sobre os quais se actua, no sentido de propor construções que realmente respondam aos problemas que se colocam, procurando então sintetizar a informação ao máximo para com ela gerar uma pergunta, que as suas obras procuram depois responder da forma mais eficaz possível. Segundo Aravena, só assim se consegue lidar com as situações na sua especificidade, que requerem soluções singulares (Aravena, 2015).

O contacto directo com os habitantes no sentido de compreender as circunstâncias locais e as poder incluir no projecto é, para este arquitecto, fundamental. Defende também a necessidade de confrontar o desenho desenvolvido com as pessoas que vão habitar a obra para que a possam compreender e aceitar, uma vez que são eles os clientes. A participação activa é tida como factor essencial ao sucesso que a obra em destaque neste capítulo revelou [ver figura 2.21]:

“Success was achieved by clearly identifying the restrictions and then working with the families themselves in participative workshops, proving feasibility on a local level.” (Aravena, 2011, p. 32)

Neste sentido, a arquitectura é aqui tomada como ferramenta e estratégia capaz de resolver problemas sociais, tomando o conhecimento dos contextos e o contacto com os habitantes como fundamental ao sucesso da proposta a concretizar, postura que se assemelha ao trabalho que o Grupo Talca desenvolve em Pinohuacho e por isso pertinente de serem comparados. Em ambos, verifica-se que a arquitectura procura servir de investimento no lugar, com o qual se pretende gerar um retorno económico que se reflecta numa melhoria da qualidade de vida dos seus residentes. Ainda, ambos se propuseram resolver um problema social de grande escala através de intervenções locais, que para ele contribuem. O que no caso do Grupo Talca é a migração para as cidades e com ela a desertificação do campo, no trabalho de Alejandro Aravena é o problema da habitação.

O problema da sobre-população das cidades deriva, em grande parte, da migração dos habitantes do campo para as cidades. Se o campo apresentar condições de vida favoráveis, esta vontade de deslocação para os meios urbanos reduz-se. Deste modo, previne-se também o abandono de lugares característicos e a consequente desertificação das zonas rurais. Já o problema da habitação, sobre o qual Alejandro Aravena se debruça, que pressupõe uma melhoria da qualidade de vida das pessoas a quem é atribuída residência em habitações de interesse social, é uma situação que na

realidade não se verifica. Alojadas em sítios com os quais não têm uma relação pre-estabelecida, e normalmente deslocadas para zonas periféricas, estas pessoas acabam por ser privadas do acesso a ferramentas fundamentais à criação de possibilidades de sair da sua condição de pobreza. Estas ferramentas, que foram apontadas pelos próprios habitantes da *Quinta Monroy*, e referidas no início deste sub-capítulo, existem normalmente em ambientes urbanos. Neste sentido, a criação de núcleos de habitação de interesse social nas cidades permite a estas pessoas o acesso a estas ferramentas, conferindo ao projecto uma perspectiva estratégica, em que a construção serve apenas para responder a uma intenção social concreta. Como em capítulos anteriores se comprovou, este pensamento verifica-se também no caso de Pinohuacho, ainda que a uma escala bastante reduzida, comparativamente à da *Quinta Monroy*.

Em ambos os casos, os arquitectos procuram divulgar os projectos no sentido de alertar outros profissionais, não só para o problema que identificam, mas também para as possibilidades e valências da sua abordagem que, pela forma como tomam os aspectos culturais e identitários do lugar em conta, se prova eficaz. Neste sentido, ambas as experiências foram alvo de publicações e exposições internacionais. Tendo, inclusivamente, Alejandro Aravena convidado o Grupo Talca para integrar a exposição da Bienal de Veneza de 2016, quando se apresentava como curador da exposição dessa edição.

É de reforçar que em ambas as situações, os arquitectos defendem que a forma de actuar depende de um reconhecimento local. Através da incorporação de aspectos culturais, pretendem a preservação dos valores de pertença e identidade que existem associados a ambos os lugares, que foram residência das pessoas em causa durante muitos anos. Ainda que um seja em solo urbano e outro em rural, a apropriação que deles foi feita qualifica-os como lugares com identidade própria e que dependem das pessoas que o originaram. Neste sentido, o contributo dos habitantes é tido como essencial e usado como o maior recurso à definição da obra. Ainda, dados os conhecimentos construtivos que estas pessoas revelavam ter e a vontade que demonstraram em participar na melhoria do seu espaço de habitar²⁰, o seu contributo na concretização da obra é também tido como fundamental. Deste modo, o seu envolvimento no processo permite não só uma obra adequada às circunstâncias específicas do lugar, mas também a construção de significado associado ao lugar e à obra que agora o integra.

20 Aspectos característicos da cultura chilena mas que nos contextos destas intervenções assumem maior significado.

Em ambos os casos a apropriação deu-se aquando do processo de decisão e formulação do desenho, uma vez que puderam fazer parte deste processo, algo que em Iquique se revelou de forma concreta, uma vez que os habitantes puderam começar a planear a forma como adaptar o espaço às suas circunstâncias individuais, antes da sua construção (Castillo, 2008).

Ambas as propostas procuram preservar a realidade que caracteriza o lugar e revelam-se pertinentes pela forma como interpretam e consideram os valores e elementos que os caracterizam no desenho da intervenção.

PARTE III - REFLEXÃO FINAL

HOMEM, LUGAR E ARQUITECTURA NO CONTEXTO CHILENO

HOMEM, LUGAR E ARQUITECTURA NO CONTEXTO CHILENO

A intervenção realizada em Pinohuacho, estudada no início desta dissertação, serve de exemplo de uma forma de interpretar e trabalhar o território que em muito caracteriza a cultura chilena. Apresenta-nos ainda questões pertinentes relativas à relação que o Homem estabelece com o seu lugar de habitar, conduzindo a uma reflexão sobre o papel da arquitectura e do arquitecto como profissional que actua sobre esta interacção.

Os restantes projectos apresentados reforçam a ideia da necessidade dos arquitectos em conhecer e procurar compreender o lugar onde vão intervir, no sentido de responderem aos problemas que este apresenta e agindo de acordo com as condicionantes que o definem. Os três projectos apresentados nesta dissertação, permitiram explorar os seguintes conceitos: a permanência de pessoas nos lugares para a sua manutenção, a preservação do legado construído pela adequação destas estruturas às exigências actuais, e a participação das pessoas no processo de elaboração da obra por forma a preservar a identidade associada ao lugar. Sendo que, as intenções das obras apresentadas partilham do mesmo objectivo: a preservação dos elementos e valores que caracterizam o lugar e lhe conferem a sua especificidade, para que o lugar possa prevalecer; esta parte procura reflectir criticamente sobre temas e conceitos específicos da relação entre o lugar e os seus habitantes, o papel da comunidade na construção do seu espaço de habitar e o valor do legado e da memória no ambiente construído. No sentido de justificar as reflexões apresentadas, serão incluídas passagens de alguns trabalhos de autores relevantes que se enquadram nos temas abordados e se revelam pertinentes pela perspectiva que introduzem.

Assim, numa procura por reflectir sobre a relação do Homem com o lugar e o valor da obra arquitectónica, quer para o lugar quer para os seus habitantes, procura-se sublinhar a relevância do enfâse que a cultura chilena coloca sobre este aspecto e o modo como se reflecte na qualidade do ambiente natural e construído do país. Os arquitectos chilenos têm conseguido dar resposta a esta problemática que surge de uma necessidade do país e que se revela fundamental para a cultura do mesmo. É por isso um tema fundamental de se analisar não só pela pertinência do contributo que representa para o pensamento da arquitectura nos dias de hoje, mas também pela sua contemporaneidade.

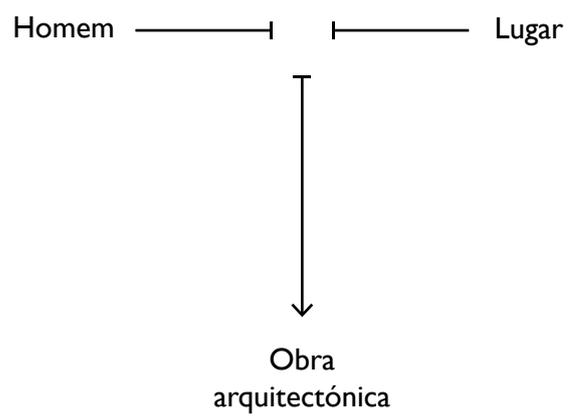


Figura 3.1 Do encontro do Homem com o lugar surge a obra arquitectónica.

[Fonte: Esquema realizado pela autora da dissertação]

Como foi referido nos capítulos anteriores, a especificidade do povo chileno está na relação das pessoas com o território. Considera-se agora necessário estudar em que consiste essa relação, já estudada, de forma mais generalista, por filósofos e arquitectos que fizeram importantes contributos para este tema e por isso pertinentes de considerar neste estudo. Como o capítulo 1.2 informou, o lugar resulta do encontro do Homem com o território. Desta interacção surgem formas de estar e habitar o lugar, que derivam de condicionantes culturais e individuais que acompanham estas pessoas e do seu confronto com as características específicas do local, no território onde decidem permanecer. Desta decisão surge depois a necessidade de construir infra-estruturas que possam alojar os habitantes, iniciando-se a caracterização do espaço físico do mesmo [ver figura 3.1]. Esta apropriação terá naturalmente de ser concordante com as condicionantes que o lugar integra e o exercício que permitirá definir uma “*manera de hacer local*” (Grupo Talca, 2015 [b]).

No primeiro capítulo vimos também que sem o Homem o lugar deixa de existir e com ele o legado cultural ali criado, resta analisar o significado que o lugar tem para o Homem e o porquê de ser tão importante preservá-lo, questão que os projectos apresentados ao longo da dissertação levantam.

Christian Norberg-Schulz, arquitecto norueguês que se dedica à fenomenologia em arquitectura, escreve *Genuis Loci*, em 1979, onde explora a relação entre o Homem e o lugar, reflectindo sobre o papel que a arquitectura nela desempenha. Para isso, começa por definir o lugar por aquilo que representa para o Homem. Segundo o autor, ao habitar o lugar o Homem não só o caracteriza, como também lhe confere significado e, neste sentido, este ultrapassa a condição de mero abrigo:

“Man dwells when he can orientate himself with an environment or, in short, when he experiences the environment as meaningful. Dwelling therefore implies something more than “shelter”. It implies that the spaces where life occurs are ‘places’, in the true sense of the word. A place is a space which has a distinct character.” (Norberg-Schulz, 1979, p. 5)

O significado que o lugar adquire deriva não só da relação de proximidade que o Homem com ele estabelece, ao caracterizá-lo, mas também pela forma como a apropriação permite imprimir valores próprios e culturais ao ambiente construído, conferindo-lhe assim a sua especificidade. Neste sentido, o lugar é caracterizado não só pelas suas

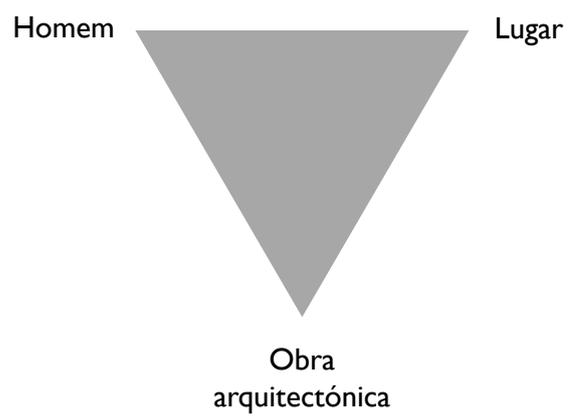


Figura 3.2 A relação entre os três elementos.

[Fonte: Esquema realizado pela autora da dissertação]

circunstâncias físicas mas também, e principalmente, pelo ambiente a ele associado, que deriva de quem o habita [ver figura 3.2]. Este autor define o lugar da seguinte forma:

“[...] the structure of place ought to be described in terms of “landscape” and “settlement”, and analyzed by means of the categories “space” and “character”, whereas “space” denotes the three-dimensional organization of the elements which make up a place, “character” denotes the general “atmosphere” which is the most comprehensive property of any place.”

(Norberg-Schulz, 1979, p. 11)

Assim, podemos concluir que o lugar é o espaço habitado. A “atmosfera” que o autor refere, contribui para a caracterização do lugar e deve por isso ser considerada em intervenções que nele se realizem. Neste sentido, o arquitecto tem que ser sensível a esta componente do lugar e procurar incluí-la na sua proposta, por forma a que os espaços que desenha possam tornar-se lugares, quando habitados:

“Since ancient times the ‘genius loci’, or “spirit of place”, has been recognized as the concrete reality man has to face and come to terms with in his daily life. Architecture means to visualize the ‘genius loci’, and the task of the architect is to create meaningful places, whereby he helps man to dwell.”

(Norberg-Schulz, 1979, p. 5)

Uma vez que o carácter que o lugar adquire depende das pessoas que o habitam, a sua participação na definição do desenho revela-se fundamental. É neste sentido que os projectos que incluem o contributo dos habitantes se revelam pertinentes, uma vez que quem informa o projecto é quem conhece o lugar e que depois o vai habitar. Os habitantes são por isso uma fonte primária no estudo que antecede o desenho da proposta a implementar e essencial ao sucesso da mesma:

“[...] the meaning of a building is related to its structure. Meaning and character cannot be interpreted in purely formal or aesthetic terms, but are [...] intimately connected with ‘making’.” (Norberg-Schulz, 1979, p. 65)

É importante referir que a participação na caracterização do espaço, por parte de quem o habita, existe sempre que o espaço permite ser apropriado. No caso dos projectos

participados, a aproximação que é feita à apropriação permite conduzir o projecto de forma apontada às condicionantes reais e interpretações individuais ou colectivas de quem o habita. Sendo que o habitante assume grande relevância na definição do lugar, como acima referido, o seu contributo revela-se mais do que necessário à adequação da intervenção ao contexto em que se insere. Como o caso de Pinohuacho nos mostrou, a apropriação do espaço a construir pode até ser feita antes da conclusão da obra, uma vez que neste projecto os habitantes participaram de forma activa nas várias fases do processo e por isso desde cedo lhe foram imprimindo significado.

A relação de proximidade que o Homem estabelece com o lugar em que habita, aqui mencionada, é também estudada por filósofos que contribuíram de forma pertinente para o exercício da arquitectura. Entre eles, Gaston Bachelard e Martin Heidegger revelam-se importantes de considerar neste estudo pela forma como abordam esta questão.

Em 1958, Gaston Bachelard escreve *The Poetics of Space*, que se centra nesta interacção. A pertinência deste livro está na forma como o filósofo francês explica a existência do “*character*” que Norberg-Schulz defende existir associado ao lugar, ainda que publicado posteriormente a este¹. Atribuindo ao espaço uma condição poética, este autor introduz a ideia de que, tal como a poesia, o espaço pode ter várias interpretações ditadas pelas memórias e o imaginário individual de cada pessoa. Assim, os temas são introduzidos por passagens de poemas de autores de relevo através dos quais pretende estabelecer um paralelo entre a multiplicidade de interpretações que se pode fazer dos espaços e a multiplicidade de espaços mentais que esta forma literária permite criar. A poesia, apesar de representar a partilha de uma experiência que pertence a quem a escreve, tem a capacidade de transmitir sensações e remeter para o imaginário individual do leitor, que transpõe a imagem apresentada para momentos e lugares que nele evocam esses sentimentos. Tal como poesia, que ao ser interpretada de forma particular pelo leitor, pode assumir inúmeros significados, o espaço pode ser habitado de várias formas, consoante a pessoa ou colectivo, e conter diversos usos, podendo suportar também inúmeros significados:

1 Ainda que o livro de Norberg-Schulz tenha sido posterior a este de Bachelard, é aqui abordado antes uma vez que é um estudo feito por um arquitecto e que revela também preocupações com o território. Neste sentido, *Genius Loci* aborda os temas sob o qual incide a reflexão, enquanto que o contributo dos filósofos referidos vem apenas comprovar a pertinência da posição de Norberg-Schulz. Assim, por uma questão de concordância e organização de temas é abordado antes.

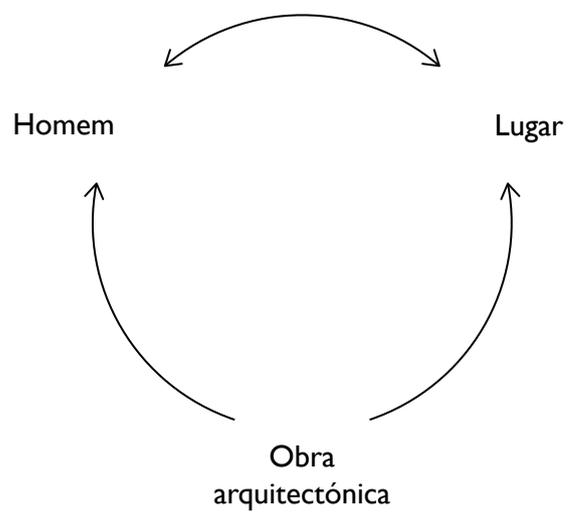


Figura 3.3 A relação de influência entre os três elementos.

[Fonte: Esquema realizado pela autora da dissertação]

“To give an object poetic space is to give it more space than it has objectivity; or, better still, it is following the expansion of its intimate space.”

(Bachelard, 2014, p. 218)

O livro *Poetry, Language, Thought* que o filósofo alemão, Martin Heidegger, escreveu em 1971, contribui com uma outra perspectiva sobre o tema da relação do Homem com o lugar, que se revela pertinente de incluir neste estudo. O capítulo *Building Dwelling Thinking* (Heidegger, 2001 [b]) assume destaque pela transposição que pode ser feita para o campo da arquitectura. Aqui, o autor segue esta ideia do espaço habitado de forma poética, indicando que as memórias e o imaginário das pessoas influenciam o modo como elas habitam e que, por isso, acabam por influenciar o próprio espaço:

“Man’s relation to locations, and through locations to spaces inheres in his dwelling. The relationship between man and space is none other than dwelling, strictly thought and spoken.” (Heidegger, 2001 [b], p. 155)

Deste modo, enquanto que Bachelard se centra no entendimento que o Homem tem do espaço, Heidegger reflecte sobre a influência que o Homem exerce sobre o espaço e o território que, naturalmente, deriva do entendimento que dele tem [ver figura 3.3]: *“We do not dwell because we have built, but we build and have built because we dwell, that is, because we are dwellers.”* (Heidegger, 2001 [b], p. 147). O acto de habitar é intrínseco à condição humana, traduzindo-se numa necessidade e não numa opção.

A reflexão que Norberg-Schulz apresenta em *Genius Loci* tem como base este capítulo do filósofo alemão, o que sublinha a pertinência em estudar outras áreas, fora do campo da arquitectura, que introduzem perspectivas pertinentes de temas sobre os quais esta também incide e que, por isso, a complementam.

Com a última reflexão percebe-se que o entendimento que cada um faz do espaço o caracteriza e é depois materializado nele. Neste sentido, podem fazer-se interpretações de aspectos culturais que acabam por ficar presentes no ambiente construído. Christopher Alexander, arquitecto austríaco, escreve *Timeless way of building* em 1979, onde, também através da alusão a imagens que exemplificam as situações que pretende abordar, revela a forma como a cultura se apropria do lugar e dá origem ao *“character”*, à identidade do mesmo. Ainda que cultura seja um conceito

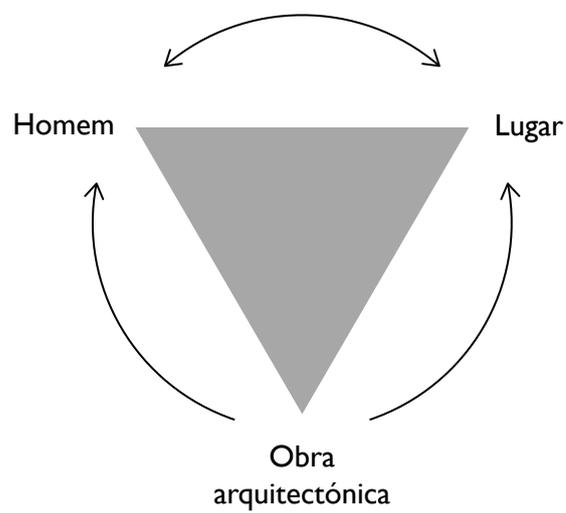


Figura 3.4 O que representa a relação entre os três elementos.

[Fonte: Esquema realizado pela autora da dissertação]

mais alargado, quando associado a um lugar e comunidade específica, adquire o valor de identidade, uma vez que já é um valor associado não apenas a pessoas, mas a pessoas na sua relação com um sítio específico. E por isso “*It is never twice the same, because it always takes its shape from the particular place in which it occurs.*” (Alexander, 1979, p. 26). Neste sentido, não é possível reproduzir em dois sítios as condicionantes que moldam um lugar e, por isso, gerar as mesmas respostas. Ainda, desta forma de habitar e apropriar o espaço, criam-se comportamentos e tradições que indicam as actividades locais e o modo como as pessoas se relacionam com o mesmo:

“Of course, the standard patterns of events vary very much from person to person, and from culture to culture. [...] But each town, each neighborhood, each building, has a particular set of these patterns of events according to its prevailing culture.” (Alexander, 1979, p. 68)

Impressos no ambiente construído, estes elementos permitem a possibilidade de leituras indicadoras da cultura local no próprio edificado [ver figura 3.4]. No entanto, apesar de a observação ser uma ferramenta fundamental ao trabalho do arquitecto, é, muitas vezes, insuficiente quando se tratam de intervenções em meios que adquiriram a sua forma pelas mãos dos seus habitantes. O arquitecto deve ser ciente desta relação e tomar o contributo de quem confere significado ao lugar nas suas intervenções. Solicitado para resolver um problema ou necessidade emergente, como os projectos descritos nos primeiros capítulos da dissertação mostraram, é apenas através do contacto directo com os habitantes do lugar, quem lhe confere significado, que se pode explorar as características do mesmo na sua essência e reproduzir algo que seja concordante ou que exprima estes valores, reconhecendo que este registo é importante para a memória colectiva do lugar e por isso pertinente de preservar.

A preservação destes significados requer que o lugar se adapte às circunstâncias do tempo, isto é, para que o lugar consiga responder de forma satisfatória às necessidades que se vão colocando, e persistir, há naturalmente alterações que têm de ser feitas. As alterações e diferenças entre o edificado existente e o novo indicam assim a passagem do tempo e a memória do lugar. A mudança das circunstâncias fica impressa no ambiente construído, tornando claras as raízes da comunidade. Estes elementos que são introduzidos na imagem do lugar são por isso elementos operativos uma vez que indicam uma vivência passada e influenciam as futuras.

O arquitecto, profissional com a capacidade e dever de interpretar valores culturais e locais, deve ajudar as comunidades a transpor estes valores para o ambiente construído, algo para o qual a escola de Talca procura preparar os seus alunos. O contexto chileno é também ciente desta componente do espaço e, pelos projectos e arquitectos apresentados ao longo desta dissertação, percebemos que procura incorporar estes valores nas suas intervenções arquitectónicas.

O valores culturais do país e a forte relação que a população estabelece com o território, que é o seu património, faz com que haja maior vontade dos mesmos em participar na sua caracterização e criar espaços com forte significado. Os arquitectos, que cresceram também sob esta influência, usam agora os seus conhecimentos para intervir numa realidade muito presente no país.

Todos os autores referenciados nesta reflexão apoiam-se em imagens e na poética para ilustrar a relação que o Homem tem com o lugar. Também em Pinohuacho, a obra dos miradouros procurou a mesma abordagem. Ao evocar uma imagem poética, os arquitectos conseguiram preservar a memória do lugar e introduzir uma nova forma de o habitar que permitirá a sua continuação. Naturalmente, à poética do espaço associa-se a poética da história do lugar e dos seus habitantes, que a forma como o projecto foi desenvolvido e delineado pretende também preservar.

LIVROS

Alexander, C. (1979). *Timeless way of building*. New York: Oxford University Press. [Consultado a 13 de Fevereiro de 2017, em: http://library.uniteddiversity.coop/Ecological_Building/The_Timeless_Way_of_Building_Complete.pdf]

Ascher, F. (2012). Os princípios do novo urbanismo. In François Ascher *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos. Um Léxico*. (pp. 78-95). Lisboa: Livros Horizonte. Primeira edição: 2001.

Bachelard, G. (2014). *The Poetics of Space*. New York: Penguin Group. First Edition: 1958.

Bandeirinha, J. A. (2007). *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Canotilho, P. (2008). *Habit: Arquitectura e a Problemática da Habitação*. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Heidegger, M. (2001) [a]. *Poetry, Language, Thought*. New York: Harper Perennial Modern Classics. First edition: 1971. [Consultado a 8 de Janeiro de 2017, em: http://ssbothwell.com/documents/ebooksclub.org__Poetry__Language__Thought__Perennial_Classics_.pdf]

Landry, C. (2008). *The Art of City-Making*. London: Earthscan. First Edition: 2006.

Mumford, L. (1970). *The culture of cities*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, Inc. First Edition: 1938.

Norberg-Schulz, C. (1979). *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*. Edinburgh College of Art Library. [Consultado a 13 de Fevereiro de 2017, em https://marywoodthesisresearch.files.wordpress.com/2014/03/genius-loci-towards-a-phenomenology-of-architecture-part1_.pdf]

Rudofsky, B. (1964). *Architecture Without Architects*. New York: MOMA. [Consultado a 5 de Outubro de 2016, em https://monoskop.org/images/d/d3/Rudofsky_Bernard_Architecture_Without_Architects_A_Short_Introduction_to_Non-Pedigreed_Architecture.pdf]

Tuan, Y. (2002). *Space and Place. The perspective of experience*. Minneapolis: University of Minnesota Press. First Edition: 1977.

Uribe Ortiz, J; Griborio, A. (Eds.) (2013). *TALCA, Cuestión de educación*. Talca: Arquine. [Consultado a 29 de Abril de 2017, em <https://www.scribd.com/doc/302912836/Talca-cuestio-n-de-educacio-n-Matter-of-education>]

Valenzuela, G. (Ed.) (2013). *Talca: Inédito*. Editora: Pequeño Dios Editores. [Consultado a 15 de Maio de 2017, em <http://www.pequeñodios.cl/wp-content/uploads/2015/10/TALCA-INEDITO2.pdf>]

ARTIGOS EM PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS E EM WEBSITES

Adrià, M. (2013). Habitar el territorio. In J. Uribe Ortiz, A. Griborio (Eds) *TALCA, Cuestión de educación* (pp. 17-28). Talca: Arquine. [Consultado a 29 de Abril de 2017, em <https://www.scribd.com/doc/302912836/Talca-cuestio-n-de-educacio-n-Matter-of-education>]

Aravena, A.; Montero, A; Cortese, T.; de la Cerda, E.; Iacobelli, A. (2004). Quinta Monroy. *ARQ* 57, jul. 2004, 30-33. [Consultado a 27 de Junho de 2017, em <http://www.scielo.cl/pdf/arq/n57/art07.pdf>]

Aravena, A. (2011). Elemental: A Do Tank. *Architectural Design*, profile 211, May/June 2011, 32-37. [Consultado a 1 de Julho de 2017, em https://issuu.com/sandraperez5/docs/15239_0470664924]

Baixas, J. (2005). Sobre la formación de los arquitectos. *ARQ* 61, dic. 2005, 17-24. [Consultado a 20 de Maio de 2017, em http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-69962005006100004]

Chatel, M. (2017). *En perspectiva: Alejandro Aravena*. [Consultado a 27 de Junho de 2017, em <http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/790041/en-perspectiva-alejandra-aravena>]

Conicyt (2005). *Elemental, la historia del proyecto que dignifica la vivienda social chilena*. [Consultado a 1 de Julho de 2017, em <http://www.conicyt.cl/fondef/2005/01/16/elemental-la-historia-del-proyecto-que-dignifica-la-vivienda-social-chilena/>]

Elemental (s.d.) [a]. [*Nosotros*. Consultado a 27 de Junho de 2017, em <http://www.elementalchile.cl/>]

Elemental (s.d.) [b]. [*ABC de la Vivienda Incremental*. Consultado a 27 de Junho de 2017, em <http://www.elementalchile.cl/projects/abc-of-incremental-housing/>]

Elemental (s.d.) [c]. [*Quinta Monroy*. Consultado a 27 de Junho de 2017, em <http://www.elementalchile.cl/projects/quinta-monroy/>]

Elemental (2007). *Quinta Monroy*. [Consultado a 27 de Junho de 2017, em <http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-2794/quinta-monroy-elemental>]

Escuela de Arquitectura de la Universidad de Talca (s.d.). [*Malla Curricular Plan 16*. Consultado a 4 de Junho de 2017, em: <http://www.arquitectura.ugal.cl/html/cursos.html>]

Espinoza, D. (2016). Trabajar con el paisaje: chilenos en la Bienal de Venecia. *La Tercera*. [Consultado a 8 de Junho de 2017, em <http://www.latercera.com/noticia/trabajar-con-el-paisaje-chilenos-en-la-bienal-de-venecia/>]

Espinoza, D. (2017). El arquitecto del patrimonio chilote gana el Premio Nacional. *La Tercera*. [Consultado a 21 de Junho de 2017, em <http://www.latercera.com/noticia/arquitecto-del-patrimonio-chilote-gana-premio-nacional/>]

Griborio, A. (s.d.). Enseñanza activa. *AT*, 96-100. [Consultado a 17 de Maio de 2017, em http://www.arquitectura.otalca.cl/docs/REVISTA_AT.pdf]

Griborio, A. (2013). Talca, objeto en cuestión. In J. Uribe Ortiz, A. Griborio (Eds) *TALCA, Cuestión de educación* (pp. 11-13). Talca: Arquine. [Consultado a 29 de Abril de 2017, em <https://www.scribd.com/doc/302912836/Talca-cuestio-n-de-educacio-n-Matter-of-education>]

GrupoTalca, (s.d.). [*Quienes Somos*. Consultado a 4 de Junho de 2017, em <http://www.grupotalca.cl>]

GrupoTalca (2015) [a]. *Procesos locales*. Talca: 7septimo. [Consultado a 4 de Junho de 2017, em http://www.grupotalca.cl/bodega/2014_GRUPOTALCA_portafolio.pdf]

Heidegger, M. (2001) [b]. Building Dwelling Thinking. In M. Heidegger *Poetry, Language, Thought* (pp. 141-159). New York: Harper Perennial Modern Classics. First edition: 1971. [Consultado a 8 de Janeiro de 2017, em: http://ssbothwell.com/documents/ebooksclub.org_Poetry_Language_Thought_Perennial_Classics_.pdf]

Larraín, F. (2004). *Vivienda social en Dalcahue Reciclaje Industrial en el Bordemar de la ciudad. Memoria de Título de la Carrera de Arquitectura. Facultad de Arquitectura y Urbanismo. Universidad de Chile, Santiago, Chile*. [Consultado a 21 de Junho de 2017, em http://www.tesis.uchile.cl/tesis/uchile/2004/larrain_f/sources/larrain_f.pdf]

Mansilla Torres, S.; Rojas, E. (2007). *Caminando por la cornisa de este planeta llamado Chiloé: Testimonio de Edward Rojas V., arquitecto*. [Consultado a 21 de Junho de 2017, em http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22012007000200017]

Marca Chile (2017). *Edward Rojas es el nuevo Premio Nacional de Arquitectura*. [Consultado a 21 de Junho de 2017, em <https://marcachile.cl/noticias/edward-rojas-es-el-nuevo-premio-nacional-de-arquitectura/>]

Montes, M. (2017). Entrevista a Edward Rojas. *Revista Planeo N° 31 Desarrollo Local, Marzo 2017*. [Consultado a 21 de Junho de 2017, em <http://revistaplaneo.cl/2017/03/22/entrevista-a-edward-rojas-cuando-hablamos-de-arquitectura-del-lugar-estamos-hablando-de-una-arquitectura-que-se-sustenta-en-los-inmanentes-escenciales-de-la-arquitectura-p/>]

Pallasmaa (2005). Toward an Architecture of Humility. In J. Pallasmaa *Encounters: Architectural Essays* (pp. 190-196). Helsinki: Rakennustieto.

Pastor Mellado, J. (2013). El montaje de una educación. In J. Uribe Ortiz, A. Griborio (Eds) *TALCA, Cuestión de educación* (pp. 187-202). Talca: Arquine. [Consultado a 29 de Abril de 2017, em <https://www.scribd.com/doc/302912836/Talca-cuestio-n-de-educacio-n-Matter-of-education>]

Proyecto Fondef (s.d.). “Elemental” - los mejores arquitectos del mundo diseñan nueva vivienda social en Chile. [Consultado a 1 de Julho de 2017, em <http://www.techo.org/paises/chile/wp-content/uploads/2016/08/CIS3-5-Elemental.pdf>]

- Rojas, E (s.d.). [*Perfil*. Consultado a 21 de Junho de 2017, em <http://www.edwardrojas.cl/arquitecto/>]
- Rojas, E. (2012). Nuestros tiempos isleños. Breve testimonio de una acción. *Revista A+C cuatro 2012 Escuela de Arquitectura Universidad de Santiago de Chile*, 119-136. [Consultado a 19 de Junho de 2017, em <http://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/amasc/article/viewFile/779/735>]
- Rojas, E. (2017) [a]. *Edward Rojas: Arquitectura de Chiloé, breve historia personal de una épica*. [Consultado a 21 de Junho de 2017, em <http://colegioarquitectos.com/noticias/?p=16479>]
- Rojas, E. (2017) [b]. *Edward Rojas, Premio Nacional de Arquitectura 2016: 'Necesitamos recuperar la tuición ética del ejercicio de nuestra profesión'*. [Consultado a 21 de Junho de 2017, em <http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/871376/edward-rojas-premio-nacional-de-arquitectura-2016-necesitamos-recuperar-la-tuicion-etica-del-ejercicio-de-nuestra-profesion>]
- Rojas, E.; Berg, L.; Ulloa, M. (s.d.). *Archipiélago de Chiloé – guía de arquitectura*. Chile: Junta de Andalucía. [Consultado a 21 de Junho de 2017, em <http://earchitecture.dk/onewebmedia/Chiloé.pdf>]
- Román, J. (2005). Dónde enseño arquitectura. *ARQ 61*, dic. 2005. [Consultado a 20 de Maio de 2017, em http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-69962005006100004]
- Román, J. (2011). Ondulaciones sobre las “obras de titulación” en la escuela de arquitectura de la Universidad de Talca. *Summa+117*, 124-131. [Consultado a 30 de Maio de 2017, em http://www.arquitectura.otalca.cl/docs/REVISTA_SUMMA.pdf]
- Sheward, R. (2007). *Reconversión de un territorio devastado*. [Consultado a 29 de Abril de 2017, em <http://pinohuacho.blogspot.com>]
- Sheward, R. (2010) [a]. *Parador-Mirador en Pinohuacho*. [Consultado a 29 de Abril de 2017, em <https://es.slideshare.net/ArquitecturaCaliente/rodrigo-sheward>]
- Sheward, R. (2010) [b]. Parador y mirador. Pinohuacho, Chile. *ARQ 74*, Abril 2010, 24-29. [Consultado a 30 de Maio de 2017, em <http://www.scielo.cl/pdf/arq/n74/art04.pdf>]
- Taller Puertazul (1981). Carta por Chiloé. *Revista ARS N° 4*, Santiago - Chile 1981.
- Tidy, A. (2005). Pensar arquitectura. *ARQ 61*, dic. 2005. [Consultado a 20 de Maio de 2017, em http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-69962005006100004]
- Uribe Ortiz, J. (2011) [a]. La Escuela de Arquitectura de la Universidad de Talca: un modelo de educación. *de-arq Revista de Arquitectura de la Universidad de los Andes*, 62-73. [Consultado a 19 de Maio de 2017, em <https://dearq.uniandes.edu.co/index.php/es/publicaciones/item/193-...de-arquitectura-de-la-universidad-de-talca-un-modelo-de-educacio-n>]
- Uribe Ortiz, J. (2011) [b]. Talca – an educational pattern. *Zeppelin magazine #99*, November 2011, 26-41. [Consultado a 17 de Maio de 2017, em http://www.arquitectura.otalca.cl/docs/ZEPPELIN_MAGAZINE.pdf]

Uribe Ortiz, J. (2013). La práctica académica de una academia práctica: La Escuela de Arquitectura de la Universidad de Talca. *Revista Trama 106*, Septiembre 2013, 58-62. [Consultado a 18 de Maio de 2017, em http://www.arquitectura.utralca.cl/docs/REVISTA_RAMA.pdf]

Uribe Ortiz, J.; Letelier Lara, V. (s.d.). El lujo de un território. *AT*, 91-96. [Consultado a 17 de Maio de 2017, em http://www.arquitectura.utralca.cl/docs/REVISTA_AT.pdf]

Zabalbeascoa, A. (2014). ¿La mejor escuela de arquitectura del mundo?. *EL PAÍS*, 12 May 2014. [Consultado a 12 de Maio de 2017, em http://elpais.com/elpais/2014/05/12/del_tirador_a_la_ciudad/1399873920_139987.html]

Zardini, M. (Ed.) (1999). Manuel de Solà: Progettare Città/ Designing Cities. 23. *Lotus Quaderni Documents*, 82-83. Milano: Electa.

ENTREVISTAS E APRESENTAÇÕES

Aravena, A. (2014) [a]. *Alejandro Aravena: My architectural philosophy? Bring the community into the process*. [Apresentação realizada a Outubro de 2014, no Rio de Janeiro (TEDGlobal 2014), e publicada por TED. Consultada a 27 de Junho de 2017, em https://www.ted.com/talks/alejandro_aravena_my_architectural_philosophy_bring_the_community_into_the_process]

Aravena, A. (2014) [b]. *La carrera artística y experiencia del arquitecto Alejandro Aravena*. [Entrevista realizada por cnnchile. Consultada a 1 de Julho de 2017, em <https://www.youtube.com/watch?v=5hGgY28fDRQ&t=1s>]

Aravena, A. (2015). *ArchDaily Entrevistas: Alejandro Aravena // ELEMENTAL*. [Entrevista realizada por ArchDaily. Consultada a 27 de Junho de 2017, em https://www.youtube.com/watch?v=VcabaWmS_GU]

Grupo Talca (2015) [b]. [Entrevista realizada por Dostercios em Santiago de Chile. Consultada a 29 de Abril de 2017, em <http://dostercios.cl/entrevista/grupo-talca>]

Grupo Talca (2016). *Teleproyecto N° 1230 - Grupo Talca, joven arquitectura chilena a partir de "lo que hay"*. [Apresentação publicada por Teleproyecto Fasano. Consultada a 29 de Abril de 2017, em https://www.youtube.com/watch?v=tSd__4YyDcY]

Grupo Talca (2017). [Entrevista realizada por Joana de Alarcão e Silva Coimbra Martins, no âmbito desta dissertação, a 2 de Março de 2017, por email]

Rojas, E. (2014) [a]. *edward rojas ::: arquitecto*. [Entrevista realizada por derejoCL em Chiloé. Consultada a 21 de Junho de 2017, em <https://www.youtube.com/watch?v=We2QDKl0q88>]

Rojas, E. (2014) [b]. [Entrevista realizada por Dostercios em Chiloé. Consultada a 21 de Junho de 2017, em <https://dostercios.cl/entrevista/edward-rojas-vega>]

Rojas, E. (2016). *Edward Rojas / arquitecto / Chiloé / Perrera TV*. [Apresentação publicada por Perrera TV. Consultada a 21 de Junho de 2017, em <https://www.youtube.com/watch?v=a58nQ8OLb3Y>]

Zegers, C. (2013). *Cazú Zegers: Arquitectura y territorio / entrevista completa*. [Entrevista realizada por CanalObservatorio em Santiago de Chile. Consultada a 8 de Junho de 2017, em <https://www.youtube.com/watch?v=px51dPK5Mlc>]

Zegers, C. (2016). *El Paisaje como patrimonio Américo Latino por Cazú Zegers*. [Apresentação publicada por ArchDaily. Consultada a 8 de Junho de 2017, em <https://www.youtube.com/watch?v=6ags307nxL0>]

VÍDEOS

Andes Workshop (2017) [a]. *Grupo TALCA p1 1*. [Consultado a 29 de Abril de 2017, em <https://vimeo.com/206750342>]

Andes Workshop (2017) [b]. *Grupo TALCA p2*. [Consultado a 29 de Abril de 2017, em <https://vimeo.com/206754333>]

Andes Workshop (2017) [c]. *Grupo TALCA p3*. [Consultado a 29 de Abril de 2017, em <https://vimeo.com/206757862>]

Andes Workshop (2017) [d]. *La Mirada de Pedro, Grupo_TALCA Pinohuacho – Bienal de arquitectura de Venecia 2016*. [Consultado a 29 de Abril de 2017, em <https://vimeo.com/206741738>]

Araya Toro, K. (2017). *Edward Rojas, un arquitecto del lugar*. [Video realizado e publicado por Pablo Casals Aguirre. Consultado a 21 de Junho de 2017, em <https://vimeo.com/200976748>]

Casals Aguirre, P. (2017) *Edward Rojas, un arquitecto del lugar*. [Consultado a 21 de Junho de 2017, em <https://vimeo.com/200976748>]

Castillo, P. (2008). *Documental del Proyecto Quinta Monroy en Iquique, Chile*. [Consultado a 27 de Junho de 2017, em <http://www.elementalchile.cl/en/projects/quinta-monroy/>]

- p. 16 **Figura 1.1** Mapa do Chile com referência à localização da cidade de Villarrica.
Desenho realizado pela autora da dissertação.
- p. 18 **Figura 1.2** Imagem aérea da região de Pinohuacho com indicação dos elementos circundantes.
Desenho realizado pela autora desta dissertação com base em imagens aéreas disponíveis online em: <https://www.google.pt/maps/> [Consultado a 20 de Julho de 2017].
- p. 18 **Figura 1.3** Imagem aérea de Pinohuacho e indicação da localização e disposição dos miradouros.
Desenho realizado pela autora desta dissertação com base em imagens aéreas disponíveis online em: <https://www.google.pt/maps/> [Consultado a 20 de Julho de 2017].
- p. 28 **Figura 1.4** Habitantes a participar no processo construtivo da obra.
Disponível online em: <http://www.cttmadera.cl/wp-content/uploads/2007/08/pinohauchopc10.jpg> [Consultado a 4 de Maio de 2017].
- p. 28 **Figura 1.5** Habitantes a participar no processo construtivo da obra.
Disponível online em: <http://www.grupotalca.cl/taller/index.php/en/obras-en/item/82-caseton-mirador-pinohuacho-chile-2006> [Consultado a 4 de Maio de 2017].
- p. 28 **Figura 1.6** Habitantes a participar no processo construtivo da obra.
Disponível online em: <http://www.grupotalca.cl/taller/index.php/en/obras-en/item/82-caseton-mirador-pinohuacho-chile-2006> [Consultado a 4 de Maio de 2017].
- p. 30 **Figura 1.7** Vista para o *Casetón-mirador*.
Disponível online em: http://estudiopalma.cl/upfiles/galerias/49efef00ad2ca_TAL-MIR-20.jpg [Consultado a 4 de Maio de 2017].
- p. 30 **Figura 1.8** Vista para o *Placa Mirador*.
Disponível online em: http://estudiopalma.cl/upfiles/galerias/49efefeb1f10_TAL-MIR-09.jpg [Consultado a 4 de Maio de 2017].
- p. 32 **Figura 1.9** Alçado Este do *Casetón-mirador*.
Disponível online em: <http://www.archdaily.com/4160/pinohuacho-observation-deck-rodrigo-sheward> [Consultado a 4 de Maio de 2017].
- p. 32 **Figura 1.10** Planta do *Casetón-mirador*.
Disponível online em: <http://www.archdaily.com/4160/pinohuacho-observation-deck-rodrigo-sheward> [Consultado a 4 de Maio de 2017].
- p. 32 **Figura 1.11** Alçado Norte do *Casetón-mirador*.
Disponível online em: <http://www.archdaily.com/4160/pinohuacho-observation-deck-rodrigo-sheward> [Consultado a 4 de Maio de 2017].
- p. 34 **Figura 1.12** Pormenor construtivo da composição das paredes do *Casetón-mirador*.
Disponível online em: <http://pinohuacho.blogspot.pt> [Consultado a 4 de Maio de 2017].

- p. 34 **Figura 1.13** Escantilhão que coloca em evidência o suporte do banco.
Disponível online em: <http://pinohuacho.blogspot.pt> [Consultado a 4 de Maio de 2017].
- p. 36 **Figura 1.14** Planta do *Placa Mirador*.
Disponível online em: <http://www.archdaily.com/4160/pinohuacho-observation-deck-rodrigo-sheward> [Consultado a 4 de Maio de 2017].
- p. 36 **Figura 1.15** Corte Transversal do *Placa Mirador*.
Disponível online em: <http://www.archdaily.com/4160/pinohuacho-observation-deck-rodrigo-sheward> [Consultado a 4 de Maio de 2017].
- p. 36 **Figura 1.16** Esquema de implantação dos miradouros.
Disponível online em: <http://pinohuacho.blogspot.pt> [Consultado a 4 de Maio de 2017].
- p. 38 **Figura 1.17** Fotografia do *Placa Mirador* no seu contexto.
Disponível online em: http://estudiopalma.cl/upfiles/galerias/49efeed7ab26_TAL-MIR-03.jpg [Consultado a 4 de Maio de 2017].
- p. 38 **Figura 1.18** Fotografia do *Casetón-mirador* no seu contexto.
Disponível online em: <http://www.cttmadera.cl/wp-content/uploads/2007/08/pinohuachoinv2.jpg> [Consultado a 4 de Maio de 2017].
- p. 58 **Figura 1.19** Fotografia do *Casetón-mirador* em Pinohuacho.
Disponível online em: http://estudiopalma.cl/upfiles/galerias/49efeeff185a3_TAL-MIR-12.jpg [Consultado a 4 de Maio de 2017].
- p. 58 **Figura 1.20** Fotografia do interior do *Casetón-mirador* em Pinohuacho.
Disponível online em: https://farm3.static.flickr.com/2402/5807548412_9a3afc21b3_b.jpg [Consultado a 23 de Setembro de 2017].
- p. 60 **Figura 1.21** Fotografia do *Casetón-mirador* na Bienal de Veneza de 2016.
Disponível online em: http://www.laderasur.cl/wp-content/uploads/2016/10/GT_F_MIR_20.jpg [Consultado a 23 de Setembro de 2017].
- p. 60 **Figura 1.22** Fotografia do *Casetón-mirador* na Bienal de Veneza de 2016.
Disponível online em: http://www.laderasur.cl/wp-content/uploads/2016/10/GT_F_MIR_23.jpg [Consultado a 23 de Setembro de 2017].
- p. 62 **Figura 1.23** Fotografia do interior do *Casetón-mirador* na Bienal de Veneza de 2016.
Disponível online em: <http://www.archdaily.com.br/br/790397/bienal-de-veneza-2016-reporting-from-chile-ou-do-chile-para-o-mundo>
- p. 74 **Figura 1.24** Mapa do Chile com referência à localização da cidade de Talca.
Desenho realizado pela autora da dissertação.

- p. 122 **Figura 2.1** Mapa do Chile com referência à localização da Ilha de Chiloé.
Desenho realizado pela autora da dissertação.
- p. 124 **Figura 2.2** *Palafitos*, construções típicas de Chiloé.
Disponível online em: <http://images.adsttc.com/media/images/591b/1f00/e58e/ced8/ef00/0222/slideshow/015.jpg?1494949628> [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 132 **Figura 2.3** *Techo Feria de Dalcahue* (Chiloé, 1978).
Disponível online em: <http://www.edwardrojas.cl/wp-content/uploads/2014/10/Imagen1.jpg> [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 134 **Figura 2.4** Fotografia do interior do *Techo Feria de Dalcahue* (Chiloé, 1978).
Disponível online em: http://cdn.plataformaurbana.cl/wp-content/uploads/2014/02/1393364434_feria_de_artesan__as_dalcahue_4-528x352.jpg [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 134 **Figura 2.5** Fotografia do exterior do *Techo Feria de Dalcahue* (Chiloé, 1978).
Disponível online em: http://cdn.plataformaurbana.cl/wp-content/uploads/2014/02/1393364467_feria_de_artesan__as_dalcahue_8-1000x666.jpg [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 136 **Figura 2.6** *Techo Feria de Dalcahue* (Chiloé, 1978), visto da praia.
Disponível online em: <http://www.edwardrojas.cl/wp-content/uploads/2014/10/techoferiadalcahue006.jpg> [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 136 **Figura 2.7** Técnica tradicional de revestimento de coberturas em Chiloé: *tejuelas*.
Disponível online em: http://images.adsttc.com/media/images/533d/b6b0/c07a/80d9/e300/0005/large_.jpg/IMG_2960.jpg?1396553366 [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 138 **Figura 2.8** Entrada para a *Feria de Dalcahue* (Chiloé, 1978).
Disponível online em: [http://3.bp.blogspot.com/-zXKp3DBrH28/UnmQX61cxOI/AAAAAAAAAASQ/8STHxNOsPYQ/s0-c/Dalcahue+\(Isla+Chiloé\)+\(47\).JPG](http://3.bp.blogspot.com/-zXKp3DBrH28/UnmQX61cxOI/AAAAAAAAAASQ/8STHxNOsPYQ/s0-c/Dalcahue+(Isla+Chiloé)+(47).JPG) [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 148 **Figura 2.9** Mapa do Chile com referência à localização da cidade de Iquique.
Desenho realizado pela autora da dissertação.
- p. 150 **Figura 2.10** Fotografia do acampamento *Quinta Monroy* (Iquique) antes da intervenção.
Disponível online em: http://4.bp.blogspot.com/-aZsdbxYKHKg/T2apmdv_l6I/AAAAAAAAAAuU/WQSVGHHh194/s1600/situacion+original+2.jpg [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 154 **Figura 2.11** Esquema das tipologias consideradas.
Disponível online em: <http://www.disenarquitectura.cl/sitio-2015/wp-content/>

uploads/2015/10/disenoarquitectura.cl-quinta-monroy-alejandro-aravena-esquema-propuesta-2.jpg [Consultado a 7 de Julho de 2017].

- p. 154 **Figura 2.12** Esquema “*Edificio Paralelo*”.
Disponível online em: <http://www.disenoarquitectura.cl/sitio-2015/wp-content/uploads/2015/10/disenoarquitectura.cl-quinta-monroy-alejandro-aravena-esquema-propuesta-1-1024x296.jpg> [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 156 **Figura 2.13** Esquema do modelo da habitação.
Disponível online em: <http://www.disenoarquitectura.cl/sitio-2015/wp-content/uploads/2015/10/disenoarquitectura.cl-quinta-monroy-alejandro-aravena-croquis-idea-aravena.jpg> [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 158 **Figura 2.14** Fotografia das reuniões com os habitantes. Processo de projecto do complexo habitacional *Quinta Monroy* (Iquique, 2004).
Disponível online em: <http://www.disenoarquitectura.cl/sitio-2015/wp-content/uploads/2016/04/disenoarquitectura-alejandro-aravena-chileno-ganador-pritzker-participacion-ciudadana.jpg> [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 160 **Figura 2.15** Planta de implantação do complexo habitacional *Quinta Monroy* (Iquique, 2004).
Disponível online em: http://laboratoriovivienda21.com/magazine/wp-content/uploads/2013/01/ele_c.jpg [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 162 **Figura 2.16** Fotografia do exterior do complexo habitacional *Quinta Monroy* (Iquique, 2004).
Disponível online em: <http://images.adsttc.com/media/images/5010/2df1/28ba/0d42/2200/0ff7/newsletter/stringio.jpg?1414338615> [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 164 **Figura 2.17** Fotografia do interior das habitações do complexo habitacional *Quinta Monroy* (Iquique, 2004).
Disponível online em: http://images.adsttc.com/media/images/5010/2e37/28ba/0d42/2200/1004/medium_jpg/stringio.jpg?1414338644 [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 164 **Figura 2.18** Fotografia do interior das habitações do complexo habitacional *Quinta Monroy* (Iquique, 2004).
Disponível online em: <http://laboratoriovivienda21.com/magazine/wp-content/uploads/2013/01/imagen-4.jpg> [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 166 **Figura 2.19** Fotografias comparativas do exterior do complexo habitacional *Quinta Monroy* (Iquique, 2004) logo após a sua construção e depois da apropriação pelos seus habitantes.
Disponível online em: http://www.arcspace.com/CropUp/-/media/918138/Quinta_Monroy_Update_Image%2003.jpg [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 168 **Figura 2.20** Fotografias comparativas do interior das habitações do complexo habitacional *Quinta Monroy* (Iquique, 2004) logo após a sua construção e depois de habitadas.

Disponível online em: http://www.spatialagency.net/2009/09/23/elemental_6-960x448.jpg
[Consultado a 7 de Julho de 2017].

- p. 170 **Figura 2.21** Composição fotográfica das várias fases do processo de projecto do complexo habitacional *Quinta Monroy* (Iquique, 2004).
Disponível online em: <http://www.campesato.it/wp-content/uploads/2015/08/focusarchitettura.wordpress-com.jpg> [Consultado a 7 de Julho de 2017].
- p. 180 **Figura 3.1** Do encontro do Homem com o lugar surge a obra arquitectónica.
Esquema realizado pela autora da dissertação.
- p. 182 **Figura 3.2** A relação entre os três elementos.
Esquema realizado pela autora da dissertação.
- p. 186 **Figura 3.3** Arelação de influência entre os três elementos.
Esquema realizado pela autora da dissertação.
- p. 188 **Figura 3.4** O que representa a relação entre os três elementos.
Esquema realizado pela autora da dissertação.

ANEXOS

ENTREVISTA AO GRUPOTALCA

No sentido de clarificar as motivações associadas aos projectos e posições que os arquitectos do Grupo Talca apresentam, procedeu-se a uma entrevista que incide sobre os aspectos fundamentais à sua prática profissional.

Realizada a 2 de Março de 2017, via e-mail, a entrevista procura primeiro compreender se há de facto uma metodologia associada à sua forma de trabalhar e quais as referências que desempenham um papel determinante para a forma como conduzem a sua actividade profissional. Trata depois de esclarecer a forma como desenvolvem os processos que apresentam até à data e o que consideram ser o papel do arquitecto nos dias de hoje.

Uma vez que o *Casetón-mirador* de Pinohuacho derivou do seu lugar de implantação e passou depois a conferir-lhe significado, procura-se também perceber o que aconteceu à obra e ao lugar quando esta foi deslocada, temporariamente, para Veneza, onde esteve exposta na Bienal de 2016. Sendo que esta exposição teve lugar há apenas um ano, esta entrevista revela uma informação inédita, uma vez que este aspecto da obra não foi ainda referido nas publicações disponíveis sobre o que aconteceu a Pinohuacho após este acontecimento. É uma obra que expõe, de forma bastante explícita, o valor que o tempo pode assumir nas obras de arquitectura, a importância que a visibilidade internacional das mesmas pode ter para o lugar onde estão inseridas e para a preservação de valores locais e tradicionais, associados à identidade do mesmo, e por isso fundamental de incluir na conversa.

Em suma, é uma fonte primária determinante para o esclarecimento de alguns temas apresentados ao longo desta dissertação e que as referências bibliográficas encontradas não conseguiam suportar na totalidade.

Se puede decir que hay una metodología asociada al trabajo del Grupo? Se si, como surgió?

No creemos que hayamos definido una metodología sino que una manera de hacer y la diferencia está en que la metodología responde mas a un pensamiento científico respecto del problema y la manera de hacer es la respuesta que cada caso exige construir específica. Acá es donde en algunos casos el oficio será preponderante, en otros, la materia y no el oficio, en otros casos la relación con el paisaje o tal vez todos juntos o se sume algún factor nuevo. Lo que creemos es que cada caso supone descubrir esa manera de hacer que ya existe en el lugar y diseñar con ella.

Cuales son las referencias que han sido determinantes para ustedes en términos de intenciones, conceptos y autores?

Principalmente las referencias han sido desde las mismas comunidades, nuestros referentes son aquellos que tal vez sin saberlo ya viven con una manera de hacer que lo ha definido el mismo territorio, las comunidades que habitan en un orden natural el territorio.

Nos definió mucho haber estudiado en la escuela de arquitectura de la universidad de Talca, haber tenido como maestro a Juan Román y a Cazú Zegers en esos años de estudiante y con quienes compartimos hasta el día de hoy mucho intereses y experiencias desde el punto de vista del hacer y académico.

El Grupo empezó en la escuela de Talca, con el taller del oficio, que permite a los estudiantes construir con y en la propia realidad. Son proyectos de ámbito social que tienen en vista el cambio de un espacio que es de todos pero que pertenece a una comunidad específica. Son encargos que uno hace como estudiante pero casi nunca logra hacerlos en la profesión. De todos modos, ustedes siguieron haciendo este tipo de proyectos. Como fue posible, en términos de sustento? Y en que sentido es distinto hacerlo en la escuela y afuera?

Si hablamos de sustentarnos con ese tipo de auto encargos podríamos decir que no podemos completamente por lo que debemos actuar en una doble militancia y tener un trabajo de lunes a viernes que permita mantenernos y pensar en sábado, domingos o festivos para destinarle tiempo a eso que nos gusta y que realmente creemos, ahí entra la familia y no es fácil, creo que se sustenta por el puro hecho de ser felices haciéndolo lo que se transmite a nuestra esposa e hijos.

Hacer clases en la escuela te permite tener tiempo para indagar y avanzar en cosas que el día a día no te lo permite y también en tomar a una generación joven y transmitirle principalmente valores que uno cree pueden serle útiles una vez estén enfrentados al medio y estando fuera puedes conjugar esas investigaciones que abren campo y ponerlas en practica , creo que es un ida y vuelta necesario

Este tipo de arquitectura estratégica que supone la rehabilitación social de un lugar no se hace por medio de encargos individuales, o sea, no es para un solo cliente si no que para una comunidad o colectivo. Me parece, que normalmente las comunidades no tienen la capacidad de identificar el problema y por eso no solicitan los servicios del arquitecto. Si no hay una solicitud, como es que el arquitecto se encuentra con estas propuestas?

Justamente como dices, no hay una solicitud, por lo que creemos que el arquitecto debe salir de la oficina esperando el encargo específico o el llamado telefónico que le salva el mes y debe salir al territorio a construir encargos pero no desde el punto de vista económico principalmente sino teniendo la visión de que esa construcción y auto solicitud es necesaria para el buen desarrollo territorial donde no estamos llegando por lo que nuestra presencia es fundamental junto a otras disciplinas. Cuando se reconoce un problema es cuando comienza el trabajo de comunicar a la comunidad, o comunidades, de en lo que se está trabajando y de involucrarlos en algo que beneficia a ellos mismos que tal vez no había previsto como puede ser la migración de las generaciones jóvenes a la ciudad y la desaparición de los poblados rurales.

Como es que encaran cada lugar y analizan sus necesidades? Este proceso, que incluye la participación de los habitantes, supone una metodología distinta?

Como te contábamos al principio no hay metodología sino que hay una manera de hacer, pues se aleja un poco del pensamiento científico y se acerca más al de las relaciones humanas y el que hacer local. Acá no hay ningún descubrimiento sino que toda la información está ahí mismo, en las personas y su territorio y uno de cierta manera está preparado para catalizar esta información, ordenarla y proponer la mejor solución con el menor gasto de recursos posibles con el mayor impacto positivo posible como se hizo en el caso de Pinohuacho en donde los hijos volvieron a vivir con los padres y ahora trabajan juntos desarrollando sustentablemente su territorio.

En su discurso dicen que el entorno es un factor esencial a la creación de la obra, lo que en verdad va originarla, cierto? Que ocurrió al llevar el Mirador de Pinohuacho para Venecia? A la obra y al lugar?

Lo que ocurre es que ahora, a su regreso a Pinohuacho, el alcalde de Villarrica es quien solicita una reunión con Pedro el leñador para ofrecerle todo el apoyo en lo que necesite, futuros proyectos, conectividad caminera y de comunicaciones, etc. haber llevado el mirador es un medio para poder seguir desarrollando el territorio pero ahora con ayuda del gobierno e instituciones que antes no creían en el proyecto.

Haber llevado el mirador es haber hecho posible que un leñador y un carpintero de la cordillera de los Andes puedan contar esa historia de voluntad por permanecer en su territorio al mundo, cosa que creemos puede servir para muchos casos similares.

Creer que hay una temporalidad asociada a las obras? En el sentido que solamente existen para cumplir un objetivo que ultrapasa su condición física y por eso cuando su intención se cumple pierden su importancia o significado en el lugar?

En un principio, al llevar el mirador a Venecia pensábamos que eso podía ser así, ahora en la vuelta creemos que esa postal creada el 2006 que ya cumplió su función primaria, posee otro valor en el tiempo cuando es capaz de permanecer y de seguir construyendo el relato de un pueblo.

Creem que hay que cambiar la forma de ver y hacer arquitectura en los días de hoy? Que hoy día el rol del arquitecto va más allá de la tradicional arquitectura de encargo?

Creemos que todos los campos son necesarios, ahora se están abriendo nuevos campos y es necesario que muchos arquitectos sentemos las bases e investiguemos sobre esto, cada esfuerzo es valido, desde el punto de vista tradicional hasta el punto de vista de quienes vamos donde el arquitecto no llega.

Ahora si creemos que deberíamos en todos los campos poner el énfasis en el hombre y no en las cosas y creo que si nos focalizamos en aquello podremos desarrollar ciudades o territorios mas dignos y menos degradados.

Cuales son los planos del Grupo para el futuro?

En estos momentos nos encontramos desarrollando un workshop que lo impartiremos dos veces al año durante dos meses cada vez en donde un mes será de investigación y otro mes de construcción donde trabajaremos con comunidades de la cordillera de los Andes y pensaremos y detonaremos junto a los participantes y las comunidades estos territorios frágiles para que sean desarrollados por ellos mismos en contraposición a el pensamiento degradativo y extractivo con el cual se opera actualmente sobre este territorio que es nuestro patrimonio, tal como para Europa sus edificios y templos son su patrimonio, para Latinoamérica es nuestro territorio y paisaje ese patrimonio que debemos cuidar y desarrollar junto a quienes entienden su valor.

